

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Pós- Graduação em Ciências da Religião

ADDY CARVALHO JUNIOR

**O PEDOBATISMO CRISTÃO:
APROXIMAÇÕES E CONTRASTES ENTRE O BATISMO
PRESBITERIANO E O CATÓLICO ROMANO.**

**SÃO PAULO
2014**

ADDY CAVALHO JUNIOR

**O PEDOBATISMO CRISTÃO:
APROXIMAÇÕES E CONTRASTES ENTRE O BATISMO PRESBITERIANO E
O CATÓLICO ROMANO.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência para a obtenção do Título de Mestre em Ciências da Religião no Curso de Pós-Graduação *Stricto Senso* em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, sob a orientação da Prof^a Dr^a Lidice Meyer Pinto Ribeiro.

São Paulo
2014

C331p Carvalho Junior, Addy

O pedobatismo cristão: aproximações e contrastes entre o batismo presbiteriano e o católico romano / Addy Carvalho Junior – 2014.

138 f.: il.; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

Orientador: Profa. Dra. Lidice Meyer Pinto Ribeiro

Bibliografia: f. 131-138

1. Batismo 2. Pedobatismo 3. Igreja Presbiteriana 4. Igreja Católica I. Título

LC BV803

ADDY CARVALHO JUNIOR

**O PEDOBATISMO CRISTÃO:
APROXIMAÇÕES E CONTRASTES ENTRE O BATISMO PRESBITERIANO
E O CATÓLICO ROMANO**

Aprovada em:

_____ de _____ de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Lidice Meyer Pinto Ribeiro
Universidade Presbiteriana Mackenzie
Orientadora

Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos
Universidade Metodista de São Paulo

Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira
Universidade Presbiteriana Mackenzie

AGRADECIMENTOS

Ao longo desses dois anos de mestrado aprendi bastante, fiz amigos, reavaliei posições, mas, principalmente, entendi que o homem nunca pode descansar no aprendizado.

Aqui tento minimamente expressar minha gratidão a todos que foram imprescindíveis na realização desse trabalho:

A Deus por tudo.

À minha esposa Cláudia, companheira amada e verdadeira auxiliadora; aos meus queridos filhos, Gabriela, Raquel e Victor, certeza da existência de milagre, milagre que traz alegria abundante à minha vida.

Aos meus pais que me ensinaram o caminho da salvação, a valorização do aprendizado, e o que significa fazer parte da família da Aliança; aos meus irmãos pela amizade e companheirismo.

À minha sogra D. Jodair, pelo apoio na logística, tratando meus filhos como “mais que filhos”.

À amada igreja Presbiteriana Betel e à Congregação Presbiteriana no Imirim, nas quais sirvo a Deus; ao Rev. Luthero de Aguiar; ao Conselho pelo apoio e incentivo; aos meus apoiadores e incentivadores: Rev. João Batista de Almeida e Rev. Christian Medeiros.

A meus professores da Pós-graduação, Mestrado em Ciências da Religião, cujos ensinamentos foram fundamentais na minha formação, de uma forma muito especial a Lidice Ribeiro, que na orientação desse trabalho foi sempre compreensiva, paciente e competente.

À Igreja Presbiteriana do Brasil, na figura do Instituto Presbiteriano Mackenzie, em propiciar esta oportunidade de estudo e desenvolvimento, tanto acadêmico, como ministerial e pessoal.

À secretária do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Dagmar Dollinger, pela paciência, bondade e presteza.

“Também nós, antigamente, éramos insensatos, desobedientes, extraviados, escravos de todo tipo de paixões e prazeres, vivendo na perversidade e na inveja, dignos de ódio e odiando-nos uns aos outros. Mas a bondade e o amor de Deus, nosso Senhor, se manifestaram. Ele nos salvou, não só por causa dos atos justos que tivéssemos praticado, **mas porque fomos lavados** por sua misericórdia através do poder regenerador e renovador do Espírito Santo. Deus derramou abundantemente o Espírito sobre nós, por meio de Jesus Cristo nosso Salvador, para que, justificados por sua graça, nós nos tornássemos herdeiros da esperança da vida eterna.” (Gl 4,5).

“O que entendo por batismo, é assegurar que a criança chegue ao céu, caso aconteça algo. A chamada apólice de seguro espiritual.” John Locke, personagem da série LOST.

CARVALHO JR., A. O Pedobatismo cristão: aproximações e contrastes entre o batismo presbiteriano e o católico romano. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

RESUMO

O batismo como ritual de purificação tem sido praticado desde as mais antigas religiões. É com os cristãos que esta prática torna-se um ritual de iniciação em uma determinada comunidade. No entanto, ao longo da história, por causa também do surgimento de diversas denominações cristãs, esta prática tem sofrido ataques e diversas alterações.

O objetivo da presente pesquisa é fazer uma descrição comparativa entre o batismo infantil na Igreja Católica Romana e na Igreja Presbiteriana, destacando suas semelhanças e diferenças.

Mostramos que a doutrina do pedobatismo nas duas igrejas é diferente, mas na prática e também no imaginário popular, tem suas semelhanças.

Também mostramos a necessidade do ensino nas igrejas, para que este Sacramento seja não somente aplicado nas igrejas, mas para que os membros entendam porque batizam os filhos.

Palavras-chave: Batismo. Pedobatismo. Igreja Católica. Igreja Presbiteriana.

CARVALHO JR., A. O Pedobatismo cristão: aproximações e contrastes entre o batismo presbiteriano e o católico romano. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

ABSTRACT

The baptism as a ritual of purification has been practiced since the older religions. With the christians, this practice becomes a ritual of initiation in a determinate community. But, over history, also because of the appearance of lots of christians denominations, this practice has been suffering attacks and lots of alterations.

The objective of this research is make a comparative description between the infant baptism in the Roman Catholic Church and in the Presbyterian Church, emphasizing similarities and differences.

We show that the pedobaptism doctrin in both churchs is different, but in practice and also in the popular belief has yours similarities.

We also show the need for teaching in churchs, for this Sacrament be not only applied on churchs, but for the members understand why they baptizes they children.

Key-words: Baptism. Pedobaptism. Catholic Church. Presbyterian Church

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1. O Batismo no decorrer dos tempos.....	13
1.1. Origem do Batismo Cristão.....	15
2. Os Fundamentos Históricos do Batismo Infantil Cristão.....	22
3. O Batismo Infantil Cristão através das Épocas.....	24
3.1. O Batismo Infantil no Período Vétero Testamentário.....	24
3.2. O Batismo Infantil no Período Neo Testamentário.....	27
3.2.1. O silêncio do Novo Testamento sobre o Batismo Infantil Cristão.....	29
3.3. O Batismo Infantil no Período Patrístico.....	32
3.4. O Batismo Infantil nos Períodos dos Credos e das Confissões.....	36
3.5. O Batismo Infantil quanto às Oposições.....	42
4. O Batismo Infantil na Igreja Católica Romana.....	44
4.1. A Relação entre Batismo Infantil e Padrinhos na Igreja Católica.....	55
4.2. A Relação entre Batismo Infantil e Exorcismo na Igreja Católica.....	62
4.3. A Relação entre Batismo Infantil e <i>Limbus Infantus</i> na Igreja Católica.....	66
4.4. Cerimonial do Batismo Infantil na Igreja Católica.....	73
5. O Batismo Infantil na Igreja Presbiteriana.....	88
5.1. O cerimonial na Igreja Presbiteriana.....	99
6. A Relação entre Batismo Infantil e Água.....	101
7. Rebatismo.....	112
Considerações Finais.....	124
Bibliografia.....	131

Foto¹

INTRODUÇÃO

A Igreja Cristã tem várias vertentes. A igreja conhecida como cristã em todo o mundo tem fatores identificadores comuns: nome pela qual é chamada; o nome pelo qual seus seguidores gostam de ser chamados - cristãos; alguns símbolos (Bíblia, cruz, ícones, etc.); a guarda do Dia do Senhor no sábado ou no domingo; mas, a partir de uma análise mais próxima, vemos muitas diferenças: rituais, vestimentas, festas, etc.

Muitas são as críticas feitas por diversas denominações evangélicas que identificam os presbiterianos com os católico-romanos, principalmente com respeito ao batismo infantil. Alguns afirmam que tal prática na Igreja Presbiteriana não é bíblica, mas resquícios da igreja católica romana. Esta concepção de algumas igrejas leva a uma série de desdobramentos práticos.

¹No óleo sobre tela “Batizado de Macunaíma”, de 1956, Tarsila do Amaral retrata a cerimônia batismal da criança Macunaíma.

É praxe, por exemplo, as igrejas afiliadas à Convenção Batista Brasileira negarem a Ceia do Senhor aos presbiterianos batizados na infância enquanto não forem rebatizados. Se uma pessoa batizada na infância pedir transferência para uma igreja que faz parte dessa Convenção, ela terá que definir se aceita ou não o rebatismo. A aceitação ou rejeição do pedobatismo também traz implicações sobre qual o conceito correto de Igreja, e qual o lugar das crianças no Corpo de Cristo. Até mesmo a forma como os diferentes pactos entre Deus e o Seu povo são vistos, ou qual o verdadeiro papel dos sacramentos são questões influenciadas por este tema.

O presente estudo visa contribuir para uma maior clareza do assunto, mostrando que diferenças entre conteúdos podem ser reinterpretáveis, visto que a Igreja Católica Romana e a Igreja Presbiteriana são as que mais divergem na parte mais profunda da questão, principalmente na base histórica e inicial, ou onde as duas resgataram o ensinamento: No que diz respeito ao dilema entre a eleição divina e o livre arbítrio humano.

É necessário considerar também que existem muitas semelhanças no batismo das crianças nas duas igrejas, levando em consideração a parte prática, ou no modo e forma como as igrejas aplicam o batismo.

Para a realização deste estudo, foi feita a revisão bibliográfica de credos, confissões de fé e livros de autores representativos das duas posições. Inicialmente, foi descrito o desenvolvimento histórico do conceito e da prática do batismo, destacando a origem e também o período inicial da igreja cristã. A seguir, cada posição recebeu um capítulo à parte, onde foram analisados seus credos ou confissões de fé, juntamente com exemplos de autores que seguem os padrões confessionais.

Cabe mencionar o capítulo sobre rebatismo, prática que destaca as diferenças de mentalidade das igrejas, questão que tem atraído controvérsias e dificuldades no decorrer dos tempos. Há um legado de Optato de Mileve e de Santo Agostinho, os quais, em controvérsia com o Donatismo, um movimento cismático dos séculos IV e V, defenderam que a validade do batismo não depende da dignidade de quem o administra, mas de Cristo, autor dos sacramentos. A Reforma Protestante do século XVI manteve a concepção

agostiniana, com exceção de sua ala radical. O que observamos são várias interpretações no decorrer do tempo, alterando, assim, suas normas estabelecidas nas igrejas.

Com relação às duas igrejas, destacamos também a questão prática, ou cerimônias e seus símbolos. No final, apontamos as posições das duas igrejas, mostrando suas aproximações e contrastes.

Sem dúvida alguma, o conceito e a prática do batismo se desenvolveram ao longo da história, sendo anteriores a época do Antigo Testamento - livro sagrado dos judeus, e passando pela igreja primitiva, a Igreja Cristã, registrada na Bíblia, Novo Testamento, e até os dias atuais. Através deste estudo, vemos como cada posição usa os textos da Escritura e livros que tratam do batismo, e qual a argumentação teológica construída em cima deste alicerce. Também observamos como a formulação doutrinária e a prática destas diferentes visões foram estruturadas ao longo da História da Igreja.

Destacamos como os católicos argumentam teologicamente o seu ponto de vista sobre o pedobatismo, considerando as Escrituras, os documentos de fé da Igreja Católica, tradições e os escritos de autores representativos desta visão. O mesmo foi feito no capítulo subsequente em relação à visão reformada presbiteriana.

Finalmente, observamos que esta prática se assemelha em muitos aspectos, principalmente no imaginário popular, com relação à eficácia do pedobatismo.

A partir de todo esse levantamento, pode-se acenar quão importante é esta pesquisa, haja vista a necessidade de um esforço maior por parte dos líderes das igrejas para ensinarem seus membros os fundamentos e os alicerces dessa doutrina básica do cristianismo.

Não desejamos que a beleza do batismo seja perdida, mas que, ao submeter o filho à esta prática, os pais e/ou responsáveis entendam a razão pela qual estão submetendo seus filhos ao batismo e entendam como este evento tem significado na sociedade e na família.

1. O BATISMO NO DECORRER DOS TEMPOS

No paganismo², o rito de iniciação consistia, em última análise, na aspiração inerente a todo homem no desejo de purificar a sua consciência de tudo aquilo que julga ser falta ou pecado. Os povos pagãos davam muita importância ao uso da água como fator de purificação e meio pelo qual adentravam em um novo estágio de vida. É importante ressaltar como o conceito e a prática do batismo se desenvolveram ao longo da história da humanidade. Os povos antigos batizavam por diversos motivos: para adentrar crianças ao estágio adulto, como purificação, aceitação ao convívio tribal, etc.

O escritor Valter Goedert entende que:

É precipitado entender que o batismo de prosélitos e a purificação de *Qumrã* fundamentam o batismo cristão. Embora o batismo cristão apareça em forma de purificação ritual à semelhança dos antigos, é uma realidade inteiramente nova e assim é visto e valorizado pela igreja primitiva. Cristo, no batismo por ele instituído, quer indicar que a passagem para a vida nova já foi realizada por ele, através da sua morte e ressurreição (GOEDERT, 1987, p.15).

Há o lado místico da mudança de vida, do ato ou cerimônia que vai marcar a transformação do indivíduo perante sua comunidade, e, como consequência da sua sujeição ao ato, vai implicar em responsabilidades e mudanças de *status*, não somente diante das responsabilidades do dia-a-dia, mas também com o sagrado. Mendonça (2008, p.80) argumenta sobre a questão do misticismo:

Todas as grandes religiões apresentam dupla face quanto à experiência do sagrado: uma doutrinária, dogmática, discursiva, racional e, portanto, gerida pelo corpo de especialistas e outra que busca o sagrado de maneira intuitiva, direta, sem a meditação da doutrina e do dogma e, conseqüentemente, do corpo de especialistas.

² **1** Relativo ao paganismo ou politeísmo **2** O que segue uma religião nativa, não cristã nem judaica, caracterizada pelo politeísmo e pela superstição. **3** Pessoa não batizada, ou que não segue o catolicismo. Dicionário Michaelis Online. www.michaelis.uol.com.br. Acesso em 20/06/2014.

Em todas as épocas houve essa forma de iniciação, uma cerimônia onde o indivíduo é submetido a um ritual que o faz diferente, que busca a maturidade, pronto para iniciar uma nova caminhada dentro do seu mundo social e religioso:

A iniciação religiosa apresenta um conjunto de símbolos sagrados em um sistema religioso. Tal sistema religioso, para aqueles que estão comprometidos com ele, parece mediar um conhecimento genuíno, o conhecimento das condições essenciais que dizem respeito à vida (Lelo, 2005, p. 13).

Lelo ainda enfatiza essa nova forma de ver o mundo, à partir do rito exigido pela comunidade da qual faz parte o indivíduo, nova forma que vai levá-lo a novas perspectivas e atitudes:

É fundamental ver nesses ritos a tomada de consciência existencial por parte do ser humano a respeito do cosmos e de si mesmo. A linguagem dos símbolos iniciáticos leva a uma concepção global e coerente da realidade (p.14).

Essa é uma exigência sempre presente nas comunidades e que são desenvolvidas, e poucas vezes questionadas, através das épocas:

O “ser gente”, de fato e de direito, requer, necessariamente, ser iniciado, não só social, mas, sobretudo religiosamente. O religioso faz parte constitutiva da personalidade humana. As expressões rituais manifestam amplamente essa dualidade inerente. Morte e vida, vida antiga e vida nova, morte e ressurreição, nascimento e *re-nascimento*, etc. Essa dualidade expressa-se, igualmente, nos símbolos usados. Um dos símbolos amplamente usado é, por exemplo, a água. (idem. p.17)

Na era cristã, na instituição da igreja pelos apóstolos, o rito da circuncisão, como a porta de entrada para a antiga aliança, foi substituído com o rito do batismo.

1.1. ORIGEM DO BATISMO CRISTÃO

“Quanto mais se estudam as religiões, melhor se compreende que elas, do mesmo modo que as ferramentas e a linguagem, estão inscritas no aparelho do pensamento simbólico. Por mais diversas que elas sejam, respondem sempre a esta vocação dupla e solidária: para além das coisas, atingir um sentido que lhe dê uma plenitude das quais elas mesmas parecem privadas; e arrancar cada ser humano de um isolamento, enraizando-o numa comunidade que o conforte e o ultrapasse”. (Vernant – encontrado na introdução do livro *O Dossel Sagrado*).

Neste capítulo tratamos da questão da prática, ou da efetiva ministração desse sacramento cristão nas duas igrejas cristãs. Será que a crença teórica se consolida com a prática? Se a teologia das duas igrejas reveste-se para todos nós de real interesse, acontecerá o mesmo com a prática, isto é, com a maneira segundo a qual formularam e colocaram em prática o conhecimento em todas as épocas?

“Uma maneira de explicar a religião é considerá-la, antes de tudo, como uma obra divina. Havendo uma intervenção de Deus na vida dos homens, e uma resposta destes, a religião seria o espaço da sua relação” (Hatzfeld, 1993, p. 11).

Em seguida, ele acrescenta:

A ideia de que a religião se explica em primeiro lugar pela ação dos deuses entre nós não exclui que os homens tenham a ver com isso. As religiões são sempre marcadas pela humanidade dos homens, pela sua cultura própria, pela sua cegueira, pelos seus interesses, pelo seu desejo de dominar; nenhuma religião o ignora: pelo contrário, todas procuram traçar o limite entre verdadeira e falsa religião ou, se se preferir, entre o conteúdo divino e o conteúdo humano da religião (p.11).

O que abordamos neste capítulo é que, nem sempre, o que se defende como dogma e crença de princípios divinos, ou aquilo que se defende como norma eclesiástica é colocada em prática no dia-a-dia. Hatzfeld, ainda, acrescenta:

À primeira vista, as duas palavras orientam para ideias que não são as mesmas. Os costumes: “modo respeitado pela maioria”, diz Littré; indicaria primeiro comportamentos e práticas, uma maneira comum de agir no interior de um grupo social num dado momento. A tradição – quando se fala especialmente da tradição religiosa – leva mais a pensar em ideias, crenças e na sua transmissão através dos tempos. Por um lado, portanto, mais as atividades comuns num mesmo momento. Por outro, mais as ideias conservadas ao longo do tempo. Acrescentemos que a tradição “é” mais nobre e costume mais popular (p. 43).

Os ritos de passagem se associam às grandes mudanças na condição de vida do indivíduo. As principais transições marcadas por esses ritos são o nascimento, a entrada na idade adulta, o casamento e a morte. Segundo Eliade, “A iniciação constitui um dos fenômenos espirituais mais significativos da história da humanidade” (1976, pág. 26).

Tais ritos costumam simbolizar uma iniciação. “Não existe, na verdade, uma religião ou culto sem a presença de símbolos” (RIBEIRO, 2012. p. 43).

Jostein Gaarder assevera:

O nascimento é a iniciação na vida, enquanto a morte é a iniciação numa nova condição no reino dos mortos, ou na vida eterna. De uma forma ou de outra, todas as sociedades têm ritos de passagem, mesmo aquelas em que a religião não desempenha nenhum papel na vida pública. Em geral, é grande a importância deles nas culturas ágrafas, nas religiões primais. Nestas, os ritos de passagem estão claramente ligados às noções de tabu (GAARDER, 2001, p. 34).

Um recém-nascido, por exemplo, está fisicamente vivo, mas em muitas culturas só é aceito pela família e pela comunidade depois de passar por certas cerimônias. A cerimônia pode consistir num único ato, como o batismo, a circuncisão ou a atribuição de nome. Entre os “povos tribais”, costuma ser um processo longo, que tem início já na época da concepção e termina pouco após o nascimento, quando a criança é admitida na tribo. Os autores exemplificam essas transformações simbólicas, culturalmente determinadas segundo os diferentes grupos sociais:

Assim como um bebê não está "propriamente vivo" antes dos ritos associados com o nascimento, um cadáver, em determinadas sociedades, não está "propriamente morto" antes de ser enterrado. Alguém que não seja enterrado de acordo com o costume está arriscado a ter uma existência errante, sem descanso, vagando entre o reino dos vivos e dos mortos (VAN GENNEP, 1978, p. 29).

O significado de vários ritos de passagem se destaca nas comunidades cuja vida religiosa dá muita importância aos cultos dos ancestrais. De acordo com Mircea Eliade, a história das religiões distingue três grandes modalidades de iniciação. Interessa-nos aqui destacar aquela que "compreende os rituais coletivos pelos quais se efetua a passagem da infância, ou da adolescência, à idade adulta, e que são obrigatórias para todos os membros da sociedade" (2001, p. 24).

Um nascimento implica o prolongamento da linhagem familiar e a continuação do culto aos ancestrais. A afirmação de Eliade comprova bem essa afirmação:

"a maior parte das provas iniciáticas implicam de maneira mais ou menos transparente, uma morte ritual se seguiria uma ressurreição ou novo nascimento. O momento central de toda iniciação vem representado pela cerimônia que simboliza a morte do neófito e sua volta ao mundo dos vivos. Mas o que volta à vida é um homem novo, assumindo um modo de ser distinto. A morte iniciática significa ao mesmo tempo o fim da infância, da ignorância e da condição profana" (1958, p. 12).

Goedert, ainda, destaca tal prática que se assemelha a outras práticas religiosas em diversas regiões no mundo:

A teologia liberal do final do século passado viu o batismo cristão como rito comum a outras religiões. Certamente, são conhecidos banhos e abluções rituais nos diversos ritos místicos gregos (Elêusis, Mitra, Baco, Ísis), assim como nos ritos egípcios (Nilo) e hindus (Ganges), como ainda em muitas outras religiões (GOEDERT, 1987, p. 9).

Ainda com relação à origem do batismo, Cairbar Schutel, relata essa prática tão antiga e tem este significado de purificação, de lavar para se transformar num novo indivíduo:

Esta prática, que assinala períodos milenários, parece ter nascido na Grécia Antiga, logo após a constituição de uma seita que cultuava a Deusa da Torpeza, a quem denominavam Cotito e a quem os atenienses rendiam os seus louvores. Esta seita, constituída de sacerdotes que tinham recebido o nome de baptas, porque se banhavam e purificavam com perfumes antes da celebração das cerimônias, deixou saliente nas páginas da História esse ato como símbolo da purificação do Espírito (SCHUTEL, 1986, p. 15).

A. Leterre, por sua vez, nos diz algo ainda sobre a origem, remontando o leitor a tempos antigos e também a lugares diversos:

Os antigos persas apresentavam o recém-nascido ao padre, perante o Sol, simbolizado pelo fogo. O sacerdote pegava a criança e a colocava em uma bacia com água, a fim de lhe purificar a alma. Nessa ocasião o pai dava nome ao filho... A cerimônia do batismo, no verdadeiro sentido de banho expiatório, já havia, também, na Índia, milhares de anos antes de existir a Europa, tendo daí passado para o Egito. Na Índia eram as águas do Gange, consideradas sagradas, como ainda hoje, que possuíam esta propriedade purificadora, apesar de ser o foco da cólera-morbo; do Gange passou-se para o Indus, igualmente sagrado, de onde se propagou ao Nilo, do mesmo modo sagrado, para, finalmente, terminar no Jordão, onde João as empregava com o mesmo fim e como simples formalidade do seu rito (LETTERRE, 2004, p. 172-173).

Seja ela qual for, o que fica claro é que a origem está nas práticas de povos ditos pagãos.

Os judeus também estavam familiarizados com esta cerimônia, usada na conversão de prosélitos. Os judeus sectários de Qumran usavam os batismos em seus rituais de purificação. Entretanto, isso ainda é objeto de discussão entre os eruditos.

Watson, por exemplo, questiona se o batismo de prosélitos era praticado antes dos dias de Jesus:

A investigação neste obscuro assunto tem continuado, desde a época de Fairbairn e Lindsay, e agora a maioria dos eruditos, batistas e pedobatistas, concorda que existe suficiente evidência para comprovar que o batismo de prosélitos do judaísmo era conhecido e praticado durante as últimas décadas do primeiro século D.C. Se era ou não uma prática conhecida antes da destruição de Jerusalém, em 70 D.C., isto ainda é assunto de debates. No momento, podemos dizer que não existe prova segura de que os judeus batizavam prosélitos, antes da vinda de Cristo (WATSON, 1999, p.15).

Watson também lembra que os filhos de prosélitos que tivessem nascido após o batismo de seus pais, não recebiam o batismo, pois já eram nascidos em santidade. Se o batismo cristão é uma cópia do batismo judeu, seria de se esperar que as crianças nascidas após o batismo de seus pais cristãos não recebessem este sacramento. Esta hipótese, a saber, que os filhos nascidos após a conversão de seus pais não eram batizados, foi defendida por Cullmann:

No caso que se refere a 1 Co 7.14 não se trata de uma evolução que vai do batismo de adultos ao de crianças, mas que a primitiva comunidade cristã, como a comunidade Israelita, renunciava o batismo dos filhos nascidos de pais cristãos, mas que depois passou ao batismo das crianças, sempre segundo a mesma noção coletiva de santidade (BARTH E CULLMANN, 1961, p.94).

Contudo, é altamente provável que o batismo ou banho de purificação dos prosélitos (pagãos convertidos ao judaísmo) fosse algo comum na Palestina do século I. Joachim Jeremias o prova citando uma disputa entre as escolas rabínicas de Shammai e Hillel acerca da conversão de três pagãos:

É para a Jerusalém das últimas décadas antes de nossa era que nos conduz o relato da conversão ao judaísmo de três pagãos rejeitados por Shammai, mas acolhidos por Hillel. Além desse, um caso particular, objeto de uma discussão entre shamaítas e hilelitas, pertence ao ano 30 de nossa era. Os shamaítas declaravam lícito o banho do prosélito no dia de sua circuncisão; os hilelitas, por seu lado, exigiam um intervalo de sete dias entre a circuncisão e o banho, pois, atribuíam ao pagão a impureza do cadáver (...) Uma única coisa é certa: são pagãos que se converteram ao judaísmo, e o fato se deu antes de 30, pois, conforme mostra o Novo Testamento, o critério shamaíta não

servia mais de regra no tempo de Jesus (JEREMIAS, 2005, p.425).

Donald Bridge e David Phypers concordam com as afirmações de que essa prática era comum, sendo o ato de iniciação na nova religião:

Nos dois séculos que antecederam e se seguiram ao nascimento de Jesus, o batismo de prosélitos foi amplamente praticado. Para os gentios, nascidos pagãos, que eram atraídos para a fé no único Deus vivo, o batismo marcava a entrada na aliança dos judeus. Esse banho cerimonial era acrescentado à circuncisão, a fim de cobrir a impureza cerimonial sofrida após a conversão (BRIDGE E PHYPERS, 2004, p.19-20).

A comprovação deste fato é de grande importância porque os filhos dos prosélitos também eram batizados exigindo a presença de testemunhas neste momento de entrada na nova comunidade:

De acordo com as autoridades judaicas citadas por *Wall em History of Infant Baptism* (História do Batismo Infantil), esse batismo tinha que ser ministrado na presença de duas ou três testemunhas. As crianças cujos pais recebiam esse batismo, desde que nascidas antes da administração do rito, também eram batizadas, à solicitação do pai, contanto que não fossem de idade (os meninos, treze anos e as meninas doze), mas se fossem de idade, somente à solicitação delas próprias. As crianças nascidas após o batismo do pai ou dos pais, eram tidas por limpas e, daí, não necessitavam do batismo (BERKHOF, 1949, p.575).

Como relação a diferença do batismo cristão com os pagãos antigos, Goedert ressalta que esta ligação com Cristo Jesus, a ponto de essa ligação fazer parte, não somente dessa cerimônia, mas de outras situações importantes do cristianismo, como redenção, crescimento, ressurreição, glorificação, etc.:

A diferença entre os ritos místicos e o batismo cristão se situa no fato de não ser Cristo que morre e ressurge, ainda uma vez com os iniciados, mas o indivíduo que se torna pessoalmente solidário a tudo o que o Redentor realizou um dia com todos os seus, e os efeitos correspondentes (GOEDERT, 1987, p. 9).

Com relação ao Batismo Cristão, o próprio Jesus instituiu o batismo, conforme Mateus e outros Evangelhos sinóticos, juntamente com seu "mandamento missionário" no Dia da Ascensão. Desde os primeiros dias do cristianismo, o batismo tornou-se o passaporte para entrar na comunidade cristã - é um ato de iniciação. Jesus permitiu que João Batista o batizasse e assim deu início oficialmente a sua missão. Porém, para muitos cristãos, este sacramento significa mais do que apenas uma entrada para a igreja. Mediante o batismo, Deus concede a salvação e o perdão ao homem. O homem morre simbolicamente e é ressuscitado com Cristo, assumindo seu lugar na comunidade de Deus. Também é comum na linguagem cristã se referir ao batismo como "novo nascimento".

Este sacramento também não pode ser desassociado da fé. Segundo Jostein Gaarder, Victor Hellern e Henry Notaker:

Aqui está o germe do antigo debate sobre batismo de crianças versus batismo de adultos. Os que apoiam o batismo de adultos acreditam que a fé pressupõe uma conversão pessoal, uma escolha, e que o batismo é um ato de confissão e obediência. Os que favorecem o batismo de crianças afirmam que é apenas pela graça e pelo amor de Deus que somos salvos, os esforços do próprio homem não significam nada. Portanto, as crianças, bem como os adultos, podem ser admitidas no reino de Deus por meio do batismo. Isso não impede que a pessoa batizada assumira uma fé pessoal mais tarde (HELLERN, NOTAKER E GAARDER, 2000, p. 174).

Como bem destacou o autor acima, aqui está o germe do antigo debate sobre o batismo de crianças versus batismo de adultos, questão que envolve nossa pesquisa e atenção.

2. OS FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DO BATISMO INFANTIL CRISTÃO.

A fundamentação histórica do batismo infantil ocupa importante parte no desenvolvimento dessa pesquisa. As relações da igreja com seus infantes através dos tempos - desde o Antigo Testamento até a Era Moderna - será de profunda relevância para a compreensão do assunto.

Como teria sido o relacionamento do povo de Deus - judeus piedosos e cristãos zelosos - A igreja de Cristo como seus infantes dentro do contexto sagrado religioso? Estariam estes pequeninos incluídos no rol da vida cúllica da igreja, como parte integral do povo de Deus?

Embora inexoravelmente fossem as Escrituras para os protestantes a única regra de fé e prática conforme patente no princípio da *Sola Scriptura* (somente as Escrituras), que reafirma a inerrância das Escrituras, a fonte única de revelação divina escrita e única autoridade para constranger a consciência, que ensina tudo que é necessário para a salvação do pecador, é também o padrão pelo qual todo comportamento cristão deve ser avaliado.

Não obstante, a igreja também admite que não se pode ignorar o desenvolvimento histórico de suas posições teológicas, assim como observou Sproul, em seu livro "*Sola Scriptura*", dizendo que:

Lutero e os reformadores não queriam dizer por *Sola Scriptura* que a Bíblia é única autoridade da igreja. Pelo contrário, queriam dizer que a Bíblia é a única autoridade infalível dentro da igreja (SPROUL, 1982, p. 122).

O princípio de "Somente as Escrituras", segundo Timothy George "não pretendia desprezar completamente o valor da tradição da igreja, mas sim subordiná-lo à primazia das Escrituras Sagradas..." (1994, p. 312). Igualmente reconheceu Philip Schaff ao estudar os Credos da Cristandade conforme o mesmo afirma: "A Bíblia é a palavra de Deus ao homem, o Credo é a resposta do homem a Deus..." (1977, p.3).

Portanto, a história eclesiástica servirá a este estudo para revelar ou indicar se havia ou não no rol da igreja primitiva, a inclusão sacramental de crianças como membros deste corpo da igreja.

3. O BATISMO INFANTIL CRISTÃO ATRAVÉS DAS ÉPOCAS

3.1 O BATISMO INFANTIL NO PERÍODO VÉTERO TESTAMENTÁRIO:

Para Calvino, o batismo infantil substitui a circuncisão que era praticada no Antigo Testamento pelo povo judeu. Para ele essa forma que era usada nas crianças do povo judeu mostrava o sinal exterior da participação da criança no povo da aliança, verdade que atravessou as dispensações e chegou até o cristianismo, não deixando de contemplar as crianças dentro desse povo. Ele se alia a vários outros estudiosos que entendem que Cada doutrina ensinada no Novo Testamento, tem suas origens, suas raízes no Antigo Testamento.

“O Senhor disse expressamente que a circuncisão que se administra às crianças lhe servirá de confirmação do pacto que temos exposto. Se pois, o pacto permanece sempre o mesmo, é de todo certo que os filhos dos cristãos não são menos participantes dele do que foram os judeus do AT. E se participam da realidade significada, por que não lhes a de ser comunicado também o sinal” (2006, p.156).

Paulo Anglada diz o seguinte a respeito dessa continuação de doutrina com relação as duas dispensações:

As ordenanças, os símbolos dessa aliança, mudaram: primeiro só a circuncisão; depois foi acrescentada a páscoa, e depois ambas foram substituídas pelo batismo e pela ceia do Senhor. Mas a aliança é a mesma (2008, p.43).

Como crê a fé judaico-cristã, no Antigo Testamento Deus havia separado um povo para si, e com este povo entrou em relação pactual, ou comunhão de vida. Lembrando-se que historicamente se considerará por povo de Deus a "igreja visível" aqui na Terra, constituída em seu seio de crentes na fé cristã.

Não obstante, embora houvesse constantes desavenças no meio desse povo, Deus chamara este povo à solenidade pactual, quer em comunhão de vida para com os piedosos, ou indistintamente em relação legal ou formal com todos os envolvidos. E neste pacto estavam incluídos os filhos dos povos, como é evidente nas páginas das Escrituras.

Ainda segundo a crença cristã, Deus fez um pacto de obras com Adão. Por ter violado este pacto, todos os seus filhos e descendentes foram penalizados conseqüentemente (Bíblia Sagrada, conf. Gn 2.16-17). Deus também fez uma aliança com Noé, tendo um "arco nos céus" como sinal visível dessa aliança, e os filhos de Noé foram abençoados (Gn 8.8-17). Deus fez uma aliança com Abraão estabelecendo sua aliança entre ele, Abraão, e sua descendência, tendo como sinal visível dessa aliança a circuncisão (Gn 17.7). E mediado por Moisés, no Monte Sinai, Deus fez uma aliança com seu povo, aliança esta que fora renovada por Deus nas planícies de Moabe, e as crianças estavam incluídas nesta aliança (Dt 29.9-11).

Assim observou J.D. Douglas e Merrill C. Tanney: "O rito efetuava a admissão ao companheirismo do povo do pacto e assegurava o indivíduo, como membro da nação". (2003, p. 291).

Por isso a circuncisão se tornaria o sinal visível deste pacto como selo e rito de iniciação para o ingresso na Igreja visível do Antigo Testamento. O rito era administrado aos meninos, ao oitavo dia de vida, para serem filhos da aliança (cf. referências bíblicas. Gn 17.12; Lc 12.3; 2.21; 1.59; Fp 3.5). Naquele tempo, somente se os homens fossem circuncidados é que poderiam se tornar membros da nação de Israel, membros do povo de Deus.

As esposas e todas as crianças do sexo feminino acompanhavam seus pais, irmãos ou esposos, e eram por eles representadas como mediadores desta relação pactual. Já simbolizando a submissa relação da igreja com Deus que seria intermediada pelo divino e homem Jesus, o Primogênito, conforme escreveu o apóstolo Paulo: "Ele (Jesus) é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia..." (Cl 1.18).

Os prosélitos adultos não judeus que quisessem fazer parte do grêmio de Israel eram também unidos ao povo de Deus pela circuncisão por deliberação de própria fé. E então seus filhos conseqüentemente eram admitidos, circuncidados em virtude da fé professada por seus pais ingressos, pois "não somente se circuncidavam os descendentes sanguíneos de Abraão, senão também seus

servos, escravos e estrangeiros que moravam dentro da comunidade do pacto" (VINE, 1999, p. 75).

3.2. O BATISMO INFANTIL NO PERÍODO NEO TESTAMENTÁRIO:

Segundo a crença cristã, baseada na Bíblia Sagrada, nas cartas escritas pelo apóstolo Paulo aos Colossenses, o batismo no Novo Testamento é denominado a circuncisão de Cristo. Neste livro, tanto o batismo como a circuncisão têm sentido espiritual e se referem à nova vida em Cristo Jesus. O batismo com água e a circuncisão da carne são símbolos desta nova vida e tudo quanto significou a circuncisão no Antigo Testamento, no Novo Testamento significará o batismo.

Neste período, quando a igreja crescia e se desenvolvia, o batismo mostrava a mudança de vida, a forma de mostrar que os recém convertidos eram conduzidos a uma nova prática, uma vida transformada. Falando sobre o batismo, Francisco (2005, p.9) destaca bem essa mudança:

Longe de tratar-se de uma transformação apenas externa, de caráter unicamente cerimonial, a iniciação toca a personalidade no seu íntimo; evoca um universo harmônico de elementos estruturantes que concorrem globalmente para reorganizar a personalidade no tempo e no espaço; é ponte unificadora dos elementos que abarcam todas as dimensões do ser humano.

Ele ainda enfatiza que após o sacramento, a mudança deve ser evidente: “A reflexão fenomenológica desafia a iniciação cristã a apresentar a identidade nova do ser em Cristo como realidade transformadora vivenciada pelos inúmeros batizados” (p.9).

Afinal de contas, essa era a característica da nova seita dos judeus, não mais como eram, diferentes e transformados pelo novo Caminho. Francisco mostra essa mudança na vida de forma geral de um iniciado:

O iniciado é um ser transformado, sofre uma mudança radical no seu ser e no seu estatuto social. Para chegar a ser humano, deverá morrer para a vida primeira e renascer para uma vida superior. A iniciação comporta, geralmente, uma tríplice revelação: a do sagrado, a da morte e a da sexualidade. Afeta radicalmente a pessoa inteira, a sua identidade, seu campo inter-relacional e o relacionar-se com Deus. (idem, p.15)

Os cristãos que defendem o pedobatismo³ têm afirmado que em nenhuma parte das Escrituras se encontrará qualquer passagem ou prescrição para que se excluam as crianças da igreja. Segue-se, portanto, que os filhos dos cristãos hoje, não têm menos direito ao batismo do que tinham os filhos dos israelitas "ontem", à circuncisão.

³ É a aplicação do Sacramento do batismo às crianças

3.2.1. O SILÊNCIO DO NOVO TESTAMENTO SOBRE O BATISMO INFANTIL CRISTÃO

Um dos argumentos mais usados pelos opositores ao batismo infantil é o fato de não haver nenhum mandamento explícito para batizar as crianças, nem mesmo a afirmação direta de que isso tenha ocorrido na era apostólica. Os antipedobatistas⁴ apresentam esse argumento com tanta convicção, que cegamente nem imaginam que o silêncio das Escrituras sobre o assunto pode virar contra eles próprios, e que esse mesmo argumento é usado pelos pedobatistas.

Na Imprensa Evangélica número 35, de 29 de agosto de 1878, encontramos esse argumento sendo usado em favor do batismo de crianças:

Os filhos foram membros da igreja sob a velha Dispensação, e não há na Bíblia uma única palavra que diga o contrário, em referência à Nova Dispensação. O filho pode vender ou dar a outrem sua herança, mas ninguém poderá, como justiça, excluí-lo dela independentemente da sua vontade. Se os filhos dos fiéis são privados de sua herança que lhes pertence desde que há uma igreja na Terra, há de existir um mandamento positivo sobre a sua exclusão ("O batismo dos filhos" in: Imprensa Evangélica n° 35, 1978, pág. 273).

A omissão não se restringe a essa doutrina. O mesmo acontece com relação à mudança do "Dia do Senhor" do sábado para domingo. Em nenhum lugar do Novo Testamento é afirmado que o domingo é o sábado cristão. Também em lugar algum existe um "Assim diz o Senhor" para que as mulheres participem da Santa Ceia. Quanto a isso, os opositores do batismo infantil não têm qualquer problema em usar a analogia da fé. A salvação das crianças é uma outra importante doutrina estabelecida por inferência. Outras poderiam ser citadas, mas essas já bastam para mostrar a fragilidade do argumento do silêncio das Escrituras, sem contar que é muito mais fácil mostrar o batismo de crianças por inferência e analogia, do que sobre a participação das mulheres na Ceia e o domingo como substituto do Sábado.

⁴ Aqueles que são contra o batismo infantil.

Se por falta de um mandamento explícito o batismo não deve ser ministrado aos infantes, perguntamos: Onde está o fundamento bíblico para que se batizem os filhos dos cristãos crentes só quando cheguem à idade da razão e o peçam? Se não há um mandamento pra batizar as crianças também não há para que não as batize. Se não há uma narração explícita de um batismo de criança no Novo Testamento, nem por inferência há uma citação de um caso de alguém nascido em lar cristão que tenha sido batizada somente depois de adulto.

As crianças na Antiga Dispensação⁵ faziam parte da Aliança com Deus e eram membros da Igreja de Deus, e que o batismo substituiu a circuncisão, o que seria mais natural entender em Atos dos Apóstolos 2.39, quando diz que "pois para vós é a promessa e para vossos filhos"? Se não há nenhum mandamento para batizar nem para não batizar as crianças, a inferência mais óbvia não seria a favor do batismo infantil, já que diante da ausência de um mandamento contra o batismo das crianças existe uma afirmação como essa? Se em nenhum lugar do Novo Testamento é dito que agora as crianças estão excluídas da Aliança, não seria mais natural entender que o batismo de famílias inteiras as crianças também foram batizadas? (At 16.15, 32-33; 18.8; 1 Co 1.16)

Na realidade, o silêncio no Novo Testamento vai muito mais a favor do que contra o batismo de crianças, pois quando há silêncio se subentende que continua o hábito, ou o uso estabelecido.

É mais fácil de compreendermos a ausência de citações diretas de batismo infantis se lembrarmos de que a era apostólica era caracteristicamente missionária, e por isso o batismo de adultos era mais naturalmente destacado. E nem sempre as condições se mostravam favoráveis ao batismo infantil, pois os novos convertidos eram batizados logo que se convertiam sem ter a noção de seus deveres e responsabilidades com a nova vida. Havia casos em que só um dos cônjuges era convertido e muito provavelmente o outro se opunha ao batismo dos filhos (1Co 7.14).

⁵ A antiga dispensação está registrada na Bíblia, Antigo Testamento, e pode ser dividida em quatro períodos: a) a criação e a promessa; b) a aliança com Noé; c) a aliança com Abraão; d) a aliança no Sinai (KELLY, 1994, p.307).

Um dos textos usados pelos cristãos para defenderem o batismo infantil está no livro Atos dos Apóstolos, quando pela primeira vez o evangelho foi pregado plenamente no Dia de Pentecostes, em Jerusalém, pelo apóstolo Pedro, quando num "inspiradíssimo" sermão afirmou que as bênçãos e promessas divinas da salvação eram não somente para os adultos, mas também para os seus filhos: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado... e recebereis o dom do Espírito Santo. Pois a promessa é para vós outros, **para vossos filhos**⁶..." (Atos dos Apóstolos 2.38-39).

⁶ Grifo meu.

3.3. O BATISMO INFANTIL NO PERÍODO PATRÍSTICO:

Compreende-se por "período Patrístico" os primeiros séculos da igreja pós-apostólica, a partir do término dos documentos do Novo Testamento (c.100 a.D.) até o decisivo Concílio de Calcedônia (451 a.D.). Estariam estes primeiros líderes cristãos consoantes com os períodos bíblicos anteriores? Será que eles estavam em concordância quanto ao assunto, ou será que eles estariam em acirrada divergência quanto ao batismo infantil?

Quanto a isto, o escritor Paulo Anglada, no seu livro "O Batismo Infantil" observa que os pais da igreja, de um modo geral, reconheceram e mencionaram a prática do batismo infantil, como era de se esperar: "Nove, dentre doze Pais que viveram nos dois primeiros séculos, referem-se à prática do batismo infantil" (ANGLADA, 2000, p. 44).

Evidentemente alguns nomes destes "Pais da Igreja" deverão ser considerados não por suas posições teológicas referentes a outros temas, mas sim, e certamente, como evidências históricas da inclusão sacramental das crianças na Igreja Cristã.

Já no primeiro século, o bispo de Esmirna, Policarpo (c. 69 - Esmirna 155 a.D.), um seguidor dos apóstolos, afirmara em seu martírio que tinha vivido em "serviço de Cristo por oitenta e seis anos". Considerando que outra data recordada de sua vida fora a sua idade de nascido, o estudioso Joachim Jeremias, em seu livro "The Origins of Infant Baptism" concluiu o seguinte:

Isto mostra, de certa forma, que seus pais ou foram cristãos, ou foram, no mínimo, convertidos totalmente cedo, antes de seu nascimento, ele deveria ter sido batizado com sua 'casa' em sua conversão. Mas, se seus pais foram cristãos, a palavra 'servo de Cristo por oitenta e seis anos' suporta um batismo cedo, após seu nascimento, antes do que um batismo como uma criança de 'idade madura'... (JEREMIAS, 2005, p.154).

Outro importante nome é o de Irineu, Bispo de Lion (Ásia Menor, c.130 a.D. - Lion, c. 208 a.D.). Conforme cita Philippe Lanes em o "Estudo Sobre o Batismo de Crianças", ler-se de Irineu que "Cristo veio para salvar todas as pessoas por si

mesmo; todas que por Cristo renascem em Deus; infantes, crianças, jovens e pessoas idosas". (IRINEU apud LANDES, 1979, p.83).

A expressão latina *Renascuntur in Deum*, "renascer em Deus" é a expressão específica empregada por todos os Pais da Igreja em referência ao batismo com água.

Na história da humanidade o homem tem sido o protagonista, e estão presentes na vida dele a escatologia, como o resultado da necessidade de uma ponte de ligação entre ele e o sagrado. E o desejo de renascer, para fazer parte desta trama maior, leva-o a buscar o sagrado através de símbolos e rituais, muitas vezes sem ter a consciência disso. Assim afirma Eliade: "Assim fizeram os deuses; assim fazem os homens. Porque foi assim que fez o Povo Santo da primeira vez" (1994, p.12).

Eliade define esse novo nascimento, ou a iniciação percorre todas as épocas da história da humanidade como:

Um conjunto de ritos e ensinamentos orais que têm por finalidade a modificação radical da condição religiosa e social do sujeito iniciado [...]. No final das provas, o neófito desfruta de uma existência diferente da que tinha antes da iniciação. Veio a ser outro (1986 p.20).

Tertuliano, grande apologeta cristão do segundo século (Cartago, c. 155 a.D.- *id.*, c. 220 a.D.) afirmou: "De acordo com a condição e a posição de cada um, e de acordo com a idade, é mais proveitoso adiar o batismo, especialmente no caso de criancinhas". (TERTULIANO apud ROBERTS, 1995, p.178). Tertuliano pensava "ser mais proveitoso adiar o batismo...", não por contrariedade, mas por prevenção, pois acreditava no poder regenerador do rito em si mesmo, ou seja, *ex opere operato*, "da operação está operado".

Por isso, e temendo que o pecado pudesse anular o efeito regenerador do batismo na vida do batizado, pensava então que a melhor época para o rito seria o fim da vida, como observou Louis Berkhof: "O batismo de crianças já era corrente nos dias de Orígenes e Tertuliano, embora este último o desestimulasse, com base em questões de conveniência". (1990, pág.627).

De Orígenes (Alexandria, entre 183 e 186 a.D. - Tiro entre 252 e 254 a.D.) se lê: "A igreja recebeu dos Apóstolos a tradição de dar o batismo também aos recém-nascidos"⁷. E de Gregório Nazianzeno, Dr. da Igreja (c. 330 - *id* c.390 a.D.) Se percebe uma defesa racional do batismo infantil (FRIEDRICH. 1967, p. 652) não obstante preferisse administrá-lo , onde não houvesse perigo de morte, ao terceiro ano de vida do infante (SCHAFF. 1997, P.37).

Já Cipriano, Bispo de Cartago (c.210 - c. 258 a.D.) afirma: "Do batismo e da graça não devemos afastar as crianças" (SCHAFF, 1977, p. 67). E em resposta a um bispo que lhe escreveu sobre o batismo de crianças, afirmou: "Devemos esperar até o dia 8 como fizeram os judeus a circuncisão? Não, a criança deve ser batizada logo que nasce"⁸.

Desse período, um dos mais importantes nomes é o de Agostinho, Bispo de Hipona (Tasga, 354 - m. 430 a.D.) Nome de grande destaque entre os Pais da Igreja, é considerado o "teólogo dos sacramentos" por ter desenvolvido importantes conceitos sobre a Santa Ceia e o Batismo. E sobre o batismo infantil como sinal de graça e rito de iniciação afirma o seguinte: "As crianças são apresentadas para receber a graça espiritual, não tanto por aquelas que as levam nos braços... mas, sobretudo pela sociedade universal dos santos e dos fiéis..." (SCHAFF, Philip. **Pais Niceno e Pós-Niceno**. NY: Christian Literature Publishing Co., 1887. Primeira Série, Vol. I. Loc. Cit. **Epístola 98,5** de Agostinho).

Outro também importante nome desta época é do controvertido Pelágio (Grã-Bretanha, c. 360 - Egito, c. 422 a.D.), que por desvios em importantes questões doutrinárias fora frontalmente combatido por Agostinho. Entretanto quanto ao batismo infantil afirma: "O batismo deve ser administrado às crianças; com as mesmas palavras batismais com que é administrado aos adultos". (PELÁGIO apud LANDES, Op. Cit., p. 89). E tece para si a seguinte defesa:

⁷ AQUINO, Felipe. **Escola da Fé**. Disponível em <http://www.cleofas.com.br/virtual/texto>. Loc.Cit. Ep Ad. Rom. Lv. 5.9. Acesso em 17 de mar 2013.

⁸ LUTHERAN, The Church - Missouri Synod. Infant Baptism History. Disponível em www.icms.org/pages/internal.asp?navID=4411> Acesso em 19 mar 2013.

Caluniam-me como se eu negasse o batismo de crianças. Nunca tive conhecimento de alguém, nem mesmo o mais ímpio herético, que negasse o batismo às crianças; porque quem pode ser tão ímpio que impeça as crianças de serem batizadas, de nascerem de novo em Cristo, fazendo que assim perca o direito do reino de Deus?(Ibid, p. 89).

Como se observou até aqui, muitos são os documentos históricos que nitidamente confirmam a prática do batismo infantil nos primeiros séculos da igreja. Sendo também de sumária importância destacar a inexistência de qualquer documento oficial da igreja que negasse a inclusão sacramental das crianças em seu Corpo, desde o Antigo Testamento. Assim como a seguir se perceberá nos Cremos, Cláusulas Especiais e nas Confissões da Reforma Protestante.

3.4. O BATISMO INFANTIL NOS PERÍODOS DOS CREDOS E DAS CONFISSÕES

Aqui se entenderá como o período dos Credos e das Confissões⁹, o tempo decorrido dos primeiros Credos (de aceitação universal para a Igreja de Cristo) até as Confissões Reformadas provenientes do século XVI, de elaboração e aceitação Protestante.

Do Credo do Concílio¹⁰ de Nicéia em 325 a.D., ler-se-á o seguinte a respeito do batismo infantil: "Todas as crianças devem ser batizadas sem escrúpulos, para que nenhuma hesitação as prive da limpeza dos sacramentos"(SCHAFF, 2005, p.689).

Do Concílio de Cartago em 419 a.D., que condenou o pelagianismo¹¹ e rejeitou a posição daqueles que negam que se deva batizar as crianças recém-nascidas, ainda afirmou que:

...os mais pequeninos que não tenham ainda podido cometer pessoalmente algum pecado, são verdadeiramente batizados para a remissão dos pecados, a fim de que, mediante a regeneração sejam purificados daquilo que eles têm de nascença (AQUINO, Op. Cit., Cânon 2, DS, 223).

Os cânones do Concílio de Trullo - Quinisext, de 692 a.D., afirmam:

... por relato de suas 'regras de fé' regulam fidei, mesmo infantes que ainda não teriam cometido pecado propriamente, não obstante são verdadeiramente batizados [...] devem mesmo sem alguma ofensa ser batizados (SCHAFF, Philip, D.D.,LL.D; Et AL.

⁹ "Um credo, regra de fé ou símbolo é uma confissão de fé para uso público, ou uma forma de palavras colocadas com autoridade... que são consideradas como necessárias para a salvação, ou, ao menos, para o bem-estar da igreja cristã" (Schaff, 1997, pág.65). A definição de confissão não difere basicamente da de um credo, senão na forma. Uma confissão contém mais ou menos os mesmos elementos de um credo, mas de forma bem mais elaborada, com detalhes.

¹⁰ Reunião de autoridades eclesiásticas com o objetivo de discutir e deliberar sobre questões pastorais, de doutrina, fé e costumes.

¹¹ Trata-se de uma heresia iniciada por um monge oriundo da Bretanha, chamado Pelágio. Ele dizia que não era necessário o auxílio da graça de Deus para que o homem realizasse atos de virtude (KELLY, 1994, p.205).

The Seven Ecumenic Concil. Massachusetts, Hendrickson Publishers, 1995, col. XIV, p. 402).

E o Concílio de Florença, de 1442 a.D., exigiu que fosse administrado o batismo aos recém-nascidos "o mais depressa que se possa fazer comodamente".(AQUINO, Op. Cit., DS 1349).

Da Confissão de Augsburgo, de 1530 se lê:

Do Batismo se ensina que é necessário e que por ele se oferece graça; que também se deve batizar crianças, as quais pelo batismo, são entregues a Deus e a Ele se tornam agradáveis (As Confissões das Igrejas Luteranas. Livro de Concórdia. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p.32).

Dos Artigos de Esmalcalde, de 1537 a.D., se declara: "Cremos que as crianças devem ser batizadas, pois elas também pertencem à redenção prometida, que se realizou através de Cristo". (Ibid. p. 333).

O Catecismo¹² Anglicano, de 1549 a.D., em consideração à pergunta: "Por que então são batizados os infantes, quando pela razão de sua tenra idade, ainda não podem atuar?". Responde: "Porque o que outros lhes prometem, por segurança; quando virem ter idade, propriamente, poderão estar prontos para confirmar"(SCHAFF, 1931, p. 571).

A Confissão de Fé Francesa, de 1559, revisada e aprovada pelo Sínodo em Paris, prescreve o seguinte:

"Embora seja um sacramento de fé e de penitência, mas como Deus recebe crianças na igreja com seus pais, dizemos nós, sobre a autoridade de Jesus Cristo, que os filhos de pais crentes devem ser batizados" (SCHAFF, 1931. p. 378-380).

Esta Confissão foi preparada por Calvino e seu discípulo De Chandieu, revista e aprovada por um Sínodo em Paris em 1559. Entregue por Beza de Charles IX, em Poissy, 1561, aprovada pelo Sínodo de La Rochelle, 1571

¹² Instrução sobre os mistérios e princípios da fé, dogmas e preceitos da religião cristã.

(portanto também chamada de "Confissão de La Rochelle"), e solenemente sancionada pelo Rei Henry IV.

A Confissão de Fé Escocesa, de 1560, escreve: "Reconhecemos e sustentamos que o batismo de crianças se aplica tanto aos filhos dos fiéis como aos fiéis adultos..." (Livro das Confissões, 1966, 1967 p. 323).

Já a Confissão Belga, de 1561, afirma: "... como foi a circuncisão para os judeus, o batismo é para as nossas crianças. E por esta razão Paulo chamou o batismo de a Circuncisão de Cristo..." (SCHAFF, Op.Cit., Vol. II, p. 427-429). Consoante com o Catecismo de Heidelberg, de 1563, que prescreve: "Também as criancinhas devem ser batizadas? Sim, porque elas, assim como seus pais, estão incluídas na aliança e pertencem ao povo de Deus". (Livro das Confissões, Op. Cit., p. 4.074).

Na Igreja Católica Romana, os Cânones e Decretos do Concílio de Trento, de 1563, também se pronunciam em relação ao assunto atestando a sua validade e aplicação histórica nos seguintes termos:

Este mesmo Santo Sínodo ensina que as criancinhas, que não têm atingido o uso da razão, não estão por algo, necessariamente obrigadas a sacramental comunhão da eucaristia [Santa Ceia]? Como, tem sido... pela aplicação do batismo (SCHAFF, Op. Cit. Vol II, p.124-125).

Os Trinta e Nove Artigos de Fé da Igreja da Inglaterra, de 1571, afirmam: "O batismo de jovens crianças, está em alguma sensatez para ser mantido nas igrejas, como deve ser correspondido como instituição de Cristo..." (Ibid., pág. 505).

Lê-se da Segunda Confissão Helvética, de 1566, o seguinte: "Condenamos os anabatistas, que negam que as criancinhas recém nascidas dos fiéis devem ser batizadas..." (Livro das Confissões, pág. 5.192).

E da Confissão de Fé de Westminster, de 1643: "... a graça prometida [no batismo] é não somente oferecida, mas realmente manifestada e conferida pelo Espírito Santo àqueles a quem ele pertence, adultos e crianças". (Ibid. pág. 6.144).

O Catecismo Maior da Igreja Russa, de 1839, à pergunta de como pode mostrar das Santas Escrituras que nós devemos batizar crianças? Responde:

No Antigo Testamento, crianças eram circuncidadas ao oitavo dia... no Novo Testamento o batismo tomou o lugar da circuncisão; conseqüentemente crianças devem ser batizadas (SCHAFF, Op. Cit., Vol. II, p. 492).

A Corporação Unida de Igrejas (Co. Union of Churchs Bodies), de 1846, afirma:

Batismo com água no nome da Trindade é o Sacramento pelo qual estão significadas e seladas nossas uniões com Cristo e participação nas bênçãos da Nova Aliança... os propriamente sujeitos ao batismo são crentes, e infantes representados por seus pais, seus guardiões na fé Cristã (Ibid, p.937).

E mais recentemente, a Confissão de 1967, delibera o assunto nos seguintes termos: "Quando os batizados são criancinhas, a congregação, assim como os pais, têm a obrigação especial de educa-los na vida cristã". (Livro das Confissões, Op. Cit. p. 95).

A Confissão de Fé de Westminster foi um dos documentos produzidos pela Assembleia de Westminster (1643 – 1647), convocada pelo Parlamento inglês. Um dos objetivos, a uniformidade das igrejas da Inglaterra e da Escócia, foi prejudicado com o restabelecimento do episcopado na Inglaterra em 1661. Em 1649 a confissão foi adotada pela Assembleia Geral da Igreja da Escócia, em seguida pelos presbiterianos da Inglaterra e da Irlanda, mais tarde, com algumas adaptações, foi adotada pelas igrejas presbiterianas dos Estados Unidos, bem como pelos presbiterianos do Brasil e de outros países da América Latina. Obteve aceitação, inclusive, por igrejas batistas e outras congregacionalistas, com as devidas adequações. "... também os filhos de pais crentes (ainda que só um deles o seja) devem ser batizados" (Westminster, 1994, p.143).

Catecismo de Heidelberg publicado em 1563, foi escrito por Caspar Olevianus (1536- 1587) e Zacarias Ursinus (1534-1583), teólogos da Universidade de Heidelberg, a pedido do príncipe Frederico III, o Piedoso.

Conquanto seja uma confissão reformada, traz influência da teologia e do estilo de Lutero.

“Se deve batizar também as crianças? Naturalmente, porque estão compreendidos, como adultos, no pacto, e pertencem à Igreja de Deus. Tanto a estes como aos adultos, se lhes promete, pelo sangue de Cristo, a remissão dos pecados e o Espírito Santo, autor da fé; por isto, e como sinal deste pacto, devem ser incorporados à Igreja de Deus e diferenciados dos filhos dos infiéis, assim como se fazia no pacto do Antigo Testamento pela circuncisão, cujo substituto é o Batismo no Novo Pacto” (KERSTEN, 1992, p.366).

Confissão das Igrejas Reformadas da França:

“Bem que seja um sacramento de fé e penitência, mas porque Deus recebe em sua Igreja as crianças com os seus pais, declaramos que pela autoridade de Jesus Cristo, os pequenos nascidos de fiéis devem ser batizados” (MARCHEL, 1968, p.207).

Confissão de Genebra ensina: “Mas como nossos filhos pertencem a tal pacto de nosso Senhor, estamos convencidos de que com todo direito lhes é comunicado o sinal exterior”.

Os Cânones de Dort (1618 – 1619) - A Confissão surgiu de uma controvérsia doutrinária, na Holanda, em que negava-se a soberania de Deus. “Ela (Palavra Sagrada) testifica que os filhos de crentes são santos, não por natureza, mas em virtude da aliança, da graça, na qual estão incluídas com seus pais” (DORT, 1996, p.23).

A Segunda Confissão Helvética - A Segunda Confissão Helvética (1561 – 1566) é talvez a mais importante confissão reformada continental. Na sua forma original, foi redigida por Heinrich Bullinger (1504- 1575), sucessor de Zwinglio em Zurich, sendo aprovada por um Sínodo de 1566.

“Nós também condenamos aos anabatistas que negam às crianças recém-nascidas o ser batizado pelos fiéis. Pois, segundo a doutrina evangélica, as crianças pertencem ao Reino de Deus e estão incluídas em seu pacto. Por que, pois, deve negar-lhes o sinal dessa aliança? Por que não devem ser consideradas ao

Senhor pelo santo batismo, se estão na Igreja de Deus como Seu tesouro? (SCHAFF, 1985, p.219).

Confissão dos Países Baixos - “Cremos que os filhos de todos os fiéis devem ser batizados e selados com o sinal do pacto, como as crianças eram circuncidadas em Israel, sobre as mesmas promessas que são feitas a nossos filhos. Também, em verdade, Cristo não derramou menos sangue para lavar os filhos dos fiéis, que para lavar os maiores. Por esta razão, devem receber o sinal e sacramento do que Cristo tem feito por eles; como na lei o Senhor mandou que participassem no sacramento da morte e paixão de Cristo, sendo eles recém-nascidos, pelo oferecimento por eles de um cordeiro que era o sacramento de Jesus Cristo”.

Estes dois citados a seguir fazem parte dos Símbolos de Fé da Igreja Presbiteriana do Brasil: O Breve Catecismo - Ainda quanto a quem deve ser ministrado o batismo? O Breve Catecismo responde que os filhos daqueles que são membros da igreja visível devem ser batizados (BREVE CATECISMO, 1997, pergunta 95).

O Catecismo Maior - “... as crianças, cujos pais, ou um só deles, professarem a sua fé em Cristo e obediência a ele, estão, quanto a isto, dentro do pacto e devem ser batizadas” (CATECISMO MAIOR, 1995, pergunta 166).

Por tudo que se pode apreciar, inegavelmente sobejam as provas documentais históricas e oficiais da igreja. Afirmado desde Abraão cerca de 1900 anos a.C. até a Reforma Protestante de 1517 a.D. e suas Confissões provenientes, ser normativa a prática da inclusão sacramental dos infantes na Igreja do Senhor Jesus, através do batismo infantil. Não se tratando de exceção à regra, como é o caso de suas oposições.

3.5. O BATISMO INFANTIL QUANTO ÀS OPOSIÇÕES

Convém ressaltar que nunca os Gnósticos, Ebionitas, Novacianos, Arianos, Donatistas, Montanistas¹³, nem outra heresia surgida e combatida no seio da cristandade, questionaram ou refutaram a prática do batismo infantil como normativa; pelo contrário, muitos destes foram notados como praticantes de tal rito. Entretanto, depois de acurada investigação não se poderá ignorar a existência, inda que tardia, de tais opositores.

Somente no século sétimo e oitavo depois de Cristo, com a seita dos Paulicianos¹⁴, é que se tem a primeira notícia de oposição formal ao batismo infantil, registrada em um manual de culto dos paulicianos, denominado "A Chave da Verdade", que é provavelmente do século sétimo ou oitavo, conforme Conybare, "Entretanto nem todos os paulicianos eram intransigentes nesse particular, pois alguns deles permitiam que filhinhos fossem batizados" (CONYBARE apud LANDES, p. 42).

Também surgiram durante o século doze depois de Cristo, no Sul da França, os Petrobrussianos¹⁵, que negavam o batismo às crianças por julgá-las incapazes de serem salvas. Por coerência, negando-lhes a salvação igualmente lhes negavam o sinal visível da salvação, que é o batismo.

Esses Petrobrussianos foram erroneamente confundidos com os *vaudois*, ou *valdenses*¹⁶, devido ao fato de juntamente eles combaterem o Papado. E logo após a morte de seu fundador, Pedro de Bruis, os petrobrussianos foram diminuindo em número, até desaparecer. Os valdenses, ao contrário do que às vezes se afirma, adotaram a comum prática do batismo de crianças. Desde o

¹³ Movimentos heréticos do início do Cristianismo.

¹⁴ Seita maniqueísta originada na Armênia, séc. VII-X, que pretendia reconduzir o cristianismo à simplicidade evangélica (KELLY, 1994, p.275).

¹⁵ Seita surgida no Sul da França, fundada por Pedro de Bruis em 1120. Essa seita rejeitou o batismo de crianças por julgá-las incapazes de ser salvas (KELLY, 1994, p.215).

¹⁶ Seita cristã originada entre os seguidores de Pedro Valdo na Idade Média (Idem, p.270).

tempo dos petrobrussianos, no século doze, até a Reforma do século dezesseis, não se pôs dúvida a origem apostólica do batismo infantil.

Então, chegando ao tempo da Reforma Protestante se encontrará a origem moderna da oposição ao batismo infantil na seita dos Anabatistas¹⁷, de 1522, que na Alemanha se opunham ao batismo de crianças. Seita esta que fora suprimida pelo poder secular, por causa de seus devidos excessos e rebeldia em afronta ao Estado Alemão.

Suprimida a seita, um religioso por nome de Menno Simons reorganizou os Anabatistas dispersos e lhes reformou os costumes e fazendo deles uma nova corporação eclesiástica. Conservando o princípio de oposição tenaz ao batismo infantil. O próprio Meno admitia que o batismo infantil viesse dos tempos apostólicos, mas mantinha que o costume se originara com falsos apóstolos. Portanto, a origem do movimento moderno de oposição ao batismo infantil se encontra historicamente nos anabatistas e seu organizador.

¹⁷ Grupo de cristãos que se levantaram contra algumas doutrinas da Igreja Católica. Entre essas doutrinas estava a do batismo infantil. O nome "anabatista" surgiu por causa do costume de "rebatizar" os seus seguidores. Chamada também de "Ala radical dos reformadores" (Idem, p.173).

4. O BATISMO INFANTIL NA IGREJA CATÓLICA ROMANA

“Tu foste. Tu te lavaste. Chegaste ao altar. Começaste a ver o que antes não havias visto, quer dizer: pela fonte do Salvador e pela pregação da Paixão do Senhor, se te abriram os olhos. Tu, que anteriormente parecias cego de coração, te puseste a ver a luz dos sacramentos” (Ambrósio de Milão, Os Sacramentos 3,15).

Para podermos fazer uma devida definição de batismo segundo a teologia católico-romana é necessário recuarmos um pouco no tempo, indo até a Era dos pais da Igreja. Entre os pais apostólicos podemos dizer que já achamos a ideia de que o batismo, além de ser o mais importante dos sacramentos, por ser o rito de iniciação à igreja, era um instrumento que efetuava o perdão dos pecados e comunicava uma vida nova, regenerava a pessoa que estava recebendo este sacramento.

Do século II a.D. em diante, o batismo começou a ser entendido como um sacramento que operava de um modo mais ou menos mágico, proporcionando, o que podemos chamar de regeneração batismal. O próprio Agostinho, no século IV, promoveu esta ideia até certo ponto, embora tivesse a fé e o arrependimento como condições necessárias para o batismo no caso de adultos. Todavia, em se tratando de crianças parece que ele supunha que o sacramento era eficaz *ex opere operato*.

A prática era considerada ortodoxa e apostólica. A visão da Igreja Católica está alicerçada, principalmente, na tradição e no pensamento teológico de Agostinho, de acordo com a interpretação dada pelos escolásticos: "As crianças que morrem sem o batismo são

confiadas à misericórdia de Deus, o que mostra o papel do batismo para a salvação na teologia católico-romana" (Catecismo da Igreja Católica, resposta à pergunta 262).

Em relação à incapacidade de discernimento da criança, Agostinho argumentou que a fé dos pais da criança seria um substituto para a mesma.

“Se no Mar Vermelho pereceram os egípcios, inimigos do povo de Deus, nas águas do batismo, vermelhas pelo sangue de Cristo, que brota do seu lado juntamente com a água, são perdoados os pecados, nossos inimigos” (GOEDERT, citando Agostinho, 1987, p. 59).

Portanto, é em Agostinho que surge a ideia de salvação através do batismo para a Igreja Católica e por isso, esta passa a batizar as crianças recém-nascidas. Ainda, segundo Goedert, “o batismo vira um sacramento, pois liberta a pessoa do pecado original e a une à Igreja, que responde conscientemente como mediadora pelas crianças” (GOEDERT, 1987, p. 46).

Se parássemos nesta explicação, estaríamos sendo reducionistas, pois estaríamos negligenciando a importância que a Igreja Católica passou a dar para o sacramento. Assim como a Igreja pratica o sacramento do batismo na criança, ela aplica o sacramento da crisma, isto é, a confirmação, no adulto, quando este já está consciente e faz a opção por escolha própria.

Ela reconhece que os sacramentos são **necessários para a salvação**¹⁸, pois conferem “as graças sacramentais, o perdão de pecados, a adoção de filhos de Deus, a conformação a Cristo Senhor e a pertença à Igreja” (Catecismo da Igreja Católica, resposta à pergunta 230), além da ação de cura e transformação efetuada pelo Espírito Santo naqueles que os recebem¹⁹. Por “graça sacramental”, deve-se entender uma graça do Espírito, dada por Cristo e própria de cada sacramento, a qual ajuda o fiel em seu caminho de santidade e a Igreja a crescer na caridade e no testemunho²⁰. Eles também dão à Igreja uma garantia, um penhor da vida eterna (FIORENZA E GALVIN.1997, p. 246). Assim, verifica-se

¹⁸ Grifo meu. O termo é usado na resposta à pergunta 230: “Porque motivo os sacramentos são necessários para a salvação?”.

¹⁹ Idem

²⁰ Resposta à pergunta 231.

que os sacramentos possuem uma espécie de caráter complementar na obra da salvação, tendo em vista que trazem o perdão dos pecados.

Essa afirmação de que o batismo é necessário para a salvação está inserida de forma abundante nos livros e materiais da própria Igreja Católica, como afirma o livro *O Caminho*, uma síntese da doutrina da igreja:

O batismo é necessário para todos os homens, porque só pelo batismo recebemos a nova vida em Cristo. É por isso que Cristo insiste tanto neste renascer na água e no Espírito Santo. **Quem não for batizado não entrará na vida eterna**²¹ (*O Caminho*. Material da Província Eclesiástica de Alagoas. Edições Loyola, p. 205).

Foi no Concílio de Trento (1545 a1563) que se estabeleceu um decreto sobre o Pecado Original, reafirmando os dogmas que o envolvem com a intenção de que a fé católica fosse preservada. De acordo com esse decreto, qualquer um que duvidasse da legitimidade desse Pecado, que ele comprometeu a todos os descendentes de Adão e Eva, que as crianças sejam batizadas com a intenção de se purificar desse pecado mesmo que seus pais já sejam batizados, etc.; deveria ser excomungado. Pelo ato do batismo, que é um sacramento de fé sem o qual ninguém consegue a salvação, todos passariam a ser puros, pois “não podem entrar no Reino de Deus, sem que tenham renascido pela água e pelo Espírito Santo” (Concílio de Trento, 1º período - sessão VI, Cap. IV, p. 15).

Para a Igreja Católica Romana o batismo representa, portanto, “o banho da regeneração e do nascimento dos filhos de Deus” (Ritual do batismo de crianças. 1999 p.23).

Na visão do sacerdote franciscano Régis Duffy, os sacramentos devem ser tratados dentro da vida litúrgica da Igreja. A liturgia seria o termo que se refere “à totalidade de ações de palavras de louvor e agradecimento que a igreja oferece a Deus” (FIORENZA E GALVIN, 1997, p. 246). Os sacramentos seriam “palavras-ações altamente focalizadas nesse contexto litúrgico mais amplo” (1997, p.247).

²¹ Grifo meu.

Eles seriam retratos de como a Igreja compreendeu, desenvolveu e aprofundou as formulações doutrinárias por trás de cada ato sacramental (1997, p.248).

Deste modo, para FIORENZA E GALVIN, uma definição de que sacramento deveria contemplar alguns aspectos:

Algumas dimensões dessa conscientização seriam: (1) o caráter gratuito e capacitador da oferta de salvação de Deus conforme proclamada pela Palavra do evangelho; (2) o contexto eclesial no qual o sacramento é celebrado; (3) restauração e fortalecimento sacramental conforme dirigido, quer para a missão efetiva da igreja, quer para a necessidade de redenção do indivíduo; (4) a dimensão trinitária de todo sacramento; (5) o mistério pascal; (6) a ação do Espírito Santo como decisiva; e (7) o impulso escatológico de todo sacramento (1997, p.248).

Desta forma, FIORENZA E GALVIN dão a seguinte definição sobre sacramento na capacitação do fiel na nova caminhada:

O sacramento, portanto, é evento pleno da presença no qual Deus gratuitamente capacita-nos para acolhermos a mensagem da salvação, para adentrarmos mais profundamente no mistério pascal, e para recebermos agradecidamente aquele poder restaurador e transformador que nos reúne como a comunidade do Filho de Deus para anunciarmos o reino de Deus no poder do Espírito. (1997, p.248).

As experiências sacramentais, individuais ou comunitárias, não podem ser separadas da presença autocomunicadora de Deus, e isso se dá de forma que elas estão enraizadas na experiência do mistério de Deus (FIORENZA E GALVIN, 1997, p.249). Neles, adaptando uma citação de Atanásio, Deus se torna portador da carne para que os homens possam ser portadores do Espírito (1997, p.250). Cristo é, na verdade, o sacramento básico, e o Espírito, o doador de todo sacramento (1997, p.250).

Isto se reflete quando se consideram duas cristologias complementares: uma é descendente, a cristologia-Logos, onde Jesus desce para cumprir o seu papel redentor, e a outra é ascendente, a cristologia-Espírito, que mostra a santificação da humanidade de Jesus feita pelo Espírito Santo, quando ela é

elevada até a união com a Palavra que a assume (1997, p.250). As comunidades que compreendem estas cristologias compreendem melhor o papel da *epiclese*, ou seja, da invocação do Espírito Santo, sobre os sacramentos. As epicleses presentes nas orações eucarísticas trazem o princípio de que se deve pedir que o Espírito desça sobre a comunidade e traga os seus dons, para que a comunidade se torne, efetivamente, o corpo de Cristo (1997, p.250). De acordo com o Concílio Vaticano II, Jesus é o *Sacrosanctum Concilium*, ou seja, o “sublime sacramento de toda a Igreja” (1997, p. 250). Assim como Cristo, a Igreja também pode ser vista como um sacramento, pois a sua missão é a missão de Cristo (1997, p.252).

Há, então, esta convicção pela igreja de que o batismo poderia ajudar na salvação da alma. A postura deve-se à constatação de que, se a Bíblia fala tanto do batismo, então ele tem um valor que pode ajudar na remissão da alma. Assim, após o século XVI, Os católicos amadureceram os conceitos desenvolvidos nos períodos patrístico e escolástico, e reafirmaram estas crenças no Concílio de Trento (1545-1563). O Concílio Vaticano II levou à reafirmação de uma perspectiva clássica sobre a iniciação:

O batismo de crianças é a prática costumeira, mas a norma teológica é o fiel solicitar a recepção do sacramento; o batismo, a confirmação e a eucaristia estão unidos como sacramentos da iniciação; a comunidade eclesial possui importância neste processo; e a conversão é um processo gradual (FIORENZA E GALVIN, 1997, p.297-8).

O batismo é considerado um sacramento, que, segundo o Catecismo da Igreja Católica “Os mistérios da vida de Cristo constituem o fundamento do que, de ora em diante, pelos ministros da sua Igreja, Cristo dispensa nos sacramentos” (Catecismo da Igreja Católica – Compêndio). Como bem define Leão Magno, “O que era visível no nosso Salvador passou para os seus sacramentos” (sermão 74.2 PL 54, 398 A).

“É o sacramento que nos regenera pela graça em Jesus Cristo, nos faz cristãos, filhos de Deus e da igreja; o batismo apaga o pecado original e atual, perdoa toda a pena devida a esses pecados, imprime-nos na alma o caráter de cristãos; faz-nos filhos de Deus, membros da igreja, e herdeiros do céu; a matéria do

batismo é a água natural que se derrama na cabeça da pessoa; as crianças devem ser batizadas o mais depressa possível, aos oito dias de nascimento, no mais tardar, porque estão sujeitas a muitos perigos, e se morrerem, não se podem salvar; o batismo é necessário para nos salvarmos” (Doutrina Católica, 1982, p. 76 e 77).

Para a Igreja Católica Romana os sacramentos são eficazes *ex opere operato* (pelo próprio fato de a ação sacramental ser realizada), porque é Cristo que neles age e comunica a graça que significam, independentemente da santidade pessoal do ministro, ainda que os frutos dos sacramentos dependam também das disposições de quem os recebe.

O autor do livro *Batismo e Rebatismo nas Diversas Tradições Cristãs*, Carlos Jeremias Klein, retrata uma questão batismal interessante, pela questão do *ex opere operato*:

Foi comunicado pelo bispo de Metz, Bertoldo, ao papa Inocêncio III, em 1206 o seguinte: Um judeu, em perigo de morte, encontrando-se somente entre judeus, imergiu a si mesmo em água, com as palavras: ‘eu me batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém’. O papa, pronunciando-se sobre o caso na Carta *Debitum pastoralis officii*, a Bertoldo, afirma que deve haver diferença entre quem batiza e quem é batizado como se deduz do mandamento do Senhor aos apóstolos (cita Mt 28.19): “O judeu em questão teria de ser batizado de novo por outro, para mostrar que um é o batizado, e outro o que batiza... Ainda que, se tivesse morrido imediatamente, teria subido instantaneamente à pátria celeste pela fé no sacramento, mesmo que não pelo sacramento da fé”(KLEIN, 2010, p. 36).

Embora nem todos os sacramentos sejam conferidos a cada um dos fiéis, eles são necessários para a salvação dos que creem em Cristo, porque conferem as graças sacramentais, o perdão dos pecados, a adoção de filhos de Deus, a conformação a Cristo Senhor e a pertença à Igreja.

Com relação ao sacramento do batismo, mais precisamente do batismo infantil, a Igreja Católica batiza a criança porque, tendo nascido com o pecado original, elas têm necessidade de ser libertadas do poder do Maligno e de ser transferidas para o reino da liberdade dos filhos de Deus.

O mistério do batismo está intimamente relacionado com a presença do pecado na humanidade. O ser humano já chega ao mundo com a natureza atingida pela predição do pecado. Com o passar dos anos como se fosse uma planta daninha, o pecado cresce e vai se fortalecendo cada vez mais e mais, e lentamente vai escravizando a alma humana. Conseqüentemente, não apenas individualmente, mas socialmente, a vida como um todo acaba sendo envenenada pelo pecado; e é dele, que provem toda a desgraça humana: crime, sofrimento, vários delitos, morte física e o mais importante, a morte espiritual.

O Senhor Jesus Cristo, aquele que veio para aniquilar o pecado, instituiu o mistério do batismo, após a sua ressurreição dos mortos, quando ele apareceu aos Seus discípulos e disse: "Ide, pois, ensinai todas as gentes, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinando-as a observar todas as coisas que vos mandei..." (Mt 28:19-20)²². "O que crer e for batizado, será salvo; o que, porém, não crer, será condenado" (Mc 16:16).

Seguindo a ordem do salvador, os apóstolos pregavam a fé em Jesus Cristo nos lugares aonde chegavam e batizavam todos aqueles, que se convertiam. O primeiro batismo em multidão ocorreu no dia em que o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos, quando após o sermão de Pedro, os ouvintes perguntaram o que deveriam fazer para serem salvos. O que o apóstolo replicou: "Fazei penitência e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão de vossos pecados; recebereis o dom do Espírito Santo" (At 2.38).

O significado do batismo é explicado ainda mais, pelo apóstolo Paulo em sua epístola aos romanos: "Vós não sabeis que todos os que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na Sua morte? Nós fomos, pois, sepultados com ele, a fim de morrer (para o pecado) pelo batismo, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim nós vivamos uma vida nova" (Rm 6.3-4). Tendo morrido na cruz, o Senhor e Salvador Jesus Cristo, carregou consigo todos os pecados da humanidade, e deste modo, purificando os que nele creem. Sua morte na Cruz tem o poder de lavar todos os nossos pecados. Todos

²² Textos extraídos da Bíblia Sagrada.

aqueles que são batizados, são imergidos na morte de Cristo e na força da purificação dos Seus sofrimentos na cruz. Esta força destrói completamente todo pecado, de maneira que nenhum traço fique remanescente.

Isso pode ser comparado, a colocar um pedaço de minério em uma solução química, a qual dissolve todas as impurezas, deixando o ouro puro (Mileant, Alexandre. Batismo e Crisma – O Início de uma Nova Vida, 1987).

Quando alguém é purificado do pecado, ele se liberta de seu jugo e é livre para seguir a sua vida espiritual. Nas Sagradas Escrituras o nascimento espiritual é denominado de "**primeira ressurreição**," para diferenciar da segunda, a ressurreição física, que ocorrerá antes do final do mundo (cf. Apocalipse 20:5). A pessoa batizada torna-se um filho amado de Deus, sendo adotada por Ele como filho ou filha, pela graça de Cristo.

Com relação a importância da realização do batismo, está registrado no Arcebispo da Bahia a seguinte recomendação:

O certo é que todos os recém-nascidos de famílias católicas deveriam ser batizados, principalmente àqueles que se encontrassem entre a vida e a morte. Nestes casos, caberia às parteiras ministrarem o sacramento. Caso as crianças "periguem" antes de ter saído por completo do ventre materno, devem receber a água e as palavras sagradas na cabeça ou mesmo em outra parte do corpo que venha à luz, seja "mão ou pé". Quando for a mãe que estiver em perigo ou mesmo que venha a falecer, a família deve entrar em contato com as autoridades locais para que "se abra a mãe com muito resguardo, para que não matem a criança, e sendo achada viva" deve-se providenciar com o máximo de urgência seu batismo por "effusão ou aspensão." Por fim, tendo nascido alguma "criança monstruosa", recomendava-se que o batismo seja realizado com prévia autorização (D. Sebastião Monteiro. CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA. São Paulo, 1853. p.80).

Isto não significa que o ser humano batizado torna-se livre de todas as tentações ou da luta espiritual. Para a Igreja Católica as lutas espirituais são inevitáveis para toda pessoa que vive neste mundo de tentações. Quem não é batizado, não tem forças para lutar contra o pecado, e é escravizado por ele; ao

passo que o batizado é liberado do pecado e recebe ajuda para a luta contra as tentações.

É comum nas histórias cristãs alguém receber o Senhor Jesus como Salvador em um leito de dor, e até mesmo à beira da morte. Temos um ótimo exemplo disso na própria Bíblia: é o caso do ladrão na cruz do Calvário, o qual, sabendo que morreria, reconheceu Jesus como o Filho de Deus e Lhe pediu que o salvasse. O Senhor Jesus imediatamente respondeu: "... Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso." (Lucas 23.43).

Um caso bem conhecido na História sobre o batismo no leito de morte foi a do Imperador Constantino²³: "Doente, esgotado em virtude de um reinado agitado, o imperador romano Constantino I morre em 22 de maio de 337, dia do Pentecostes cristão. Não tinha cumprido ainda 60 anos. Faleceu em Ancirona, nos subúrbios de Nicomédia (atual cidade turca de Izmit), ao sul do mar de Mármara, enquanto tentava reconquistar às pressas sua capital, Constantinopla.

Antes de exalar o último suspiro, Constantino teve tempo de receber o batismo das mãos do bispo Eusébio de Nicomédia. Este batismo tardio e sua ação em favor da Igreja Lhe valeram ser venerado como um santo pelos cristãos ortodoxos, ainda que não tivesse tido na vida um comportamento dos mais virtuosos. Sua mãe Helena, cristã sincera que rezava pela conversão de seu filho, figura igualmente entre os santos.

Desde a sua juventude, Constantino estava dividido entre a nova religião herdada de sua mãe Helena e o culto bastante em voga à sua época do *Sol invictus*, o que daria início a uma evolução do politeísmo pagão em direção ao monoteísmo judaico ou cristão.

No poder, se deixou cercar por cristãos, entre os quais seu hagiógrafo o bispo Eusébio de Cesárea, uma cidade da Palestina, quem pronuncia seu panegírico – elogio público – na véspera do 30º aniversário de sua ascensão ao poder em 25 de julho de 336.

²³ Fonte: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia>, acesso em 26/03/2014.

Envolve-se também muito ativamente nos negócios da Igreja e convoca um concílio ecumênico universal em Niceia com a finalidade de superar as divergências entre partidários de Ário e de Atanásio da Alexandria sobre a sutil questão da divindade de Cristo.

Curiosamente, esquecendo-se de suas precedentes decisões em favor da unidade doutrinária do cristianismo, o imperador cede, na fase final de sua vida, aos argumentos de um bispo ariano, Eusébio de Nicomédia, o mesmo que o batizaria em seu leito de morte. Estende a mão e apoia o arianismo, condenado pelo Concílio de Niceia. A heresia só seria definitivamente eliminada no século seguinte em 451, por ocasião do Concílio de Calcedônia.

Segundo o costume então em voga entre os cristãos da época, Constantino espera a iminência da morte para receber o batismo, o que asseguraria a remissão de seus numerosos pecados anteriores”.

Apesar disto, o ensino da Igreja Católica é que todo cristão deve compreender que, superando as tentações, ele progride moralmente, ao mesmo tempo em que, está crescendo e se tornando mais forte espiritualmente. A chave para isto é o esforço pessoal. Segundo a Igreja Católica, se não existisse a luta, não existiriam pessoas justas:

Na luta contra as tentações o cristão não está só, mas, ele recebe uma grande ajuda do Espírito Santo através da crisma, a qual é normalmente realizada imediatamente após o batismo (Mileant, Alexandre. Batismo e Crisma – O Início de uma Nova Vida, 1987).

Berkhof ao expor a definição do batismo segundo a teologia católico-romana ressalta que a graça conferida pelo batismo pode ser enumerada da seguinte maneira:

(1) O *character indelibilis*, levando o indivíduo à jurisdição da igreja (2) Livrando (a) da culpa do pecado original e da culpa dos pecados cometidos até ao tempo do batismo; (b) da poluição do pecado; embora a concupiscência continue como agente fundamental do pecado; e (c) da punição eterna e também de todo o castigo temporal, exceto naquilo em que este seja resultado natural do pecado. (3) Renovação espiritual pela infusão da graça

santificadora e das virtudes sobrenaturais da fé, da esperança e do amor. (4) Incorporação na comunidade dos santos, e na visível Igreja dos crentes (BERKHOF, 1990, p.233).

4.1. A RELAÇÃO ENTRE BATISMO INFANTIL E PADRINHOS NA IGREJA CATÓLICA ROMANA

Aos onze dias do mez de abril de mil oitocentos e sessenta e sis (...) baptizou e poz os Santos Óleos o mui Reverendíssimo Cônego Cura desta freguesia Domingos da Rocha Vianna a Alfredo, liberto (...) filho natural de Vitória, escrava do José Candido Nunes Belfort, forão padrinhos o Doctor Felipe Joaquim Gomes de Macedo Belfort e Donna Olympia de Macedo Belfort (ANDRADE, **Diante da pia batismal**: Laços de compadrio e escravidão no Maranhão oitocentista. 2003 p 22).

O pequeno Alfredo, filho de Vitória, participou de um dos rituais mais importantes da Igreja Católica: o batismo. Seus padrinhos foram Felipe Joaquim Gomes de Macedo Belfort e Olympia de Macedo Belfort, conforme podemos constatar na transcrição acima. Percebemos, assim, o envolvimento de três personagens neste acontecimento, a saber: a criança, a mãe e o padrinho(s). A relação estabelecida a partir desse ritual é o apadrinhamento.

Segundo Gudeman e Schwartz (1988), o apadrinhamento ultrapassa o sentido religioso, pois “é projetado para dentro do ambiente social”. Assim, conforme os autores citados, isto significa “que a escolha de padrinhos [...] era também determinada pelo contexto social” (GUDEMAN, SCHWARTZ, 1988, p. 37). Estes estudiosos buscaram entender como se davam o batismo e a escolha de padrinhos e madrinhas entre os indivíduos no século XVIII.

O apadrinhamento é o termo utilizado para denotar a ação de alguém que seja padrinho ou madrinha, ambos indivíduos que se comprometem a cuidar de um ou mais menores de idade. Sua origem remonta ao século II, com origem religiosa cristã, e depois passou a obter significados distintos a depender da religião e do código cível. O sentido original do apadrinhamento é um serviço a ser realizado por um indivíduo que tenha uma dívida a quitar com o pai ou a mãe de uma determinada criança, sendo o apadrinhamento de uma ou mais crianças do casal, um tipo de tributo voluntário concedido à família do casal durante toda a vida.

Ainda com relação a esta relação formada pelo compadrio, Mattoso afirma que: “São solidariedades individuais. Elas pronunciam laços do compadrio. O padrinho, a madrinha, a comadre, assumem responsabilidades idênticas às dos pais” (MATTOSO, 2003, p.51).

No batismo infantil há essa característica no evento onde parece haver uma peça, algo como uma encenação onde participam personagens que exercem seus papéis no cerimonial.

Na Igreja Católica, que adota essa prática, há várias recomendações neste sentido:

Segundo costume antiquíssimo da Igreja, o adulto não deve ser admitido ao Baptismo sem um padrinho, escolhido de entre os membros da comunidade cristã, o qual o ajudará pelo menos na última preparação para o sacramento e, após o Baptismo, contribuirá para a sua perseverança na fé e na vida cristã. Também no Baptismo de uma criança deve haver um padrinho, que represente a família do baptizando espiritualmente ampliada e a Igreja Mãe, e que, oportunamente, ajude os pais, para que a criança venha a professar a fé e a exprimi-la na vida. (RITUAL ROMANO reformado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade de S.S. o Papa Paulo VI, p.16).

Com relação ao cerimonial católico, percebemos, assim, o envolvimento de três ou quatro pessoas neste acontecimento, a saber: a criança, a mãe, com ou sem o pai, e o padrinho. A relação estabelecida a partir desse ritual pode durar por gerações na família.

O apadrinhamento faz parte das pesquisas relacionadas à família, um tipo de parentesco que não necessita de laços consanguíneos, é de natureza espiritual efetivado no ritual do batismo realizado pela Igreja Católica. Conforme é salientado por Schwartz:

“[...] aos olhos da sociedade cristã, o compadrio estabelecia laços espirituais entre os padrinhos e o cristão que acabara de ganhar um nome e passar pela iniciação e, no caso da criança batizada, entre os padrinhos e os pais naturais” (SCHWARTZ, 2001, p. 265).

Os padrinhos da criança ou do adulto recém-batizado servem-lhes como pais espirituais. Eles são responsáveis por seu desenvolvimento espiritual. Eles oram por seus afilhados e auxiliam-nos com conselhos ou ajuda durante as fases difíceis de suas vidas. Em outras palavras, ser padrinho não é somente uma honra, mas é uma grande responsabilidade. Durante o batismo é comum haver dois padrinhos, um padrinho e uma madrinha, mesmo que um só, seja suficiente. Eles precisam ser católicos devotos, assim como serem assíduos frequentadores da igreja, para que possam exercer uma boa influência em seus afilhados. Normalmente, eles fornecem uma cruz para ser usada pelo recém-batizado.

Importa muito, pois, que, já na preparação do Batismo, os catequistas e outros leigos cooperem com os sacerdotes e diáconos. Além disso, é de toda a conveniência que o povo de Deus, representado não só pelos padrinhos, pais e parentes mais próximos, mas também, na medida do possível, pelos amigos e familiares, vizinhos e alguns membros da Igreja local, tome parte ativa na celebração do batismo, para que deste modo se manifeste a fé comum e se exprima comunitariamente a alegria com que os recém-batizados são recebidos na Igreja.

Segundo costume antiquíssimo da Igreja Católica, o adulto não deve ser admitido ao Batismo sem um padrinho, escolhido de entre os membros da comunidade cristã, o qual o ajudará pelo menos na última preparação para o sacramento e, após o batismo, contribuirá para a sua perseverança na fé e na vida cristã. Também no batismo de uma criança deve haver um padrinho, que represente a família do batizando espiritualmente ampliada e a Igreja Mãe, e que, oportunamente, ajude os pais, para que a criança venha a professar a fé e a exprimi-la na vida.

O padrinho intervém pelo menos nos últimos ritos do catecumenato e na própria celebração do Batismo, quer para testemunhar a fé do batizando adulto, quer para professar, juntamente com os pais, a fé da Igreja na qual a criança é batizada.

Segundo o Ritual Romano, A fim de realizar os atos litúrgicos que lhe são próprios, dos quais se falou anteriormente, é conveniente que o padrinho,

escolhido pelo catecúmeno ou pela família, reúna, a juízo do pastor de almas, as qualidades seguintes:

- 1) tenha sido designado pelo próprio batizando, pelos pais ou por quem as vezes destes fizer ou, na falta deles, pelo pároco ou pelo ministro, e possua a capacidade e intenção de desempenhar este múnus;
- 2) tenha maturidade suficiente para desempenhar esta função, o que se presume se já completou os dezesseis anos de idade, a não ser que tenha sido determinada outra idade pelo Bispo diocesano ou, por justa causa, o pároco ou o ministro entendam que deve admitir-se exceção;
- 3) tenha sido iniciado pelos três sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia, e leve vida de acordo com a fé e a função que vai desempenhar;
- 4) não seja o pai ou a mãe do batizando;
- 5) haja um só padrinho ou uma só madrinha, ou então um padrinho e uma madrinha;
- 6) pertença à Igreja católica e não esteja impedido, pelo direito, de exercer esta função. Todavia, um batizado que não pertença à comunidade católica, e possua a fé de Cristo, pode, se os pais o desejarem, ser admitido juntamente com um padrinho católico (ou uma madrinha católica) como testemunha cristã do Batismo. No que se refere aos orientais separados tenha-se em conta, se for preciso, a disciplina particular para as Igrejas orientais (RITUAL ROMANO – Reformado por Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por Autoridade de S. S. o Papa Paulo VI, 2ª Edição Típica, 1965).

Hoje, muitas vezes, a questão do apadrinhamento está mais ligada às questões econômicas ou materiais. Com relação a isso, Wachholz mostra seu entendimento sobre esta questão:

Na prática vigente, é comum as famílias procurarem padrinhos e madrinhas sociais para o batizado de seus filhos e filhas. Essas pessoas geralmente são escolhidas pelo que podem contribuir para a vivência de fé da criança a ser batizada, mas muito mais pela capacidade de emprestar prestígio ou proporcionar auxílio material e social, em caso de necessidade. Para a comunidade cristã será muito difícil, se não impossível, opor-se a essa prática. A comunidade pode, contudo, estudar a possibilidade de sugerir padrinhos e madrinhas de fé para, ao lado dos padrinhos e madrinhas sociais, acompanhar a pessoa batizada. Essa alternativa tem sido proposta ocasionalmente e até mesmo obreiros e obreiras com muitos anos de ministério não a consideram inexequível (WACHHOLZ, 2006, p.120).

No passado não tão distante, é possível observar também esse interesse econômico e social. Ainda considerando o registro de batismo no início deste capítulo, os motivos que levaram Vitória a escolher pessoas livres como padrinhos podem estar no fato da mesma procurar dar a seu filho uma maior proteção. Estar ligado a alguém que juridicamente era livre, naquela sociedade poderia ter não só um significado social, mas também cultural e econômico. Pois, não esqueçamos, para a realidade da época, “ter” influenciava sobremaneira na constituição do “ser” enquanto sujeito socialmente constituído.

Patrícia Cerqueira e Mônica Brandão, em artigo disponível na internet enfatizam a importância dos padrinhos no batismo, inclusive respondendo questões que são dúvidas entre os pais neste momento²⁴:

1. Quais as funções e o papel atribuídos ao padrinho e à madrinha durante o batizado? Na celebração do batismo, o padrinho e a madrinha se comprometem a acompanhar a criança em seu crescimento na vida cristã. “Podemos traduzir as palavras padrinho e madrinha ‘como pais na fé’”, explica padre Antonio Aparecido Pereira, pároco da Igreja Nossa Senhora das Dores, no bairro da Casa Verde, em São Paulo, e vigário episcopal para as comunicações da Arquidiocese de São Paulo. Padre Antonio, mais conhecido como padre Cido, explica que, no início da cerimônia de batismo, o padre exige dos pais o compromisso de educar o filho ou a filha na fé. E do padrinho e da madrinha exige o compromisso de ajudar o afilhado, com a palavra e com o exemplo, a viver sua vida cristã.

2. O que os padrinhos representam e qual a sua responsabilidade na vida da criança? Representam o exemplo a ser seguido na fé cristã. Cabe aos padrinhos, tanto quanto possível, acompanhar o afilhado na iniciação cristã, juntamente com os pais. Segundo padre Cido, como os padrinhos têm a responsabilidade de ajudar os pais a educar os filhos na fé, a Igreja adverte aos pais que sejam criteriosos na escolha. “Eles não devem fazer dessa opção uma

²⁴ <http://bebe.abril.com.br/materia/os-significados-do-batizado?origem=home-bebe> em 07/05/2014.

homenagem a amigos ou, pior, uma forma de visar algum benefício para os filhos ou se deixarem explorar politicamente, fato comum no coronelismo do Nordeste brasileiro.”

3. Quais documentos são necessários para se tornar padrinho?

Apenas o comprovante dos encontros preparatórios, como são chamados, agora, os cursinhos de batismo.

4. Os padrinhos precisam ter sido batizados? Sim. Devem ser católicos, fiéis aos preceitos da Igreja e terem 16 anos completos ou maturidade suficiente para assumir tal responsabilidade.

5. Pessoas divorciadas podem se tornar madrinhas? O Diretório do Sacramento na Arquidiocese de São Paulo não toca no assunto. Mas, como cada padre tem liberdade para determinar algumas regras para a cerimônia do batismo, podem existir paróquias pelo Brasil que exigem dos padrinhos o comprovante de casamento na Igreja. Os pais do batizando deve conversar com o padre e perguntar sobre as exigências para a realização do sacramento.

6. Pessoas vinculadas a outras religiões podem ser padrinhos? Não. Mas podem servir de testemunha cristã do batizando. Caso um dos pais não seja católico, a criança pode ser batizada, desde que a parte não católica assine um documento autorizando o filho a receber o sacramento. “Aqueles que solicitam têm o direito de ser batizados. Todo padre é proibido pela Igreja de se recusar a dar o sacramento do batismo. Ele pode adiar a celebração se perceber que os pais necessitam refletir um pouco mais sobre a decisão de batizar filho”, explica o padre.

7. Os padrinhos devem fazer o curso de batismo ministrado na igreja? Quanto tempo dura o cursinho? Costuma ser agendado para finais de semana? Qual o prazo de validade do certificado desse curso? Segundo padre Cido, a Igreja está pedindo às comunidades que não se fale mais em curso de batismo, mas em encontros preparatórios. Ele explica que, caso os padrinhos já tenham participado de um encontro preparatório, que conversem com o padre e peçam para ser dispensados. “Entretanto, a participação é um gesto de carinho com o futuro afilhado ou afilhada e os futuros compadres”, acredita o padre. Ele

explica que cada paróquia determina a dinâmica dos encontros preparatórios e a validade do certificado. “Na minha paróquia, ele ocorre em uma noite de sábado”, diz Cido.

E na Igreja Presbiteriana? Será que este ritual é totalmente desprezado? Eu mesmo presenciei numa Igreja Presbiteriana algo muito parecido com isso. O pastor local, após o derramar de água sobre a cabeça da criança, quando só havia os pais, chamou à frente aqueles que faziam parte da família (avós, tios, e irmãos) e fez admoestações de que deveriam, também, ser responsáveis pela criança, de ajudá-la a andar nos caminhos de Deus, orar por ela e com ela.

Não é incomum, também, observar esta prática em vídeos, *posts* e outros meios de divulgação de igrejas e organizações.

Podemos ver nisso algo parecido? Colocar sobre os parentes esta responsabilidade, de certa forma não se aproxima da tarefa dos padrinhos católicos?

4.2. A RELAÇÃO ENTRE O BATISMO INFANTIL E O EXORCISMO NA IGREJA CATÓLICA

Tomados do Novo Testamento, os exorcismos se desenvolveram posteriormente. A luta de Deus contra o diabo invade todos os escritos do Novo Testamento e se exprime pela dualidade de expressão: Deus- satanás; Cristo- belzebu, nos sinóticos.

Luz-treva; vida-morte; Reino de Deus-mundo, no livro de João. Vida-morte, nos escritos de Paulo. Eis a fé da comunidade primitiva em Cristo, vencedor do pecado e da morte.

Renúncia ao mal: Já nos primeiros séculos, antes do batismo, o catecúmeno rezava o Creio que continha as verdades da fé. Também o pai-nosso, a oração dos filhos de Deus. Renunciava ao demônio, isto é, a tudo o que pudesse desviá-lo de seguir Jesus Cristo, como a desunião, o pecado. Atualmente, continuam a existir estas promessas que são feitas pelos pais e padrinhos de um modo personalizado, não coletivo. Por isso, respondem no singular: "renuncio", depois de cada pergunta do celebrante. Com isto, renovam as promessas de seu batismo para que tenham condições de orientar o novo batizado²⁵.

Os exorcismos se desenvolveram sempre mais. No tempo de Hipólito de Roma, consistem em uma fórmula e na imposição das mãos. Dramatiza-se o conteúdo da fórmula para pedir ajuda a Deus e para abjurar o demônio. Vários textos bíblicos que exprimem libertação e bondade de Deus são lembrados nos exorcismos.

Na confissão batismal, percebe-se com clareza na proclamação do querigma apostólico, uma série de temas batismais, tais como as afirmações cristológicas, a profissão de fé trinitária e outros. Segundo Goedert, "É preciso

²⁵<http://arquiocesedecampogrande.org.br/arc/formacao/formacao-igreja/259-o-batismo-para-o-povo.html?start=15>. Acesso em 15/04/2014.

salientar que não se trata, apenas, de transmissão intelectual da fé, mas de vivência pessoal e eclesial das verdades proclamadas” (GOEDERT, VALTER, 1988, p.49).

Ainda seguindo o comentário de Goedert sobre as formas de batismo e os elementos que fazem parte deste Sacramento,

Aos poucos, as formas batismais mais ou menos espontâneas vão se fixando. Outros elementos se juntam ao núcleo inicial: catequeses, atos penitenciais acompanhados de orações e jejuns com a participação da comunidade, profissões de fé, compromissos de vida, quer pessoal, quer socialmente. A grande evolução acontece, contudo, entre os séculos II e V. Do banho e da profissão de fé, o batismo passa a outras cerimônias e ritos complementares, que se desenvolvem principalmente a partir da instituição do catecumenato (GOEDERT, VALTER, 1988, p. 49).

Quanto a prática do batismo, Bossy afirma que para a Igreja do norte da Europa o batismo era...

“... um rito de exorcismo, em que o sacerdote expulsava o Demônio existente na criança”. Tal prática, acreditava-se, era devido justamente à amarra ao pecado original passado de geração a geração, doutrina que, como vimos, foi proposta por Agostinho. Acreditava-se que a criança precisava ser libertada o mais rápido possível. Após ser exorcizada na porta da Igreja, era então conduzida à pia batismal. No norte da Europa, as pessoas chegaram ainda a acreditar que o batismo dava saúde (John BOSSY, A cristandade no Ocidente. Lisboa: Edições 70, 1985, p. 29).

Ao expor o rito do exorcismo e oração do Bispo sobre a água Ambrósio fala da relação entre o ato e a eficácia do sacramento:

Tu viste a água. Ora, nem toda a água cura. Tem poder de curar a que possuir a graça de Cristo. Uma coisa é o elemento; outra, a santificação. Uma coisa é o ato; outra a eficácia. O ato é da água. A eficácia, do Espírito Santo. A água do batismo tem eficácia porque é santificada pela Trindade. O Bispo diz a oração e invoca o nome do Pai, a presença do Filho e do Espírito Santo. Desceu Cristo para a água e o Espírito Santo baixou como pomba.

Também o Pai, por sua vez, falou do céu. Estás, aí, em presença da Trindade (*Os Sacramentos* 1,19).

No Catecismo da Igreja Católica vemos algumas considerações sobre o exorcismo no momento do batismo de crianças²⁶:

Exorcismo na celebração do Batismo

§1237 Visto que o Batismo significa a libertação do pecado e de seu instigador, o Diabo, pronuncia-se um (ou vários) exorcismo(s) sobre o candidato. Este é ungido com o óleo dos catecúmenos ou então o celebrante impõe-lhe a mão, e o candidato renuncia explicitamente a satanás. Assim preparado, ele pode confessar a fé da Igreja, à qual será "confiado" pelo Batismo.

E.56.2 Significação dos exorcismos de Jesus.

§517 Toda a vida de Cristo é mistério de Redenção. A Redenção nos vem antes de tudo pelo sangue da Cruz, mas este mistério está em ação em toda a vida de Cristo: já em sua Encarnação, pela qual, fazendo-se pobre, nos enriqueceu por sua pobreza; em sua vida oculta, que, por sua submissão, serve de reparação para nossa insubmissão; em sua palavra, que purifica seus ouvintes; em suas curas e em seus exorcismos, pelos quais "levou nossas fraquezas e carregou nossas doenças" (Mt 8,17); em sua Ressurreição, pela qual nos justifica.

§550 O advento do Reino de Deus é a derrota do reino de Satanás: "Se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós" (Mt 12,28). Os exorcismos de Jesus libertam homens do domínio dos demônios. Antecipam a grande vitória de Jesus sobre "o príncipe deste mundo". E pela Cruz de Cristo que o Reino de Deus ser definitivamente estabelecido: "*Regnavit a ligno Dei* - Deus reinou do alto do madeiro".

E.56.3 Significação e fins do exorcismo e de sua maneira de fazer:

§1673 Quando a Igreja exige publicamente e com autoridade, em nome de Jesus Cristo, que uma pessoa ou objeto seja protegido contra a influência do maligno e subtraído a seu domínio, fala-se de exorcismo. Jesus o praticou, é dele que a

²⁶ <http://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/e/exorcismo.html>. Acesso em 15/05/2014.

Igreja recebeu o poder e o encargo de exorcizar. Sob uma forma simples, o exorcismo é praticado durante a celebração do Batismo.

O exorcismo solene, chamado "grande exorcismo", só pode ser praticado por um sacerdote, com a permissão do bispo. Nele é necessário proceder com prudência, observando estritamente as regras estabelecidas pela Igreja. O exorcismo visa expulsar os demônios ou livrar da influência demoníaca, e isto pela autoridade espiritual que Jesus confiou à sua Igreja. Bem diferente é o caso de doenças, sobretudo psíquicas, cujo tratamento depende da ciência médica. É importante, pois, verificar antes de celebrar o exorcismo se se trata de uma presença do maligno ou de uma doença.

4.3. A RELAÇÃO ENTRE O BATISMO INFANTIL E O *LIMBUS INFANTUS* NA IGREJA CATÓLICA

Na Igreja primitiva pouco se pensou num estado intermediário. A ideia de que Jesus voltaria como juiz fazia o intervalo parecer pouco importante. O problema surgiu quando se evidenciou que Jesus não voltaria imediatamente.

“durante muitos séculos, foi geralmente aceita a conclusão geral de que num hades subterrâneo os justos gozam certa medida de recompensa, não igual ao seu futuro céu, e os ímpios sofrem certo grau de punição, não igual ao seu futuro inferno” (ADDISON. 1980, p.39).

Este conceito foi defendido por homens como Justino Mártir, Irineu, Tertuliano, Novaciano, Orígenes, Gregório de Nyssa, Ambrósio e Agostinho. Na escola de Alexandria, a ideia do estado intermediário cedeu passo à de uma gradual purificação da alma, e isto, nos transcurso do tempo, preparou o caminho para a doutrina católica romana do purgatório. Porém, alguns apoiavam a ideia de que, na morte, as almas dos justos entravam imediatamente no céu, entre eles estavam Gregório de Nazianzo, Eusébio e Gregório, o Grande²⁷.

O uso da palavra *limbo* para se referir a estados de esquecimento, confinamento, ou de transição é derivado do sentido teológico do *Limbo* como um lugar onde as almas permanecem que não podem entrar no céu, por exemplo, crianças não batizadas. *Limbo* na teologia católica romana está localizado na fronteira do Inferno, o que explica o nome escolhido para ele. A palavra latina *limbo*, tendo significados como "uma fronteira ornamental para uma franja" e "uma banda ou cinto", foi escolhido por teólogos cristãos da Idade Média para designar esta região de fronteira. Inglês emprestado a palavra *limbo* diretamente, mas a forma que pegou em Inglês, *limbo*, registrado pela primeira vez em uma obra composta em torno de 1378, é a partir da forma ablativo de *limbo*, a forma que seria usada em expressões como *no limbo*, "em Limbo"²⁸.

²⁷ <http://escatologia5.blogspot.com.br/>. Acesso em 17/03/2014.

²⁸ <http://www.thefreedictionary.com/Limbus+Infantum>. Acesso em 24/03/2014.

Carlos Chagas, no seu artigo na internet²⁹, afirma que “a Igreja Católica, na Era Medieval, para tentar explicar para onde vão as crianças mortas e que não foram batizadas, criou o termo "*Limbus Puerorum*" que significa: Limbus: Margem, orla; e Puerorum: Infantil. Limbus Puerorum é também conhecido como *Limbus Infantus* ou Limbo Infantil”.

Para Ferguson³⁰, a doutrina do *limbus infantum*, para aqueles que morriam na infância sem batismo, tornou-se assim virtualmente uma necessidade dogmática para a igreja medieval.

Apesar de não fazer parte da regra de fé e dos dogmas católicos como é o dogma do *Limbus Patrum* (Limbo dos Patriarcas) o conceito do Limbo Infantil em muito influenciou e ainda influencia o pensamento de alguns católicos e até mesmo evangélicos. Por ser uma derivação do Limbo dos Patriarcas, o Limbo Infantil só pode ser entendido à luz do primeiro.

O conceito e compreensão sobre o que seja Limbo Patriarcal nasceu na Escolástica Medieval na tentativa de explicar como ficou a situação dos justos da Antiga Aliança que creram no Messias, mas que, devido à marca do pecado original, que, segundo os católicos só pode ser retirada após morte e ressurreição de Cristo e, após o batismo, ainda precisariam de um lugar provisório até o dia do encontro pleno com Deus através de Jesus Cristo.³¹

Com relação ainda ao caso do Limbo Infantil, ou a tentativa de explicar a situação das crianças do Antigo Testamento e até da Nova Aliança (Novo Testamento) que morreram e morrem sem o batismo que, para os católicos, representam uma extrema importância para a entrada no céu, se faz relevante. Todavia, como já foi dito, tal teoria não passa de mera crença não-dogmática.

Em 2005, o Papa Bento XVI convocou cerca de trinta teólogos para rediscutirem a questão do Limbo. Em 2007 a Igreja Católica emitiu um documento

²⁹ <http://cristaoshje.blogspot.com.br/2011/10/o-que-e-limbus-infantus-tal-conceito.html>. Acesso em 29/04/2014.

³⁰ <http://www.monergismo.com/textos/regeneracao/espirtorecriador.htm>. Acesso em 27/05/2014.

³¹ Idem

que afirma que o Limbo Infantil nunca passou de hipótese e que jamais foi um dogma e que "Deus, no seu grande amor e misericórdia, assegurará que as crianças não batizadas desfrutem da vida eterna com Ele no céu"³² não diferenciando da Teologia Protestante de linha arminiana³³. O Papa Bento XVI ainda assegurou que as almas que não praticaram algum pecado considerado pelos católicos como grave vão para o céu, mesmo que não tenham sido batizadas.

Jorge Ferraz³⁴ concorda com Chagas quando diz que a existência do limbo das crianças não é dogma de Fé. No entanto, tampouco é uma doutrina descartável, ou uma hipótese medieval caduca, ou uma conclusão teológica equivocada que já não se justifica nos nossos tempos:

“Em minha opinião, o limbo é simplesmente a resposta teológica mais coerente com a Revelação, e talvez a única a respeitar completamente a – agora, sim, dogma de Fé – necessidade do Batismo para a salvação”.³⁵

A Comissão Teológica Internacional pensa diferente. Há algum tempo, foi escrito documento extenso dela que se propõe a defender “a esperança para as crianças mortas sem o Batismo”; que segundo o autor, “é um dos piores textos produzidos por esta Comissão e um exemplo do deplorável nível teológico ao qual chegamos aos nossos dias”³⁶.

O texto não oferece nenhuma resposta satisfatória, nenhum novo aprofundamento da questão que tenha um mínimo de embasamento teológico sério e, não obstante, passar a clara impressão de que o Limbo não existe mesmo e as crianças mortas sem Batismo vão direito para o Céu gozar da eterna companhia d’Aquele que disse “deixai vir a Mim as criancinhas”.

³² <http://www.monergismo.com/textos/regeneracao/espirtorecriador.htm>. Acesso em 27/05/2014.

³³ Linha de pensamento soterológica, baseada sobre ideias do holandês Jacobus Arminius (1560 - 1609) e seus seguidores históricos, os Remonstrantes. O ponto crucial reside na afirmação de que a dignidade humana requer a liberdade perfeita do arbítrio.

³⁴ <http://www.deuslovult.org/2009/11/06/sobre-o-limbo/> em 29/04/2014.

³⁵ Idem

³⁶ Ibidem.

Sobre o destino dessas crianças mortas sem Batismo existem: 1) o ensinamento claro da Sagrada Escritura: “Ninguém pode entrar no Reino de Deus se não renascer da água e do Espírito Santo” (Jo 3, 5); 2) o ensinamento unânime dos Padres (Tradição) sobre a necessidade absoluta do Batismo para salvar-se. Pelágio e seus discípulos que, ao negar a transmissão do pecado original e suas consequências, negaram também essas verdades, foram condenados pelo Concílio de Mileto (416) e em seguida pelo Concílio de Cartago (1418), ambos aprovados pelo Papa:

“Se alguém diz que as palavras do Senhor: ‘Há várias moradas na casa de meu Pai’ devem ser entendidas no sentido de que no reino dos céus há um certo lugar intermediário ou que existe um lugar qualquer onde vivem felizes as crianças mortas sem Batismo, sem o qual elas não podem entrar no reino dos céus que é a vida eterna, que seja anátema” (Denzinger. 102 nota 4 - Comissão Teológica Internacional).

Sidney Silveira, no seu *blog*³⁷, defende bravamente a existência do Limbo, conforme transcrevemos:

“Noutro dia, durante um jantar, dizia-me um bom amigo que a doutrina do limbo *não* é dogmática, baseado talvez num parecer da C.T.I. – Comissão Teológica Internacional, que rebaixara o limbo a mera *hipótese teológica possível*. Pois muito bem: sem — por ora — recorrer a nenhum Catecismo da Igreja Católica senão o atualmente vigente, basta ler o que se diz no parágrafo 88: “O Magistério da Igreja empenha plenamente a sua autoridade, que recebeu de Cristo, quando define dogmas, isto é, quando, *utilizando uma fórmula que obriga o povo cristão a uma adesão irrevogável de fé*, propõe verdades contidas na Revelação divina ou verdades que com estas têm uma conexão necessária”.

Em suma, toda vez que a autoridade magisterial - encimada pela autoridade do Papa isoladamente, ou do Papa reunido com os bispos em Concílio — proclama algo como verdade de Fé, *com exclusão de todas as opiniões contrárias*, empenha a sua autoridade de maneira solene e, sendo assim, define e

³⁷ <http://contraimpugnantes.blogspot.com.br/2009/05/limbo-sem-duvida-alguma-um-dogma.html>. Acesso em 22/05/2014.

circunscreve a matéria dogmática. Isto esclarecido, além das menções ao Magistério solene feitas noutra *post* com relação ao limbo, acrescentemos as seguintes:

1- A resposta do Papa Pio VI ao bispo cismático de Pistóia, acerca dos que morrem sem o batismo: “A doutrina segundo a qual deve ser rechaçado como fábula pelagiana aquele lugar dos infernos (que os fiéis têm por hábito designar com o nome de ‘limbo das crianças’), no qual as almas dos que morrem apenas com o pecado original são castigadas com a pena de dano e sem a pena do fogo — ou, descartando para estas almas a pena de fogo, 'ressuscite' a fábula pelagiana segundo a qual haveria um lugar e um estado intermédio isentos de culpa e de pena, entre o reino dos céus e a condenação eterna — é falsa, temerária e injuriosa para as escolas católicas” (Denzinger, 1526).

2- Na profissão de fé proposta por Clemente IV em 1267, e submetida depois ao Segundo Concílio de Lion (1274), se diz, de forma solene e cristalina: "As almas dos que morrem em pecado mortal, ou somente com o pecado original, descem no ato ao inferno, para ser castigadas com penas distintas ou díspares" (Denzinger, 464).

3- Pouco depois, em 1321, o Papa João XII — o que canonizou Santo Tomás — acrescenta que as referidas almas das crianças que morrem sem batismo são castigadas "com penas e lugares distintos". (Denzinger, 493a).

4- A mesma declaração de Lion volta a encontrar-se no Concílio de Florença (1439) com as mesmas palavras acima. “As almas dos que morrem em pecado mortal ou somente com o pecado original descem imediatamente ao inferno, para ser castigadas, embora com penas desiguais”. (Denzinger, 693)

5- A Constituição de 1588, sobre o aborto, assinada pessoalmente pelo papa Sixto V, diz que as vítimas do aborto, vendo-se privadas do batismo, são *excluídas da visão beatífica*.

Em suma: **trata-se de um dogma**³⁸, e não de uma mera “hipótese teológica”, como diz a malfadada C.T.I. (ô sigla alegórica!) — e de um dogma

³⁸ Grifo meu.

fundamentado na Revelação, em Jo. III, 5: “Em verdade, em verdade vos digo: aquele que não renascer da água e do Espírito não verá o Reino de Deus”. Reiterando, não se trata de uma matéria opinável, mas de um dogma da Sagrada Escritura confirmado pela autoridade do Magistério no decorrer dos séculos. Infelizmente, hoje muitos ditos teólogos querem aplicar a Deus critérios da justiça humana e, com esta má-intenção, distorcem conscientemente na *Sacra Pagina* as palavras insofismáveis de Nosso Senhor. A propósito, como se disse noutra vez, os teólogos (mesmo reunidos às centenas, como na C.T.I.) não têm autoridade magisterial alguma, pois o seu múnus é totalmente orientado pelo Magistério e pelos dogmas. Até mesmo o Doutor Comum, que é Santo Tomás, se em algum ponto tivesse contrariado o que disse o Magistério, perderia *ipso facto* a sua autoridade teológica. Mas isto ele jamais o fez.

Em tempo: Veremos adiante o que diz o Aquinate sobre o limbo, destacando entre outras coisas que se trata de um lugar de felicidade natural. Portanto, a pena de dano que sofrem os que morrem sem batismo, por sua vez, é uma interdição da felicidade sobrenatural (a visão beatífica), que Deus concede livremente a quem quer.

Em tempo 2: O corolário de tudo isto se lê no magnífico *Catecismo Maior de São Pio X*, nº 563: "Por que tanta pressa em batizar as crianças?. R. É preciso ter pressa para batizá-las, pois estão expostas, dada a sua tenra idade, a muitos perigos de morte e *não podem salvar-se sem o Batismo*".

Em tempo 3. Como se vê, esse castigo é privativo de um bem sobrenatural a que nenhum homem, *por sua própria natureza*, poderia ter direito. E como Deus é justíssimo e sapientíssimo, em seus irrevogáveis decretos pensou — desde a eternidade — num lugar de *felicidade natural* onde estariam as almas daqueles que, sem culpa, não foram limpos da mancha do pecado original. Os neoteólogos não suportam isto porque se arrogaram, com grande soberba, o papel de juízes do Criador".

Berkhof (1990, p. 691) dá seu entendimento sobre o tema:

Este é o lugar de habitação das almas de todas as crianças não batizadas, independentemente de sua descendência, que de pagãos, quer de cristãos. De acordo com a Igreja Católica Romana, as crianças não batizadas não podem ser admitidas no céu, não podem entrar no reino de Deus, Jo 3.5. Sempre houve natural repugnância, porém, pela ideia de que essas crianças devem ser torturadas no inferno, e os teólogos católicos romanos procuraram um meio de escapar da dificuldade. Alguns achavam que tais crianças talvez sejam salvas pela fé dos pais, e outros, que Deus pode comissionar os anjos para batiza-las. Mas a opinião predominante é que, embora excluídas do céu, é-lhes destinado um lugar situado nas bordas do inferno, aonde não chegam as chamas terríveis. Elas permanecem nesse lugar para sempre, sem nenhuma esperança de livramento. A igreja de Roma jamais definiu a doutrina do *limbus infantum*, e as opiniões dos teólogos variam quanto às precisas condições das crianças ali confinadas. Todavia prevalece a opinião de que elas não sofrem nenhuma punição positiva, nenhuma “dor dos sentidos”, mas simplesmente estão excluídas das bênçãos do céu. Elas conhecem e amam a Deus pelo uso das suas faculdades naturais, e gozam completa felicidade natural.

4.4 CERIMONIAL DO BATISMO INFANTIL NA IGREJA CATÓLICA ROMANA

“É evidente que, por meio das cerimônias, a administração dos Sacramentos se reveste de maior respeito e santidade. Elas põem quase que à vista os admiráveis e grandiosos efeitos, que se ocultam no Sacramento; e fazem também calar mais ao vivo, no ânimo dos fiéis, a infinita grandeza dos benefícios de Deus.” (Catecismo Romano II 58).

A seguir, ilustramos alguns exemplos de cerimônias de batismo que acontecem na Igreja Católica:

Exemplo nº 1³⁹:

DIÁLOGO COM OS PAIS E PADRINHOS

Celebrante: Que nome escolhestes para o vosso filho?

Pais: (dizem o nome do filho)

Celebrante: Que pedis à Igreja de Deus para (nome da criança)?

Pais: O Batismo

Celebrante: Caríssimos pais: Pedistes o Batismo para o vosso filho. Deveis educá-lo na fé, para que, observando os mandamentos, ame a Deus e ao próximo, como Cristo nos ensinou. Estais conscientes do compromisso que

³⁹ Retirado do sítio do Secretariado Diocesano de Pastoral Litúrgica de Viseu (www.sdplviseu.web.pt) em 05/05/2014.

assumis?

Pais: Sim, estamos.

Celebrante: E vós, padrinhos, estais decididos a ajudar os pais desta criança nesta sua missão?

Padrinhos: Sim, estamos.

Celebrante: (Nome da criança): É com muita alegria que a comunidade cristã te recebe. Em seu nome, eu te assinalo com o sinal da cruz, e, depois de mim, os teus pais vão também assinalar-te com o mesmo sinal de Cristo Salvador.

CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

Leitor: Leitura da Profecia de Ezequiel (Ez 36, 24-28).

A palavra do Senhor foi-me dirigida nestes termos: "Filho do homem, diz à casa de Israel: Assim fala o Senhor Deus: Eu vos retirarei de entre as nações e vos reunirei de todos os países para vos restabelecer na vossa terra. Derramarei sobre vós água pura e ficareis limpos de todos os falsos deuses. Dar-vos-ei um coração novo e infundirei em vós um espírito novo. Arrancarei do vosso peito o coração de pedra e dar-vos-ei um coração de carne. Infundirei em vós o meu espírito e farei que vivais segundo os meus preceitos, que observeis e ponhais em prática as minhas leis. Habitareis na terra que dei a vossos pais; sereis o meu povo e Eu serei o vosso Deus".

Palavra do Senhor

Todos: Graças a Deus.

Cantor ou Leitor: O Senhor é meu pastor: nada me faltará. (Salmo 22(23), 1-3a.3b-4.5.6)

O Senhor é meu pastor: nada me falta. Leva-me a descansar em verdes prados, conduz-me às águas refrescantes e reconforta a minha alma. Ele me guia por sendas direitas por amor do seu nome. Ainda que tenha de andar por vales tenebrosos, não temerei nenhum mal, porque Vós estais comigo:

o vosso cajado e o vosso báculo me encham de confiança. Para mim preparais a mesa à vista dos meus adversários; com óleo me perfumais a cabeça e meu cálice transborda. A bondade e a graça hão de acompanhar-me todos os dias da minha vida, e habitarei na casa do Senhor para todo o sempre.

Cantor ou Leitor: Aleluia. Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigênito; quem acredita n'Ele tem a vida eterna. Aleluia.

Celebrante: O Senhor esteja convosco.

Todos: Ele está no meio de nós.

Celebrante: Leitura do santo Evangelho segundo São Mateus (Mt 1,9-11)

Todos: Glória a Vós, Senhor.

Celebrante: Naquele tempo, Jesus aproximou-Se dos seus discípulos e disse-lhes: "Todo o poder Me foi dado no Céu e na terra. Ide e ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a cumprir tudo o que vos mandei. Eu estou sempre convosco até ao fim dos tempos".

Palavra da salvação.

Todos: Glória a Vós, Senhor.

ORAÇÃO DOS FIÉIS

Celebrante: Irmãos caríssimos: Invoquemos a misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo para esta criança, que vai receber a graça do Baptismo, e também para seus pais e padrinhos e para todos os batizados.

Leitor: Pelo mistério da vossa morte e ressurreição, fazei renascer esta criança nas águas do Baptismo e agregai-a à santa Igreja.

Todos: Ouvi-nos, Senhor.

Leitor: Pelo Batismo e Confirmação, fazei dela discípulo fiel e testemunha do vosso Evangelho.

Todos: Ouvi-nos, Senhor.

Leitor: Pela santidade de vida, levai-a às alegrias eternas.

Todos: Ouvi-nos, Senhor.

Leitor: Fazei dos seus pais e padrinhos, exemplo claro de fé para esta criança.

Todos: Ouvi-nos, Senhor.

Leitor: Guardai para sempre no vosso amor a família desta criança.

Todos: Ouvi-nos, Senhor.

Leitor: Renovai em todos nós a graça do Batismo.

Todos: Ouvi-nos, Senhor.

INVOCÇÃO DOS SANTOS

Celebrante: Santa Maria, Mãe de Deus,

Todos: Rogai por nós.

Celebrante: São João Baptista,

Todos: Rogai por nós.

Celebrante: São José,

Todos: Rogai por nós.

Celebrante: São Pedro e São Paulo,

Todos: Rogai por nós.

Celebrante: Todos os Santos e Santas de Deus,

Todos: Rogai por nós.

ORAÇÃO DE EXORCISMO E UNÇÃO PRÉ-BATISMAL

Celebrante: Deus todo-poderoso e eterno, que enviastes ao mundo o vosso Filho para expulsar de nós o poder de Satanás, espírito do mal, e transferir o homem, arrebatado às trevas, para o reino admirável da vossa luz, humildemente Vos pedimos que esta criança, libertada da mancha original, se torne morada do Espírito Santo e templo da vossa glória. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

Todos: Amen.

Celebrante: O poder de Cristo Salvador te fortaleça. Em sinal desse poder te fazemos esta unção, em nome do mesmo Cristo nosso Senhor, que vive e reina por todos os séculos.

Todos: Amen.

(O celebrante unge a criança no peito, com óleo dos catecúmenos.)

CELEBRAÇÃO DO BATISMO

MONIÇÃO

Celebrante: Oremos, irmãos caríssimos, para que o Senhor Deus todo-poderoso conceda a esta criança a vida nova pela água e pelo Espírito Santo.

BÊNÇÃO E INVOCAÇÃO DE DEUS SOBRE A ÁGUA

Celebrante: Senhor nosso Deus: Pelo vosso poder invisível, realizais maravilhas nos vossos sacramentos. Ao longo dos tempos preparastes a água para manifestar a graça do Batismo. Logo no princípio do mundo, o vosso Espírito pairava sobre as águas, prefigurando o seu poder de santificar. Nas águas do dilúvio destes uma imagem do Batismo, sacramento da vida nova, porque as águas significam ao mesmo tempo o fim do pecado e o princípio da santidade. Aos filhos de Abraão fizestes atravessar a pé enxuto o Mar Vermelho, para que esse povo, liberto da escravidão, fosse a imagem do povo santo dos batizados. O vosso Filho Jesus Cristo, ao ser batizado por João Batista nas águas do Jordão,

recebeu a unção do Espírito Santo; suspenso na cruz, do seu lado aberto fez brotar sangue e água e, depois de ressuscitado, ordenou aos seus discípulos: "Ide e ensinai todos os povos e batizai-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo." Olhai agora, Senhor, para a vossa Igreja e dignai-Vos abrir para ela a fonte do Batismo. Receba esta água, pelo Espírito Santo, a graça do vosso Filho Unigênito, para que o homem, criado à vossa imagem, no sacramento do Batismo, seja purificado das velhas impurezas e ressuscite homem novo pela água e pelo Espírito Santo.

(O celebrante toca na água com a mão direita e continua:)

Desça sobre esta água, Senhor, por vosso Filho, a virtude do Espírito Santo, para que todos, sepultados com Cristo na sua morte pelo Batismo, com Ele ressuscitem para a vida. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

Todos: Amen.

RENUNCIÇÃO E PROFISSÃO DE FÉ

Celebrante: Caríssimos pais e padrinhos: No sacramento do Batismo, a criança por vós apresentada vai receber do amor de Deus uma vida nova, pela água e pelo Espírito Santo. Procurai educá-la de tal modo na fé, que essa vida divina seja defendida do pecado que nos cerca e nela cresça de dia para dia. Se, guiados pela fé, estais preparados para assumir esta missão, recordai o vosso batismo, renunciad agora, de novo, ao pecado e professai a vossa fé em Jesus Cristo, que é a fé da Igreja, na qual as crianças são batizadas.

Dizei-me, pois: Renunciad a Satanás?

Pais e padrinhos: Sim, renuncio.

Celebrante: E a todas as suas obras?

Pais e padrinhos: Sim, renuncio.

Celebrante: E a todas as suas seduções?

Pais e padrinhos: Sim, renuncio.

Celebrante: Credes em Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra?

Pais e padrinhos: Sim, creio.

Celebrante: Credes em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor, que nasceu da Virgem Maria, sofreu e foi sepultado, ressuscitou dos mortos e está sentado à direita do Pai?

Pais e padrinhos: Sim, creio.

Celebrante: Credes no Espírito Santo, na santa Igreja católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna?

Pais e padrinhos: Sim, creio.

Celebrante: Esta é a nossa fé. Esta é a fé da Igreja, que nos gloriamos de professar, em Jesus Cristo, Nosso Senhor.

Todos: Amen.

BATISMO

Celebrante: Quereis, portanto, que (nome da criança) receba o Batismo na fé da Igreja, que todos, convosco, acabamos de professar?

Pais e padrinhos: Sim, queremos.

(O celebrante batiza a criança, dizendo:) (nome da criança), EU TE BATIZO EM NOME DO PAI, E DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO.

RITOS EXPLICATIVOS

UNÇÃO DEPOIS DO BATISMO

Celebrante: Deus todo-poderoso, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que te libertou do pecado e te deu uma vida nova pela água e pelo Espírito Santo, unge-te com o crisma da salvação, para que, reunido ao seu povo, permaneças, eternamente, membro de Cristo sacerdote, profeta e rei.

Todos: Amen.

(O celebrante unge a criança, no cimo da cabeça, com o santo crisma.)

IMPOSIÇÃO DA VESTE BRANCA

(Nome da criança): Agora és nova criatura e estás revestido de Cristo. Esta veste branca seja para ti símbolo da dignidade cristã. Ajudado pela palavra e pelo exemplo da tua família, conserva-a imaculada até à vida eterna.

Todos: Amen.

(Reveste-se a criança com roupa branca. Não se admite outra cor.)

ENTREGA DA VELA ACESA

Celebrante: Recebei a luz de Cristo.

(O pai ou o padrinho acende a vela no círio pascal)

Celebrante: A vós, pais e padrinhos, se confia o encargo de velar por esta luz, para que este menino, iluminado por Cristo, viva sempre como filho da luz, persevere na fé e, quando o Senhor vier, possa ir ao seu encontro com todos os Santos, no reino dos céus.

"EFFETHA"

Celebrante: O Senhor Jesus, que fez ouvir os surdos e falar os mudos, te dê a graça de, em breve, poderes ouvir a sua palavra e professar a fé, para louvor e glória de Deus Pai.

Todos: Amen.

CONCLUSÃO DO RITO

PROCISSÃO ATÉ AO ALTAR

Canta-se: Vós que fostes batizados em Cristo, estais revestidos de Cristo. Aleluia, aleluia.

ORAÇÃO DOMINICAL

Celebrante: Irmãos caríssimos: Renascido pelo Batismo, este menino é chamado, e é de verdade, filho de Deus. Pela Confirmação, há de receber um dia a plenitude do Espírito Santo; aproximando-se do altar do Senhor, participará da mesa do sacrifício de Cristo; membro da Igreja, há de chamar a Deus seu Pai. Em nome dele, no espírito de filhos adotivos que todos recebemos, ousamos agora rezar como o Senhor nos ensinou.

Todos: Pai nosso, que estais nos céus, santificado seja o vosso nome; venha a nós o vosso reino; seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido; e não nos deixeis cair em tentação; mas livrai-nos do mal.

BENÇÃO E DESPEDIDA

Celebrante: Deus todo-poderoso, que, por meio do seu Filho Unigênito, nascido da Virgem Santa Maria, alegra as famílias cristãs com a esperança da vida eterna, Se digne abençoar esta mãe, agradecida pelo dom do seu filho para que persevere com ele em ação de graças para sempre, em Jesus Cristo, Nosso Senhor.

Todos: Amen.

Celebrante: Deus todo-poderoso, que dá a vida no tempo e na eternidade, abençoe o pai desta criança, para que, juntamente com a esposa, pela palavra e pelo exemplo seja para seu filho a primeira testemunha da fé, em Jesus Cristo, Nosso Senhor.

Todos: Amen.

Celebrante: Deus todo-poderoso, que, pela água e pelo Espírito Santo, nos fez renascer para a vida eterna, abençoe com infinita bondade estes seus fiéis, para que sejam, sempre e em toda a parte, membros vivos do seu povo e gozem da sua paz, em Jesus Cristo, Nosso Senhor.

Todos: Amen.

Celebrante: Abençoe-vos Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo.

Todos: Amen.

Celebrante: Ide em paz e o Senhor vos acompanhe.

Todos: Graças a Deus.

Canta-se um cântico que exprima a alegria pascal ou o Magnificat de Nossa Senhora.

Exemplo n° 2⁴⁰

RITO DO BATISMO

PRIMEIRA PARTE

I. O Interrogatório

À porta da igreja:

O Sacerdote. N., que vens pedir à Igreja de Deus?

O Padrinho. A fé.

S. E para que te serve a fé?

P. Para a vida eterna.

S. Pois bem; se queres entrar na vida eterna, guarda os mandamentos: Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, e com todo o teu espírito, e ao próximo como a ti mesmo.

II. Insuflação

⁴⁰ **Missal Quotidiano e Vespéral**: por Dom Gaspar Lefebvre. Bruges: Desclée de Brouwer & Cie, 1955, p. 1850-1856.

O sacerdote sopra três vezes, em forma de cruz, sobre o rosto do Batizando: Sai desta criança, espírito imundo, e dá lugar ao Espírito Santo Consolador.

III. Sinal da Cruz

Com o polegar da mão direita, traça o sinal da cruz na fronte e no peito da criança: Recebe o sinal da Cruz na fronte e no coração, crê nos preceitos divinos, e em tua conduta sê tal que mereças ser o templo de Deus.

Oração. Guardai Vosso escolhido (escolhida), Senhor, que acaba de ser marcado com o sinal da Cruz; e pela prática de Vossos mandamentos; possa ele chegar à glória da regeneração. Por Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

IV. Imposição das mãos

Põe a mão sobre a cabeça da criança: Afastai dele, Senhor, toda a cegueira de coração, quebrantai os laços com que Satanás o prendeu, e fazei que, marcado com o sinal da Vossa sabedoria, seja preservado da infecção dos vícios. Pelo mesmo Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

V. Imposição do sal

Põe na boca da criança um pouco de sal benzido – símbolo da sabedoria – preservativo, pela doutrina evangélica, da corrupção dos vícios e obstáculo a que as más paixões cresçam na alma.

N., recebe o sal da sabedoria, que te sirva de proveito para a vida eterna. Amém
Que a paz seja contigo. E com teu espírito.

Oração. Senhor, que vosso servo, que, pela primeira vez, prova deste sal, não venha, de futuro, a ter fome, mas antes se possa nutrir dos alimentos divinos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

SEGUNDA PARTE

VI. Exorcismo

Ao traçar por três vezes o sinal da cruz sobre a criança o sacerdote diz: Eu te conjuro, espírito imundo, em nome do Pai + e do Filho + e do Espírito + Santo, a saíres para bem longe deste servo de Deus. O que to ordena, anjo maldito, anjo condenado, é Aquele mesmo que um dia caminhou sobre o mar e estendeu a mão a Pedro que se afogava. Demônio maldito, reconhece a sentença pronunciada contra ti, e sai já deste servo de Deus.

VII. Sinal da cruz

Traça uma cruz sobre a fronte da criança:

E o sinal da santa cruz + que eu lhe imprimo na fronte tu, Satanás maldito, jamais ouses violá-lo. Por Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

VIII. Imposição das mãos

Impõe a mão direita sobre a cabeça da criança:

Senhor, dignai-Vos iluminar o Vosso servo com a luz da Vossa inteligência; purificai-o, santificai-o para poder ser digno da graça batismal. Por Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

IX. Entrada na Igreja

O ministro cobre-se, impõe a ponta esquerda da estola sobre a cabeça da criança, e introdu-la na Igreja, dizendo:

N., entra no templo de Deus, para teres parte com Cristo na vida eterna.

X. Recitação do Credo e do Pai Nosso

Ao entrar na igreja o padrinho e a madrinha, em nome da criança recitam em voz alta, com o Sacerdote o Credo e o Pai Nosso. Creio em Deus Pai todo poderoso [...] Pai nosso que estais no Céu [...]

TERCEIRA PARTE

XI. Exorcismo solene

Chegado à pia batismal, o ministro traça três vezes o sinal da cruz sobre a criança e diz: Eu te conjuro, espírito imundo, em nome de Deus Pai onipotente +, em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor e nosso Juiz +, e pela virtude do Espírito Santo +, a saíres desta criatura de Deus N., a quem nosso Senhor se dignou chamar a Seu templo, para se tornar templo de Deus Vivo. Pelo mesmo Cristo Nosso Senhor, que há de vir julgar os vivos e mortos e o mundo pelo fogo. Amém.

XII. O Eppheta

O ministro umedece com saliva da sua própria boca o polegar da mão direita e com ele toca as orelhas e as narinas do batizando, como fez Nosso Senhor, para curar o surdo-mudo.

Ephpheta, isto é, abre-te, e respira o perfume de Cristo. E tu, demônio, afasta-te, para longe, porque vem perto o Juízo de Deus.

XIII. Renúncia a Satanás

O padrinho responde em nome da criança:

Sacerdote. N., renuncias a Satanás?

Padrinho. Renuncio.

S. E a todas as suas obras?

P. Renuncio.

S. E a todas as suas pompas?

P. Renuncio.

XIV. Unção do óleo

O Sacerdote faz uma unção em forma de cruz sobre o peito e entre as espáduas da criança, com o óleo dos catecúmenos: Eu te unjo com o óleo da salvação em Jesus Cristo, Nosso Senhor, para teres a vida eterna. Amém.

XV. Profissão de fé

O Sacerdote tira a estola roxa, põe a branca e diz:

No Pai.

Sacerdote. N., crês em Deus Pai onipotente, Criador do Céu e da Terra?

Padrinho. Creio.

No Filho.

S. Crês em Jesus Cristo, Seu único Filho, Nosso Senhor, que padeceu e morreu?

P. Creio.

No Espírito Santo.

S. E crês também no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na comunhão dos Santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna?

P. Creio.

QUARTA PARTE

XVI. O Batismo

S. N., queres ser batizado?

P. Quero.

Os padrinhos sustentam a criança, e o sacerdote derrama-lhe por três vezes a água batismal sobre a cabeça, em forma de cruz, porque é em nome da SS. Trindade que se batiza, segundo a palavra de Jesus: “Ide, ensinai os povos, e batizai-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.

Ao mesmo tempo pronuncia a fórmula:

N., EGO TE BAPTIZO, IN NOMINE PATRIS +, ET FILII +, ET SPIRITUS + SANCTI.

[N., eu te batizo em nome do Pai (*primeira infusão da água*), e do Filho (*segunda*), e do Espírito Santo (*terceira*)] Mergulhada nas águas batismais, a alma “é sepultada com Jesus pelo Batismo em sua morte, e ressuscita com Ele para uma vida nova”, diz São Paulo.

XVII. Unção batismal

O sacerdote unge a cabeça do neófito com o Santo Crisma porque, diz o Catecismo de Trento, “desde este momento o batizado, unido a Jesus, seu chefe, faz parte do Seu corpo como um dos Seus membros, e toma o nome de cristão do próprio nome de Cristo, que quer dizer, ungido ou crismado”. Que Deus onipotente, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, já que te fez renascer pela água e pelo Espírito Santo, e te concedeu a remissão dos pecados, te unja com o Crisma da salvação +, pelo mesmo Jesus Cristo, para a vida eterna. Amém.

A paz seja contigo. E com o vosso espírito.

XVIII. Entrega da veste branca

O Sacerdote põe sobre a cabeça do batizado um pano branco – que lembra a veste branca que os neófitos traziam outrora durante oito dias – símbolo da pureza da alma lavada do pecado original nas águas batismais.

Recebe a veste branca, e leva-a sem mancha ao tribunal de Nosso Senhor Jesus Cristo para teres a vida eterna. Amém.

XIX. A vela acesa

Entrega à criança ou ao padrinho uma vela acesa:

Recebe esta vela acesa, e guarda o teu Batismo dum modo irrepreensível. Observa os mandamentos de Deus, para que, quando o Senhor vier a convidar-te para as núpcias eternas, possas ir ao Seu encontro com todos os Santos da corte celeste, e viver da verdadeira vida, por todos os séculos dos séculos. Amém.

XX. Saudação final

O Sacerdote termina, dizendo:

N., vai em paz, e o Senhor seja contigo. Amém.

Os nomes do batizado, do ministro do batismo, dos pais e dos padrinhos são então inscritos nos registos da Igreja paroquial.

5. O BATISMO INFANTIL NA IGREJA PRESBITERIANA

Assim como os filhos dos judeus eram chamados linhagem santa, porque eram herdeiros da aliança e eram separados dos filhos dos incrédulos e dos idólatras, assim também os filhos dos cristãos são chamados santos, ainda que só o pai ou a mãe seja crente; e o testemunho da Escritura os distingue. Pois bem, depois que o Senhor estabeleceu esta aliança com Abraão, determinou que a mesma fosse selada nas crianças com o sacramento visível e externo. Que desculpa podemos dar para não testificarmos a aliança e não selarmos hoje como se fazia naquele tempo? (Calvino, 2006, p. 177).

Durante a Reforma Protestante o pedobatismo foi mantido por todos os reformadores, exceto aqueles ligados ao movimento anabatista. Todavia, o alicerce teológico usado pelos protestantes seja diferente daquele adotado pela Igreja Católica Romana. A ortodoxia reformada presbiteriana recomenda o batismo infantil em seus documentos de fé, como a Confissão de Fé de Westminster, Capítulo XVIII, Art.IV: “Não só os que de fato professam a sua fé em Cristo e obediência a ele; mas também os filhos de pais crentes (ainda que só um deles o seja) devem ser batizados”.

Calvino define assim o batismo:

É um sinal exterior pelo qual o Senhor representa para nós e nos testifica a sua boa vontade para conosco, para sustentar, confirmar e fortalecer a nossa fraca fé. É um testemunho da graça de Deus declarado mediante um sinal exterior (CALVINO, 2006, p.141).

A visão reformada diz que o batismo deve ser entendido em um contexto de aliança. O. Palmer Robertson destaca que “a aliança estabelece compromisso de uma pessoa com outra” (2002, p.12). E os sinais externos são marcas das alianças divinas:

A presença de sinais em muitas das alianças bíblicas também enfatiza que as alianças divinas unem as pessoas. O sinal do arco-íris, o selo da circuncisão, o sinal do Sábado – estes sinais da aliança reforçam o caráter de ligação da aliança. Da mesma forma, como uma noiva e um noivo trocam as alianças como um

'sinal e penhor' de sua 'fidelidade constante e amor permanente', assim também os sinais da aliança divina simbolizam a permanência do pacto entre Deus e o seu povo (ROBERTSON, 2002, p.12).

Num período não tão longínquo, ser protestante no Brasil⁴¹ significava, antes de tudo, romper com a Igreja Católica. A forma mais clara de se mostrar isso era por meio do rebatismo. Segundo Boanerges Ribeiro,

"foi o que aconteceu com o primeiro presbiteriano convertido brasileiro, Serafim Pinto Ribeiro. Ele foi rebatizado a pedido, pois dizia ter sido batizado na fé idólatra e queria receber o batismo da fé em Cristo" (1987, p.8).

Tais fatos podiam, inclusive, servir como oportunidades de evangelismo, como ocorreu no rebatismo do primeiro padre convertido no Brasil, José Manoel da Conceição, que depois veio a se tornar pastor presbiteriano. (FERREIRA, 1992, pág. 29). Este princípio está de tal forma enraizado na Igreja Presbiteriana do Brasil, que está presente no Art.12 do Cap.VI dos "Princípios de Liturgia":

Todo aquele que tiver de ser admitido a fazer a sua profissão de fé será previamente examinado em sua fé em Cristo, em seus conhecimentos da Palavra de Deus e em sua experiência religiosa e, sendo satisfatório este exame, fará a pública profissão de sua fé, sempre que possível em presença da Congregação, sendo em seguida batizado, **quando não tenha antes recebido o batismo evangélico** (Igreja Presbiteriana do Brasil. Manual Presbiteriano, 1999, p.114. Grifo meu).

Para a Igreja Presbiteriana, o batismo consiste na mesma verdade atribuída à circuncisão. A unidade das alianças pode ser considerada um fato. Esta unidade é que é a base sobre a qual se assenta a doutrina reformada do pedobatismo. O relacionamento entre batismo e circuncisão é explicado na Bíblia, em Colossenses 2.11-12. Além disso, os dois rituais são ritos de admissão. Ambos possuem

⁴¹ As origens históricas mais remotas do presbiterianismo remontam aos primórdios da Reforma Protestante do século XVI. Historicamente, a IPB pertence à família das igrejas reformadas ao redor do mundo, tendo surgido no Brasil em 1859, como fruto do trabalho missionário da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos através do missionário Ashbel Green Simonton. Fonte: www.ipb.org.br, acesso em 20/06/2014.

simbolismos ligados à purificação de pecados. Por outro lado, a circuncisão, se não for acompanhada da fé e de uma vida transformada, não possui valor algum (Gl 5.6; 6.15). Esta posição foi assumida por todos os principais reformadores: Martinho Lutero, João Calvino e Úlrico Zuínglio. Para os reformados, o pedobatismo se justifica pela teologia da aliança, e não pela visão católico-romana de que os sacramentos são essenciais à salvação e purificam *ex opere operato*.

Sendo o batismo um sacramento da Nova Aliança correspondente ao rito da circuncisão, no Antigo Testamento, Calvino concorda que o texto de João 3.5 (nascer da água e do Espírito) não se refere ao batismo. Calvino em seu comentário ao Evangelho de João observa:

Crisóstomo, com o qual a maior parte de expositores concorda, faz a palavra água referir ao batismo. A significação seria então que pelo batismo nós entramos no Reino de Deus, porque no batismo nós somos regenerados pelo Espírito de Deus. Portanto, surgiu a crença da absoluta necessidade do batismo, com vista à esperança da vida eterna. Mas embora admitamos que Cristo aqui fala de batismo, ainda assim não devemos forçar suas palavras tão estritamente como imaginar que ele limita a salvação ao sinal externo; mas, pelo contrário, ele liga a Água com o Espírito, porque sob este símbolo visível ele atesta e sela a novidade de vida que somente Deus produz em nós por seu Espírito. É verdade que, por negligenciar o batismo, somos excluídos da salvação; e neste sentido eu reconheço que é necessário; mas é absurdo falar da esperança da salvação como confinada ao sinal. Da maneira como esta passagem é relatada, eu não consigo crer que Cristo fala do batismo; pois seria inapropriado (Calvin, John, 1979, p. 110).

Para o reformador, Cristo emprega as palavras Espírito e água para significar a mesma coisa.

Pois é uma maneira frequente e comum de se falar na Escritura, quando o Espírito é mencionado, adicionar a palavra Água ou Fogo, expressando poder. Nós algumas vezes encontramos a declaração que é Cristo quem batiza com o Espírito Santo e com fogo, (Mt 3.11; Lucas 3.16), onde fogo não significa algo diferente do Espírito, mas somente mostra que é sua eficácia em nós. O fato de a palavra água vir primeiro é de pouca importância; ou melhor, este modo de falar flui mais naturalmente que outro, porque a metáfora é seguida por uma afirmação clara e direta,

como se Cristo tivesse dito que nenhum homem é filho de Deus até ele ser renovado pela água, e que esta água é o Espírito que nos limpa, ao espalhar sua energia sobre nós comunica-nos o vigor da vida celestial, embora por natureza sejamos inteiramente secos... Por água, dessa forma, é significado nada mais que a purificação interna e fortalecimento que é produzido pelo Espírito Santo (Ibidem, p. 111).

A teologia batismal de Calvino, contudo, difere da concepção de Zuínglio, principalmente no tocante aos benefícios do sacramento, pois o batismo não se reduz a um mero símbolo, conforme afirma o seguinte texto das Institutas:

(...) é uma marca de nosso cristianismo e o sinal pelo qual somos recebidos na sociedade da Igreja, para que enxertados em Cristo sejamos contados entre os filhos de Deus. Foi-nos dado por Deus em primeiro lugar para servir a nossa fé n'Ele e, em segundo lugar, para confessá-la diante dos homens... Os que opinam que o batismo não é outra coisa que um sinal ou marca, com a qual confessamos diante dos homens a nossa religião, nem mais nem menos que os soldados, como emblema de sua profissão, levam um distintivo do seu capitão, estes não têm presente o principal do batismo; isto é, que devemos recebê-lo com a promessa de que todo o que crer e for batizado será salvo (Mc 16,16)(CALVINO, 2006, p. 1028).

Ainda nas Institutas, Calvino escreve que no batismo, “Deus ao regenerar-nos incorpora-nos à sua Igreja e nos faz seus por adoção” (Ibidem, p. 1070). E, em sua “Breve Instrução Cristã”, afirma que...

“O Senhor ordena que os seus sejam batizados para a remissão dos pecados. E São Paulo ensina que Cristo santifica pela Palavra de Vida e purifica pelo Batismo de água a Igreja da qual ele é o esposo” (CALVIN, 1979, p. 68-69).

A água não é, para Calvino, apenas uma figura:

É uma figura, mas está ligada ao mesmo tempo à realidade. Pois Deus não promete nada em vão: É porque Ele assegura que a remissão dos pecados nos é ofertada no batismo, que nós, com efeito, a recebemos (Calvin, 1979, p. 115).

De fato o batismo infantil não é o batismo de arrependimento, como o é para os que, quando adultos, tomam conhecimento de sua condição de pecadores, confessam seus pecados e recebem a Cristo Jesus como Senhor e Salvador de suas vidas. Mas o batismo não significa só sinal de arrependimento. Também significa sinal do pacto da graça, e é neste sentido que as crianças, filhas de pais crentes, são batizadas.

No caso do batismo infantil... não podemos exigir nem mais nem menos do que no batismo de adultos. No caso do batismo de adultos, devemos nos satisfazer, segundo a Escritura, quando a pessoa confessa sua fé. Nunca estamos totalmente certos de que uma pessoa não é hipócrita e, portanto, recebe o sacramento de modo ilegítimo, mas não temos direito de julgar. "A igreja não julga a respeito de assuntos... íntimos." Isso é verdadeiro também no caso do batismo de crianças. Aqueles que querem certeza absoluta nunca podem realizar esse sacramento. A certeza de que ao tratarmos dos filhos dos crentes estamos tratando com crentes é a mesma certeza que possuímos a respeito daqueles que confessam sua fé como adultos. Não precisamos e não queremos exigir um tipo mais forte de certeza (BAVINCK, 2012, p. 532).

Para melhor entendimento desta questão, transcrevo abaixo o que a Igreja Presbiteriana do Brasil entende a respeito desta doutrina, conforme publicado em seu site oficial:

Batismo é um sacramento, de maneira a purificar com água no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, o que significa e sela nossa aliança com Cristo, e partilhando os benefícios do pacto da graça, e nossa declaração que verdadeiramente somos de Deus (CM, P. 94). Batismo é o sinal do pacto da graça durante a era do Novo Testamento, como foi a circuncisão durante o Antigo Testamento (ver Col. 2:11-12).⁴²

Os Cristãos Reformados entendem que o batismo deve ser aplicado, então, a todos aqueles com quem Deus estabeleceu seu pacto de graça, mais claramente, com os creem em Cristo e também com seus filhos. É importante enfatizar que não há um texto bíblico explícito que determine o batismo infantil. Se

⁴² Fonte: <http://www.ipb.org.br/portal/igreja-reformada/107-batismo-infantil>, acessado em 14/11/2013.

houvesse, todas as igrejas que creem na Bíblia iriam então praticá-lo. Contudo, a vontade de Deus não é somente “expressamente descrita nas Escrituras”, mas também “por uma consequência boa e necessária, pode ser deduzida das Escrituras” (Confissão de Fé de Westminster, I:6). O argumento de defesa para o batismo infantil pode ser apresentado na forma de silogismo: Premissa Maior: Todos participantes no pacto da graça devem receber o sinal de tal pacto. Premissa Menor: As crianças, filhos dos crentes são também participantes do pacto da graça.

Para Ricardo W. Rieth, não há diferença entre o batismo infantil dos filhos de crentes protestantes para o batismo de adultos.

Penso, no entanto, ser artificial a distinção entre fé batismal (a fé que nasce na criança quando é batizada) e fé confessante (a fé conscientemente assumida pela pessoa jovem ou adulta e confirmada quando esta é batizada) (2006, p.181).

Portanto, as crianças, filhos dos protestantes devem também receber o sinal do pacto da graça. Se as duas premissas são verdadeiras, a conclusão é incontestável. E é isso o que a Confissão descreve como “consequência boa e necessária”. A única forma de evitarmos o batismo infantil dos filhos dos protestantes é se negarmos uma dessas verdades. Poucos negariam a premissa maior, mas dispensacionalistas claramente negam a premissa menor. Eles afirmam que as crianças filhos dos protestantes nunca foram participantes do pacto da graça. Uma vez que, durante a era do Antigo Testamento, eles participavam da nação de Israel e recebiam o sinal de sua participação no pacto - a circuncisão. Mas, dizem eles (dispensacionalistas), que crianças não participam do pacto da graça, porque esse pacto existe somente a partir do Novo Testamento. Uma vez que não existe um texto que ordena o batismo infantil, então não se deve fazer. Entretanto, o pacto da graça existe durante as duas eras (AT e NT), e os filhos daqueles que faziam parte do povo de Deus eram obviamente participantes do pacto durante o Antigo Testamento. Segundo eles, Deus determinou isso (ver Gn. 17:10).

Agora, uma vez que Deus não alterou seu pacto (Salmo. 89.34), nós não nos surpreendemos que não haja um texto no Novo Testamento indicando que os filhos daqueles que faziam parte do povo de Deus, participantes do pacto, agora já não são mais. Ao contrário, Colossenses 2:11-12 traçam um paralelo específico, entre batismo e circuncisão; aqueles que eram então circuncidados, que sejam agora batizados. E Atos 8:12 mostra que o novo sinal da aliança foi dada as mulheres assim como aos homens.

É preciso considerar o significado maior do batismo, seu significado positivo, como destaca o teólogo Karl Barth:

Há um estranho vazio no ensinamento acerca do batismo em todas as confissões – incluindo a Reformada – em que o significado e ação do batismo nunca foram um princípio compreendido como uma glorificação a Deus, isto é, como sendo um momento na Sua Revelação de Si mesmo. Talvez se tenha chegado próximo desta ideia quando, com Justino, o batismo foi descrito como “iluminação”. Justino, na realidade, certamente concebeu isto objetivamente; quem quer que entre nas águas batismais é iluminado. Mas, precisamente porque isto é verdade, devia ser lembrado que, de acordo com Mt 5.15 e com o resto do Novo Testamento; uma lâmpada acesa por Deus não é iluminada para si mesma, mas para todos os que estão na casa. O batismo, então, deve sua “radiação” à *Kabod Jahve*, e devia, portanto, servi-la. Enquanto o batismo executa o seu trabalho cognitivo, enquanto a realidade divino-humana ilumina o homem, fazendo com que ele seja um iluminado, realiza-se a primária e mais importante coisa: enquanto o homem o reconhece em verdade, Deus recebe a glória em que Ele próprio uma vez mais assegura o Seu justo direito na terra (2004, p. 31).

Para Taborda (2001, p. 31), o batismo infantil é um ato da Graça⁴³. Se por um lado, houve grupos que questionaram o batismo infantil, como destacamos na introdução deste trabalho, pela incapacidade intelectual de uma criança em tomar uma decisão, por outro lado, o batismo é um ato de fé, não no sentido da fé como resposta, como aceitação do oferecimento de Deus, mas a fé que Deus derrama

⁴³ A palavra graça tem muitos significados para o cristão, mas o principal deles aponta para o grande amor de Deus que salva as pessoas e as conserva unidas com Ele. Em outras palavras, a “graça de Deus” significa a decisão amorosa de Deus em nos salvar da maldição eterna e nos abençoar, mesmo nós não sendo merecedores.

gratuitamente no coração da criança. Taborda ainda destaca: “A vantagem desta postura é acentuar o aspecto fundamental da prioridade da graça, a fé como dom, já que a criança não tem méritos para apresentar diante de Deus” (p.32).

Enfatizando a posição reformada sobre o pedobatismo, Taborda nos informa que:

“Lutero louvava a Deus, porque pelo menos esse sacramento se havia conservado ilibado, sem mescla de impurezas humanas. No batismo de crianças, ele via preservado o princípio da “sola gratia””(p.65).

O Batismo é um sacramento totalmente passivo, partindo de ponto de vista de muitos reformados. Isso não significa que em todos os aspectos da aplicação da salvação prometida no pacto da graça, o indivíduo batizado seja totalmente passivo. Eles (ou elas) são verdadeiramente ativos em seu processo de conversão e santificação. Ao invés disso, o que realmente significa é que o indivíduo batizado e não se auto-batiza. Os Pais não batizam seus filhos. Falando diretamente, nem mesmo o ministro (pastor, igreja...) os batiza, no sentido de efetuar algo. O entendimento reformado é de o homem não faz nada no batismo; ao invés disso, Deus faz algo. “Ele, através do cumprimento de um mandamento pela igreja, dá uma identidade a crianças, jovens e velhos, de sua família do pacto, os alvos de sua graça e de todas suas maravilhosas bênçãos”⁴⁴.

Portanto, no entendimento da Igreja Reformada, onde se inclui a Igreja Presbiteriana, é nítido o relacionamento entre batismo e circuncisão.

Cullmann (2004, p. 106) defende esta afirmação:

Se o Novo Testamento faz da circuncisão o selo desta fé de Abraão, isto é, se a circuncisão tem de antemão a finalidade da incorporação dos pagãos à aliança divina, é incompatível com o ensino neo-testamentário não ver nesse selo mais que uma admissão à sucessão natural das gerações. Na realidade, a circuncisão é a incorporação à aliança realizada por Deus sobre a base da promessa feita a Abraão e a seus descendentes,

⁴⁴ <http://revmauroferreira.blogspot.com.br/2014/01/por-que-os-presbiterianos-batizam.html>. Acesso em 07/05/2014.

compreendidos os pagão, tal como o batismo os torna membros do corpo de Cristo.

Embora a Nova Aliança tenha aspectos distintos em relação a antiga, a tal ponto de Paulo afirmar que o fim da lei é Cristo (Rm 10:4), o próprio Jesus disse que não veio revogar a Lei ou os Profetas (o Antigo Testamento), mas para cumprir, e que era mais fácil o céu e a terra passarem do que cair alguma coisa da Lei (Mt 7:17-19). Na verdade, o ensino do Novo Testamento é o de que, em Cristo, a Lei e os Profetas encontram a sua consumação plena. Por esta razão, os apóstolos estão, constantemente, mostrando como o seu ensino se harmoniza com o Antigo Testamento (At 2:16; 25-28; 7:2-53; 10:43; 13:23, etc.). A Lei é um aio que leva a Cristo (Gl 3:24). Com efeito, a Igreja é o Israel de Deus (Rm11:16-24) e os verdadeiros filhos de Abraão (Gl 3:7). Os argumentos levantados pelos teólogos do pacto em prol da unidade das alianças divinas são mais fortes e convincentes do que os usados pelos dispensacionalistas. Jesus não veio para romper com o que estava instituído antes, Ele veio para ser o cumprimento e o ápice da Lei e dos Profetas. A unidade das alianças pode ser considerada um fato. Esta unidade é que é a base sobre a qual se assenta a doutrina reformada do pedobatismo. O relacionamento entre batismo e circuncisão é explícito em Colossenses 2:11-12. Além disso, os dois rituais são ritos de admissão. Ambos possuem simbolismos ligados à purificação de pecados.

Cullmann novamente traz à luz esta questão:

A analogia se torna mais patente, todavia, se recordarmos que, nos tempos neo-testamentários, a circuncisão dos prosélitos era seguida de um banho de purificação, o *batismo o dos prosélitos*. Podemos considerar como certo que João Batista se sujeita a esta prática. Introduz, não obstante, a novidade revolucionária e escandalosa para os judeus de exigir este batismo não somente dos pagãos, como também dos circuncisos, antes de admiti-los na comunidade messiânica (2004, p. 109).

Se considerarmos que o batismo simboliza a morte, a circuncisão implica em derramamento de sangue. Por outro lado, a circuncisão, se não for acompanhada da fé e de uma vida transformada, não possui valor algum (Gl 5:6;

6:15), como prova Paulo em Romanos 4. Esta analogia ajuda a explicar muitas coisas. Em primeiro lugar, ela explica por que os reformados batizam crianças. O batismo vem para substituir a circuncisão como sinal da aliança, e assim como a circuncisão, deve ser administrado às crianças. Esta posição foi assumida por todos os principais reformadores: Martinho Lutero, João Calvino e Úlrico Zuínglio. Para os reformados, o pedobatismo se justifica pela teologia da aliança, e não pela visão católico-romana de que os sacramentos são essenciais à salvação e purificam *ex opere operato* a pessoa do pecado original (desde que não haja nenhum obstáculo que impeça esta ação).

O que podemos observar é que existem bases diferentes, logo, o pedobatismo não é um resquício da teologia católico-romana no meio reformado. A analogia também responde a várias objeções levantadas pelos batistas. A circuncisão era administrada antes que o israelita pudesse manifestar a fé (a saber, aos oito dias de vida), baseada na fé dos pais. Todavia, a circuncisão exterior só tinha valor se fosse acompanhada da circuncisão do coração. O que havia, portanto, era a fé dos pais e a expectativa de uma fé futura, a qual só iria se manifestar mais tarde. O mesmo ocorre com o batismo: pode ser administrado antes da manifestação da fé, baseado na fé paterna e na expectativa da fé futura.

Vemos na narrativa da história de Simão, o mago, o batismo só é eficaz quando acompanhado de fé, da mesma forma que a circuncisão no Antigo Testamento. O pedobatismo, assim como a circuncisão, mostra o poder da fé dos pais e dá um lugar às crianças no povo de Deus. A Bíblia mostra que é possível os pais fazerem até mesmo votos em favor de seus filhos. Samuel nem havia nascido, e Ana, por meio de um voto, determinou que ele seria do Senhor e viveria como um nazireu (1 Sm 1:11). A mãe de Sansão não podia tomar vinho, pois, se o fizesse, poderia quebrar o voto de nazireado imposto por Deus a Sansão antes de seu nascimento (Jz 13:4-5).

O ensinamento é de que a santidade dos filhos é garantida pela fé dos pais (ou de apenas um deles), como ensina 1 Coríntios 7:14. Embora os batistas digam que o versículo implicaria também na possibilidade dos cônjuges incrédulos serem batizados, há outras coisas a se considerar no texto. Primeiro, o texto

efetivamente ensina que até mesmo o cônjuge incrédulo é santificado, mas Paulo não iguala santificação a salvação.

Depois podemos observar que o texto mostra uma diferença real entre o filho de um cristão (santo) e o de um pagão (impuro). Por fim, o cônjuge, ao contrário do filho, já é adulto e pode manifestar a sua vontade. Ele não é igual à criança. Embora o cônjuge colha algum benefício espiritual de seu casamento, ele, espontaneamente, rejeita a graça oferecida, ao contrário dos filhos, que ainda não podem exercer a sua fé, e, como em tudo no início da vida, são dependentes de seus pais. Os batistas não enxergam esta diferença. Se o Novo Testamento não contém um relato específico de batismo de bebês, ele também não mostra nenhum filho adulto de cristão recebendo o batismo.

Em contraposição a esta afirmação, há vários relatos de batismos de famílias. Se considerarmos o desenvolvimento das pirâmides etárias, veremos que, antes da Revolução Industrial, em todas as sociedades, a base da pirâmide é larga, o que mostra um grande número de crianças e adolescentes na composição da população, além de altas taxas de natalidade e mortalidade. O desenho das pirâmides só começou a mudar quando os países desenvolvidos atingiram a Revolução Industrial. Desta forma, é muito provável a existência de bebês e crianças de colo nas famílias batizadas no Novo Testamento. Desta forma, quando se observa a teologia da aliança, verifica-se um sólido conjunto de textos e inferências bíblicas que suportam a prática do pedobatismo. Assim sendo, o batismo das crianças, como ensinado pela Confissão de Fé de Westminster, está fundamentado na Bíblia Sagrada, e não em uma herança do catolicismo romano.

5.1. CERIMONIAL NA IGREJA PRESBITERIANA

Na Igreja Presbiteriana o Sacramento também deve ser realizado seguindo as orientações retiradas da Bíblia, inseridas no manual. É verdade que é possível observar em momentos quando são administrados o batismo infantil, preleções e verdadeiros sermões que tratam do sacramento muitas vezes de maneira improvisada e trazendo lembranças emotivas da comunidade onde está sendo aplicado o sacramento. Mendonça destaca essas situações comumente encontradas, não somente na Igreja Presbiteriana, mas nas igrejas protestantes:

As palavras são eficazes em si mesmas, não manipulam coisas, mas se destinam a manipular o intelecto. Por isso, o discurso não é ritual, mas lógico e demonstrativo. Daí ser comum entre os pastores protestantes certa vaidade em celebrar ritos, sacramentais ou não, de improviso, embora suas igrejas possuam livros rituais oficializados. E nenhum deles é molestado por isso. Nisso o protestantismo tradicional se distancia bastante do catolicismo oficial, em que o rito tem eficácia, seja por palavras, gestos ou manipulação de objetos. Naquele discurso se dirige ao cérebro, neste se orienta mais para os sentidos e os sentimentos (MENDONÇA, 2008, p.73).

A Igreja Presbiteriana do Brasil, no seu livro Princípios de Liturgia⁴⁵, descreve como deve ocorrer a cerimônia do Batismo Infantil:

CAPÍTULO V - BATISMO DE CRIANÇAS - Art.11 - Os membros da Igreja Presbiteriana do Brasil devem apresentar seus filhos para o batismo, não devendo negligenciar essa ordenança. § 1º - No ato do batismo os pais assumirão a responsabilidade de dar aos filhos a instrução que puderem e zelar pela sua boa formação espiritual, bem como fazê-los conhecer a Bíblia e a doutrina presbiteriana como está expressa nos Símbolos de Fé. § 2º - A criança será apresentada por seus pais ou por um deles, no impedimento do outro, com a declaração formal de que desejam consagrá-la a Deus pelo batismo. § 3º - Os

⁴⁵ http://www.executivaipb.com.br/site/constituicao/principios_de_liturgia.pdf

menores poderão ser apresentados para o batismo por seus pais adotivos, tutores, ou outras pessoas crentes, responsáveis por sua criação. § 4º - Nenhuma outra pessoa poderá acompanhar os pais ou responsáveis no ato do batismo das crianças a título de padrinho ou mesmo de simples testemunha.

Com relação ao modo de administrar o batismo infantil, o presbiteriano Ivan G. Graham Ross (1989, pág. 74) assim descreve:

A palavra batizar, na língua original, tem vários sentidos, tais como: lavar, molhar, umedecer, mergulhar e purificar. Esta variedade de sentidos se manifesta na Bíblia inteira, e, portanto, é impossível limitar a palavra batizar a uma só palavra em português. Quando o Novo Testamento afirma que um crente foi batizado, está dizendo que ele apenas recebeu o sacramento do batismo, porém, não descreve o modo de administração. As purificações feitas com a água no tempo do Velho Testamento eram feitas por aspersão. Empregava-se geralmente o hissopo para borrifar água, Nm 19.18. O batismo é um ritual de purificação, e as passagens do Novo Testamento que descrevem batismos favorecem mais naturalmente a aspersão. Damos pleno apoio à conclusão da Confissão de Fé da Igreja Presbiteriana do Brasil: “Não é necessário imergir na água o candidato, mas batismo é devidamente administrado por efusão ou aspersão”. Cap.28.3.

6. A RELAÇÃO ENTRE BATISMO INFANTIL E ÁGUA

Aqui, nasce para o céu, de uma semente pura, um povo sagrado que o Espírito gera fecundando as águas. Mergulha na água santa, ó pecador, e serás purificado: a água te recebe velho e te devolve renovado. Para os renascidos não existe discriminação alguma: são uma só coisa graças a uma só fonte, um só Espírito, uma só fé. A Mãe Igreja concebe por inspiração de Deus e dá à luz pela água os que nascem de semente virginal. Se desejas ser puro, purifica-te neste banho, quer te aflija o pecado dos primeiros pais, quer o teu próprio pecado. Esta é a fonte da vida, que purifica o mundo inteiro, brotando da chaga de Cristo. Esperai o reino dos céus, vós que renascestes nesta fonte, a vida feliz não é para quem nasce uma só vez. A ninguém atemorize o número ou a natureza dos seus pecados: quem nasce desta água será santo. (Inscrição de Sisto III na arquitetura do batistério de São João de Latrão em Roma)

A comunidade cristã preferiu o batismo com água em lugar da circuncisão por vários motivos. Dentre eles, é possível estabelecer que o uso da água fizesse parte da tradição de purificação dos judeus, assim como os demais povos da Palestina.

No Antigo Testamento, para os hebreus, o profano e o sagrado se transmitiam por meio do contato. Por isso, desenvolveu-se a necessidade da purificação por meio da água. Mas neste período, entre os judeus, lavava-se não somente as pessoas, mas também os objetos: “E tudo aquilo sobre o que cair alguma coisa deles estando eles mortos será imundo; seja vaso de madeira, ou veste, ou pele, ou saco, qualquer instrumento, com que se faz alguma obra, será posto na água, e será imundo até à tarde; depois será limpo.” (Lv 11,32)

Cabe aqui um registro de Mary Douglas (2012) que nos traz, sob uma ótica funcionalista, os rituais de pureza em vários povos e culturas, considerando os conceitos como parte de algo maior, de uma unidade intergradada, harmoniosa e

consistente. A ideia de pureza é empregada como analogia para expressar uma visão geral da sociedade. Analisando este texto que reúne um conjunto de prescrições rituais que pretendem conduzir os adeptos à condição de pureza espiritual, que certamente influenciará a sociedade:

É um erro supor que pode haver uma religião totalmente interior, sem regras, sem liturgia, sem sinais exteriores de estados interiores. Em religião, tal como em sociedade, a forma exterior é a própria condição da existência. Herdeiros da tradição evangélica, aprendemos pela nossa educação a suspeitar do formalismo e a procurar a expressão da espontaneidade [...] Enquanto animal social, o homem é um animal ritual. Elimine-se uma certa forma de ritual e ele reaparece sob outra forma, com tanto mais vigor quanto mais intensa for a interação social (p.79-80).

Podemos observar que, a princípio, o banho na água, para os judeus, servia como ritual de purificação, mas desde o IV século passou a servir também como ritual de iniciação para os prosélitos⁴⁶, isto é, aqueles indivíduos pertencentes a outros povos que decidiam fazer parte do povo judeu, abraçando a crença destes. Isto porque, os judeus acreditavam ser um povo santo, separado pela sua divindade e, por isso, precisava de um ritual de purificação para aqueles que desejassem fazer parte. Em outras palavras, desenvolveu-se a ideia de que quem não fosse israelita era impuro e precisava passar por um rito de purificação, que ficou designado de “batismo dos prosélitos”. Este tipo de batismo era oficializado por dois rabinos.

Goedert (1987, pág. 23) também informa que isto se dava pela tradição da história de que o povo hebreu havia sido liberto da opressão egípcia através da travessia milagrosa pelo mar vermelho, o que simbolizava, de certa forma, um batismo. Van Gennep (1978, pág.45) foi além da separação entre profano e sagrado e, partindo do social dentro do contexto do rito, analisou estes como passagens, segundo o qual, “os ritos são cerimônias que marcam a mudança de

⁴⁶ “Prosélito” é um termo grego que significa “aquele que se agrega”. Segundo a tradição hebraica, indica propriamente o estrangeiro, o não judeu que vem morar em Israel e que ao povo judeu se agrega pela observância de suas leis civis e religiosas.

status das pessoas em suas comunidades”. Dessa forma, para Van Gennepe, em um ritual, estão presentes três estados: separação, margem e agregação.

E, uma vez que a Igreja entendia que Cristo veio para nos purificar de todo pecado e injustiça, nada melhor do que o uso da água para a inserção nesta nova realidade de vida e fé (Nm 19.9; Ez 36. 25).

É necessário considerar também a questão de que a circuncisão excluía a mulher, uma vez que a mesma era um sinal no órgão genital masculino, o batismo com água passou a incluí-la e coloca-la em termos de igualdade no Reino de Deus; a circuncisão exigia o legalismo (observância irrestrita da lei) como meio de salvação. A ênfase da circuncisão era a prática de obras para a justificação. O batismo com água exige simplesmente a fé, confiança na graça de Deus. Nele, os méritos humanos para a justificação são excluídos diante de Deus (Ef 2. 8-9); sem dúvida alguma, o que podemos observar é que a circuncisão limitava o direito dos gentios (pessoas fora da cultura judaica) em relação ao pacto com Deus. O batismo com água nivela a todos, deixando-os iguais e com o mesmo direito diante de Deus (Gl 3. 27-29).

Vejam a importância que a Igreja Católica dá à água, quando afirma que,

É da maior importância que os pais da criança ao batizar estejam presentes na celebração em que seu filho renascerá pela água e pelo Espírito Santo (RITUAL ROMANO reformado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade de S.S. o Papa Paulo VI, p. 20).

Vemos uma citação interessante sobre a água e sobre o batismo de crianças na obra “Tradição Apostólica”, escrita por Hipólito, a qual é uma das mais antigas e importantes constituições eclesíásticas da Antiguidade (foi escrita por volta do ano 215 A.D), encontramos instruções específicas acerca da administração do batismo por aspersão bem como consta a prática de batizar crianças e como em razão da fé dos pais poderiam ser batizadas. Seria a prática dos dois primeiros séculos da Igreja, que ainda vivia sob o contexto apostólico, ou seja, ainda viviam os discípulos diretos dos apóstolos. A obra diz: “Sejam batizadas primeiramente as crianças”, diz mais:

Ao cantar o galo, se começará a rezar sobre a água, seja a água que flui da fonte, seja a que flui do alto. Assim se fará, salvo em caso de necessidade. Portanto, se houver uma necessidade permanente e urgente, se empregará a água que se encontrar. Se desnudarão e se batizarão primeiro as crianças. Todas as que puderem falar por si mesmas, que falem; quanto às que não puderem, falem por elas os seus pais ou alguém da sua família. Se batizarão em seguida os homens e, finalmente, as mulheres [...] O bispo ao impor-lhes as mãos, pronunciará a invocação: “Senhor Deus, que os fizeste dignos de obter a remissão dos pecados através do banho da regeneração, fazei-os dignos de receber o Espírito Santo e envia sobre eles a tua graça, para que te sirvam obedecendo a tua vontade. A Ti a glória, Pai, Filho e Espírito Santo, na Santa Igreja, agora e pelos séculos. Amém” (Tradição Apostólica 20,21).

Os ritos que encenam o batismo infantil, por sua vez, podem ser considerados como uma das diferentes formas de organização do imaginário social, que utilizando-se de explicações sagradas e míticas para os fenômenos naturais, os quais temiam e fugiam de seu controle racional, organizaram suas instituições, construíram seus impérios e concretizaram suas ações. Nas palavras de Vieira & Weber:

“Através [de] padrões historicamente transmitidos de significações compartilhadas e corporificadas em símbolos e instituições (crenças e mitos, valores e normas, formas mais elaboradas de conhecimento...), os seres humanos elaboram e consolidam sua base de conhecimentos, suas atitudes e estratégias de comportamento, sempre às voltas com as coações estruturais impostas pelo meio ambiente natural” (1997, p.26).

A visão mitopoética⁴⁷, quer dizer, anterior à visão filosófica e racionalizante, serviu como modelo explicativo durante a maior parte da história humana, e jamais foi totalmente abolida. Na Antiguidade, a água, por exemplo, por ser um dos elementos vitais para todas as sociedades, era revestida por um vasto conteúdo simbólico, demonstrando a sua importância na organização das primeiras civilizações situadas nas bacias de grandes rios e nas costas

⁴⁷ Relativo à criação de mito(s).

mediterrâneas. O elemento *aqua*, sempre foi inspirador de indagações e motivo de veneração em diferentes culturas antigas.

Ferenczi especula que a origem desta estreita vinculação com a água, e da forte presença de suas imagens simbólicas no inconsciente, estaria relacionada tanto à memória intra-uterina, como à nossa origem oceânica, podendo ser constatada através dos vários mitos e rituais presentes em diversas religiões. Para Ferenczi parece existir um forte desejo humano de regressão ao líquido amniótico, mas apesar de suas dificuldades em conceituar tal hipótese, ele não abandona o pressuposto de que:

“as formações psíquicas mais diversas (sonho, neurose, mito, folclore, etc.) representam por um mesmo símbolo, o coito e o nascimento: ser salvo de um perigo, sobretudo da água (líquido amniótico); do mesmo modo, [...] elas exprimem as sensações experimentadas [...] na existência intra-uterina através das sensações de nadar, flutuar, voar. Um verdadeiro símbolo teria valor de monumento histórico, seria um precursor [...] dos modos de agir pertencentes a uma época superada, portanto restos mnimésicos aos quais somos propensos a retornar, tanto no plano psíquico quanto no físico” (1990, p.54).

A água foi uma das grandes questões na Idade Média, a ponto de ser considerada a ‘Idade da Água’ por Leray (1982, p.78). Muitas destas crenças na água podem, ainda hoje, ser observadas através de rituais de devoção e oferendas aos deuses aquáticos. Crespo (1997, p.61), ao descrever as tradições religiosas afro-brasileiras, explica que Iemanjá, por exemplo, é a divindade reinante sobre as águas do mar e que habitava na capital religiosa dos Iorubás, Ifé. Ao fugir dessa região, foi perseguida e capturada pelo rei e seu exército. Para escapar, ela utilizou-se de um presente de seu pai, Olokum, uma garrafa que deveria ser quebrada caso se encontrasse em apuros. Ela quebrou-a e um rio foi criado, levando-a para o oceano, morada de seu pai. Tornou-se assim, a senhora das águas salgadas. Casou-se com Oxalá- deus do ar e do céu - que recebera a missão de criar o mundo. A partir desse encontro, surgiu a maior parte dos Orixás, dentre eles, Oxum, senhora dos rios, cachoeiras e fontes, e Nanã-Buruku, a divindade das lamas e mangues, sereia velha das águas mansas, que varre a

sujeira do mundo com uma vassoura de palha, renovando a terra ao limpar a água.⁴⁸

Ainda segundo Crespo (1997, p.63), na Mitologia egípcia, como exemplo de ritual de devoção, Osíris era a personificação da fecundidade, a fonte total e criadora das águas. O Nilo era a efusão de Osíris e Set/Tifão a sua antítese, a personificação da aridez e da fome, representando tudo o que era seco e causticante. O Nilo era originado da união entre Osíris aquático e Ísis terrena, da qual nasceu o menino-deus Hórus que, ao eliminar Tifão, obrigou o oceano destruidor a recuar, deixando nas margens do rio Nilo o lodo aluvial que adubava as plantações.

Argumentando sobre a origem da criação grega, Graves (1967, p. 52-53) descreve um dos mitos em que, no princípio de tudo, o ar uniu-se ao dia dando o nascimento da Mãe Terra, do Céu e do Mar. Da união do Ar com a Mãe Terra apareceu o Oceano, Métis e outros Titãs. O Mar, por sua vez, uniu-se aos Rios originando as Nereidas. O Céu e a Terra (Gaia) eram os símbolos masculino e feminino que, através da fertilização das águas, produziam a vida, a qual passava a ser regida por Eros. Os rios e as fontes, ao serem considerados filhos de Oceanos pelos gregos, eram divinizados e a eles dedicavam oferendas.

A água é o elemento purificador, que lava, limpa e renova. Ela faz germinar a semente, é fonte de vida. Sem água tudo morre.

Na Bíblia Sagrada encontramos diversas citações onde Deus salva o povo por meio da água. Moisés, quando criança, foi salvo das águas do Rio Nilo. O povo Hebreu ficou livre da escravidão do Egito ao atravessar as águas do Mar Vermelho. O próprio Jesus foi batizado nas águas do Rio Jordão.

O batismo é um mergulho na vida divina. Aquele que preside a celebração derrama a água na cabeça da pessoa (criança ou adulto) dizendo: Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do espírito Santo. O batismo é realizado em nome da Santíssima trindade. Por isso, sempre que é feito o sinal da cruz é lembrado o

⁴⁸ A tradição indígena, no Brasil, é também rica em mitos e lendas aquáticas que valorizam a água. Pode-se observar que os nomes de grande parte dos rios brasileiros são de origem indígena. A palavra 'Paraíba', por exemplo, conforme definição por Ferreira (1975, pág.29), vem do tupi e significa 'rio imprestável', ou seja, é um trecho de rio que não pode ser navegado.

batismo. Na Igreja Católica há normas estabelecidas para o tipo de água: “A água a utilizar no batismo, fora do caso de necessidade, deve ser benzida, segundo as prescrições dos livros litúrgicos”(Código de Direito Canônico, 4ª Edição, promulgado por S.S. o Papa JOÃO Paulo II. p. 853).

O batismo tem sido praticado por diversas religiões ao longo da história. Não é de hoje que fiéis e devotos percebem na água uma função mística e sagrada de ligação com o transcendente. Segundo Goedert,

A palavra batismo, de origem grega, “*baptizo*” significa primeiramente imergir, afundar, (...); simultaneamente, assume o sentido de purificar (...) lavar (GOEDERT, 1987, p. 8).

Ainda levando em consideração a importância da água na crença e ritos, nas religiões da Antiguidade, as pessoas praticavam rituais de mergulho na água como meio de purificação. Goedert cita os ritos gregos a Baco e Ísis e os banhos dos egípcios no Rio Nilo, dos babilônenses no Rio Eufrates. Até os dias atuais, os hindus têm o ritual de lavagem no Rio Ganges para purificação. Historicamente, sobre o batismo nas sociedades antigas, é ainda Goedert que afirma: “aspiração inerente a todo homem no desejo de purificar a sua consciência de tudo aquilo que julga ser falta ou pecado” (1987, p. 17). Na Bíblia, encontramos no livro de Reis a narrativa da cura do general Naamã após mergulhar sete vezes no Rio Jordão (2 Rs 5,14).

Observa-se que é com o surgimento do cristianismo que o ato de mergulhar tomou outro aspecto e ficou conhecido como batismo. No cristianismo, o batismo foi introduzido seguindo o modelo de batismo de João Batista (Jo 1.28). Com o surgimento das primeiras comunidades cristãs, o batismo passou a ter o significado de iniciação do novo adepto na comunidade de fé como consequência da sua decisão.

Ribeiro afirma que “desde o berço da cultura, a água era vista como um importantíssimo elemento da natureza dotada de poderes sobrenaturais”, (RIBEIRO, 2012 p.48).

Ainda com relação à água batismal, Ribeiro afirma que:

O cristianismo herdou do judaísmo os significados atribuídos por este à água do batismo. Para os judeus, a água estava ligada profundamente à morte e ressurreição simbólicas. A imersão na água simbolizava a regressão ao pré-formal, a reintegração no modo indiferenciado da preexistência, tanto se referindo ao estado anterior ao da criação do mundo (Gn 1:1-2) quanto à regressão ao ventre materno, ao líquido amniótico (p.48).

Ribeiro, citando Eliade (2002a, p. 152) constatou que:

Em qualquer grupo religioso que se encontrem, as águas conservam invariavelmente sua função: elas desintegram, eliminam as formas, lavam os pecados, são ao mesmo tempo purificadoras e regeneradoras.

Ribeiro (p.49), ainda, afirma o seguinte:

A água é vida, pois fecunda a terra, cura, rejuvenesce e concede vida eterna (Ap 22:1-2). No dizer de Eliade (2002b, p. 158): “Na água, tudo se dissolve, toda a forma se desintegra, toda a história é abolida; nada do que anteriormente existiu subsiste após uma imersão na água”.

Tertuliano de Cartago dá à água sua devida importância. Para Ele é necessário a oração de santificação invocando o Espírito Santo sobre as águas batismais, pois dá à água “o poder de santificar por si” (De Baptismo 4,4). A invocação de Deus sobre a água é interpretada por Tertuliano como a vinda do Espírito que dá à água o poder de purificar o eleito que será lavado por esta mesma água. Embora em outros escritos, Tertuliano atribua o Espírito Santo ao banho batismal (cf. De Pudic. 9,9; De Anima 1,4), na obra De baptismo afirma que o banho tem o efeito de remissão dos pecados:

Isto não significa que recebemos o Espírito Santo na água. Mas, purificados na água, somos preparados, pelo ministério do anjo, para receber o Espírito Santo (*De Baptismo* 6,1).

Tertuliano vê a tríplice imersão ou submersão nas águas batismais como o momento em que os pecados são perdoados “pela fé consignada no Pai, no Filho e no Espírito Santo” (De Baptismo 6,1) para que o “eleito” possa receber o

Espírito Santo. Ele compara o papel da Igreja na pessoa do Bispo com o papel de João Batista: Como João antes foi o precursor do Senhor, preparando seus caminhos, assim o anjo, que preside o batismo, traça caminhos para a vinda do Espírito Santo (De Baptismo 6,1).

Embora possa parecer que Tertuliano negue o dom do Espírito Santo ao banho batismal, na contramão de toda uma tradição patrística, a sua interpretação torna-se clara se vemos o rito como um todo, como uma única ação litúrgica. Nesta perspectiva as águas do batismo lavam a carne e purificam o espírito libertando dos pecados para o recebimento do Espírito Santo “quando emerge do banho do batismo” (De Baptismo 8,4). Em todo o texto a água tem um importante papel para a teologia da iniciação cristã, toda a exposição de Tertuliano está associada à água, embora dê grande importância à imposição das mãos (CIRILO DE JERUSALÉM, 1877, p.39).

Ao expor o rito do exorcismo e oração do Bispo sobre a água, Ambrósio fala da relação entre o ato e a eficácia do sacramento:

Tu viste a água. Ora, nem toda a água cura. Tem poder de curar a que possuir a graça de Cristo. Uma coisa é o elemento; outra, a santificação. Uma coisa é o ato; outra a eficácia. O ato é da água. A eficácia, do Espírito Santo (*Os Sacramentos* 1,15).

A água do batismo tem eficácia porque é santificada pela Trindade. O Bispo diz a oração e invoca o nome do Pai, a presença do Filho e do Espírito Santo (cf. *Os Sacramentos* 2,14). Ambrósio recorda o evento do batismo de Jesus para falar da presença santificadora da Trindade: “Desceu Cristo para a água e o Espírito Santo baixou como pomba. Também o Pai, por sua vez, falou do céu. Estás, aí, em presença da Trindade” (*Os Sacramentos* 1,19).

A água tem este significado profundo de vida, de algo que vem para trazer movimento, vida que restaura, que traz um significado profundo à vida:

A água é ambivalente, simboliza a morte a vida. O contato com ela multiplica o potencial de vida, é rica em germes. Representa a soma universal de todas as possibilidades de existência. A partir de uma dimensão antropológico-simbólica, podemos ler no

imaginário religioso que os monstros habitam nas profundezas marinhas. O iniciado, ao imergir nas águas, terá de enfrentá-los. A imersão equivale a voltar ao caos, ao pré-formal. As águas apagam todas as formas, dissolvem a vida e possibilitam, assim, a nova criação. (Lelo. 2005, p. 17)

Com relação a esta questão da água, o site Catequese "MISSÃO JOVEM"⁴⁹, destaca que:

Já em Gênesis Deus se manifesta na criação da água. Toda criação parece vir do abismo profundo das águas, como se fosse um útero imenso, fecundado pela semente da Palavra de Deus, que vai dando à luz a todas as criaturas... (Gn 1, 1-31).

- Logo a terra se encheu de maldade, de tal forma que o próprio Deus se arrependeu de haver criado o homem e a mulher. Então, uma grande inundação afogou toda a maldade do povo, ficando apenas o justo Noé, para recomeçar uma nova humanidade. Deus faz uma nova aliança (Gn 6, 5-7, 24).

- Deus sempre se faz presente na história de seu povo. Mas, é na hora da dor e do sofrimento que vem ao encontro das pessoas. Para conquistar a liberdade em meio a escravidão no Egito, as águas do mar dos Jungos se abrem para deixar passar o povo rumo à liberdade, à terra prometida (Ex 14, 15-31; 15, 1-21).

- Entre os judeus a imersão era símbolo de purificação, tirava as impurezas (II Rs 5, 1-19).

- Isaías convida a chegar às nascentes da águas: "Todos vós que estais sedentos, vinde à nascente das águas" (Is 55, 1).

- Cristo sempre esteve ligado às águas:

- É batizado nas águas (Mt 3, 13).
- Convidado ao casamento, é com água que inaugura o começo de sua missão (Jo 2, 7).
- Quando prega, convida os sedentos para beber sua água eterna (Jo 4, 14).
- Quando ensina sobre a caridade, reconhece como obra de amor um copo de água (Mt 10, 42).
- Descansa junto ao poço de Jacó (Jo 4, 6).
- Caminha sobre as águas (Jo 6, 19).
- Lava os pés de seus discípulos (Jo 13, 5).
- Quando é transpassado, irrompe de seu lado a água (Jo 19, 34).

⁴⁹ Site visitado: <http://www.pime.org.br/catequese/cateqmjdinagua.htm>, em 14/04/2014.

- Nas primeiras comunidades, um elemento significativo na hora de alguém ser batizado era a água.
- Diz o eunuco da rainha da Etiópia a Filipe: “Eis aqui água. Que impede que eu seja batizado! (At 8, 37)”.

A Igreja Presbiteriana, desde seu início, procurou “esconder” a importância da água e seus significados na administração e ensino do batismo. Segundo Ribeiro (pág.51), isso se dá porque, para o pietismo, “o que vale é a experiência religiosa pessoal, individual e intransferível”.

Ela ainda defende que:

Essa afirmação pode ser comprovada pelas constantes referências feitas pelos primeiros pastores em solo brasileiro, relacionando os símbolos e a missa católica a superstições. Qualquer forma ritual ou simbólica era tida como parte de uma religião formal, exterior, impessoal, institucional, supersticiosa e sem espiritualidade. Uma afirmação interessante acerca do batismo no intuito de diferenciá-lo do sacramento católico pode ser encontrada no catecismo de Lutero, em que se lê que “sem a Palavra de Deus, a água não passaria de simples água e não haveria batismo”(RIBEIRO, 2012 p.52).

Enfim, concluo essa parte com uma constatação relevante de Ribeiro (2012, p. 53) acerca da importância da água no batismo:

A relação entre a água e o batismo, nesse caso, não seria arbitrária, mas, sim, necessária. Conversando com membros de diversas igrejas presbiterianas, pôde-se observar que no imaginário de muitos a virtude sacramental da água do batismo é uma realidade inquestionável, sendo considerado um sacrilégio dispensá-la de qualquer forma sem o devido cuidado, e que a quantidade de água dispensada no batismo, apesar de este ser realizado por aspersão, é uma preocupação constante de muitos responsáveis por ocasião do batismo infantil.

7. REBATISMO

O capítulo trata da questão do reconhecimento da validade do sacramento do batismo entre as duas denominações cristãs. Essa busca de uma compreensão do Batismo que possibilite o reconhecimento do mesmo pelas diferentes tradições ou dessas denominações cristãs foi e continua sendo um dos grandes desafios na história do cristianismo.

Não é difícil constatar que a literatura sobre a questão da validade do batismo e da prática rebatismal é escassa. Cabe notar que essa questão perpassa a História da Igreja e constitui-se um dos pontos mais críticos do movimento ecumênico contemporâneo. O não reconhecimento do batismo administrado em outras igrejas realça a divisão entre as igrejas cristãs.

No Brasil, durante a ocupação do Nordeste pelos holandeses reformados na primeira metade do século XVI, que chegaram a constituir dois presbitérios e um Sínodo, surgiu a questão da validade do batismo realizado na Igreja Católica: A Igreja Cristã Reformada,

“reconheceu o batismo da Igreja Católica Romana, apesar de certas dúvidas que surgiram entre ministros evangélicos que entraram na herança missionária romana... No caso de um batismo apressado, como o católico romano, uma pública reafirmação de fé era necessária” (SCHALKWIJK, 1989, p. 275-276).

Segundo Carlos J. Klein,

A Igreja da Escócia, e posteriormente a maioria das denominações presbiterianas no mundo adotaram a Confissão de Fé de Westminster, elaborada pela Assembleia de Westminster (1643 – 1649), no período da Revolução na Inglaterra. O posicionamento do Presbiterianismo Histórico, quanto à questão da prática rebatismal, é expresso na Confissão, que preceitua no capítulo 28.7: “O Sacramento do Batismo deve ser administrado uma só vez a uma mesma pessoa”.⁵⁰(KLEIN, 2010, p.86).

⁵⁰ O Livro das Confissões, 6145.

No Novo Mundo, com relação a esta questão, Charles Hodge, num longo artigo intitulado *Biblical Repertory and Princeton Review*, em 1845, diz que “em geral, os protestantes concordam com a igreja antiga que o batismo não é vazio, contanto que se batize em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.

É doutrina da igreja universal que batismo administrado em nome da Trindade, por alguém professando fé nesta doutrina, não é vazio... Tal é a doutrina de nossas confissões que declara ser o batismo um lavar com água em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A validade do batismo depende do Mandamento de Deus e não do caráter do administrador (*The General Biblical Repertory and Princeton Review*, XVII, n. 111, 1845, p.446).

Ainda segundo Klein,

Os que propugnam, nos meios presbiterianos, a invalidade do batismo católico, citam a Confissão de Fé de Westminster (27, 4) que exige que “um sacramento só pode ser dispensado por um ministro da palavra legalmente ordenado” (KLEIN, 2010, p. 90).

Com relação ao Novo Mundo, e nessa controversa situação da validade do batismo, Klein (2010, p.91) levanta algo considerável:

Em 1875, uma Assembléia da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, (PCUSA) alterou a resolução de 1845: os conselhos das igrejas locais decidiriam sobre a recepção de católicos apenas por profissão de fé e rebatismo. O historiador reformado francês, Émile Leonard observou que “em assunto de tal importância, e em se tratando de igrejas não congregacionalistas, é uma esplêndida confissão de incapacidade teológica” (Leonard, 1981. p.107-108).

Porém, para o teólogo Charles Hodge,

Nós não temos o direito de dizer que um corpo de cristãos não é uma igreja e não tem sacramentos válidos por se diferenciarem de nós quanto ao modo de ordenar ministros... nós mantemos que os sacerdotes romanos são apontados e reconhecidos como presbíteros em uma comunidade que professa sua crença nas Escrituras, nos primeiros credos e nas decisões dos quatro primeiros concílios gerais. Eles são ministros ordenados... e conseqüentemente o batismo administrado por eles é válido (*The*

General Biblical Repertory and Princeton Review, XVII, n. 111, 1845, p.445).

Com relação ao presbiterianismo no Brasil, implantado através do missionário americano Ashbel Green Simonton, Klein (2010, p. 93) afirma que:

Simonton hesitou no rebatismo, tendo, inclusive, se aconselhado com Robert Kalley, congregacional, que já havia implantado a prática rebatistal no Brasil, três anos antes. Simonton e os outros missionários adotaram o rebatismo facultativo de conversos vindos do catolicismo: “Parece haver acordo entre nós sobre isso: oferecer o sacramento aos que se converteram, mas caso não queiram ser batizados, nos abstermos de perturbar suas consciências” (Simonton, Ashbel Green, Apud Mc Intire, Robert Leonard).

Em 1888, na organização do Sínodo⁵¹ da Igreja Presbiteriana do Brasil, adotou-se a Confissão de Fé e os Catecismos Maior e Breve de Westminster⁵².

O Rev. Salomão Ferraz questiona a prática do rebatismo na segunda década do século XX, quando em 1915 publicou *Princípios e Métodos*, no qual defende a validade do batismo administrado na Igreja Católica Romana. Ferraz comenta que a prática do rebatismo não advém dos reformadores Lutero e Calvino, tendo sido adotada tardiamente nos Estados Unidos, em 1845, sob protesto do teólogo presbiteriano Charles Hodge, do qual Ferraz faz a seguinte citação:

A validez do batismo não depende do caráter da particular denominação a que pertence o ministrante... Nós mantemos, portanto, que o batismo romano é válido, por ser um lavar com água em nome da Trindade com o fim de selar e aplicar os benefícios do pacto da graça (FERRAZ, 1915, p. 79).

A questão suscitada por Ferraz foi encaminhada pelo presbitério⁵³ desse pastor ao Supremo Concílio (Assembléia Geral) da Igreja, que reuniu no Rio de Janeiro de 1916. Pierson (1974, p. 65) observa que:

⁵¹ Assembleia de eclesiásticos convocada pelo legítimo superior e destinada a tratar de assuntos relativos à vida da Igreja.

⁵² Símbolos de fé da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Um número de vezes veio à discussão. A única posição parcialmente em favor de Ferraz foi a de Porter... Ele sugeriu que a questão fosse deixada à discrição de cada conselho local, frente ao ataque de Gaston Boyle... Herculano Gouvêa seguiu Boyle condenando o procedimento da Assembléia Geral de 1875 da PCUSA, criticando também Hodge. Quando Ferraz citou a posição de Lutero e Calvino sobre a questão, Gouvêa replicou que os reformadores foram muitíssimos confusos em seu ensino sobre os sacramentos e não eram guias apropriados.

Segundo Klein (2010, p. 95), o Supremo Concílio da IPB decidiu pela manutenção da prática do rebatismo:

“em face dos bons resultados colhidos em meio século de experiência em que ficou demonstrada a excelência do método de se receberem por batismo pessoas vindas diretamente da Igreja Romana, o SC resolve que essa prática deve ser continuada”(Pierson, 1974, p.65).

É pertinente observar que a razão mencionada na resolução foi de ordem pragmática, não teológica.

O problema da prática do rebatismo retornou na Reunião ao Supremo Concílio da IPB em Governador Valadares (MG) de 17 a 24/07/90, quando foi apresentada uma proposta de reconhecimento da validade do batismo católico pelo Presbitério de Florianópolis (SC). A resposta foi negativa:

O SC /IPB 1. Considerando que a IPB não tem a prática do rebatismo, mas sim de batizar aquele que aceita o Senhor Jesus como seu Salvador; 2. Considerando que a Igreja Católica Romana tem sua posição doutrinária tridentina e crê no batismo como “meio de salvação”, que é antibíblico; resolve: 1. Estranhar a posição teológica expressa pelo presbitério proponente; 2. Reiterar a posição da IPB, de que a Igreja Católica não é uma igreja evangélica; 3. Recomendar aos conselhos que, ao receberem professandos, cumpram o que estabelece o Art. 12 dos Princípios de Liturgia. Sala das Sessões, 20 de julho de 1990.⁵⁴

⁵³ Reunião, ordinária e ou extraordinária dos presbíteros, que, no exercício legal constitucional, representam e administram as instituições no seu lado jurídico. Formam ainda o presbitério, pastores que atuam na área eclesiástica. Subordinado ao Sínodo, que por sua vez, deve obediência a Supremo Concílio.

⁵⁴ Atas e documentos da XXXII Reunião do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, de 17 a 24/07.90, em Governador Valadares (MG).

Segundo Klein (2010, p. 96), “a resolução do Concílio maior da IPB é contraditória: afirma que não pratica o rebatismo, e ao mesmo tempo, recomenda que essa prática seja mantida”.

É possível que, por causa dessa contradição, a Comissão Executiva do SC da IPB, manifestou-se mais uma vez sobre o tema, agora na reunião de 2004, conforme texto exposto abaixo:

“... sobre Consulta de ‘Rebatismo de Católicos Apostólicos Romanos’, a Comissão Executiva do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, CONSIDERANDO QUE:

1) À Luz da história da Igreja Presbiteriana do Brasil, lembramo-nos que no dia 12 de janeiro de 1862, na organização da Primeira Igreja Presbiteriana do Brasil, duas Profissões de Fé ocorreram, conforme registra Ashbel Green Simonton em seu Diário nas datas de 1852- 1867, 14/01/1862 de Henry E. Milfor e Camilo Cardoso de Jesus. O Sr. Milford já fora batizado na infância na Igreja Episcopal, não foi rebatizado. (Atas da Igreja do Rio de Janeiro, 1862, p.5 – A.G. Simonton, Diário, 1852-1867, 14/01/62; Boanerges Ribeiro, Protestantismo e Cultura Brasileira, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1981, p.25). O Sr. Camilo Cardoso de Jesus por ser proveniente do Romanismo foi batizado (rebatizado).

2) Rev. Simonton consultou sobre o assunto o Rev. Kalley e a Junta Missionária em New York (Boanerges Ribeiro, Protestantismo e Cultura Brasileira, p.25-26; A.G. Simonton, Diário, 1852-1867, 14/01/62).

3) O batismo (rebatismo) estava em harmonia com a legislação da Igreja Presbiteriana da América, que em 1835, decidira o seguinte: (...) A Igreja Católica Romana apostatou essencialmente a religião de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e, por isso não é reconhecida como igreja cristã” (Assembly Digest, Livro VI, Seção 83,p. 560 (1835), Apud Carl Hahn, História do Culto Protestante no Brasil, São Paulo, ASTE, 1989, p.161).

4) Em 1845, mediante consulta ao Presbitério de Ohio, se o Batismo da Igreja de Roma era válido, decidiu: “A resposta a esta questão envolve princípios vitais para a paz, a pureza e a estabilidade da Igreja de Deus. Após ampla discussão, que se estendeu por diversos dias, a Assembléia decidiu, pela quase unanimidade de votos (173 a favor e 8 contra), que o batismo administrado pela Igreja de Roma não é válido. (*Assembly Digest*, Livro III Seção 13, p.103 (1845), Apud Carl J. Hahn, *História do Culto Protestante no Brasil*, p. 162).

5) A decisão do SC-90-150 reflete o mesmo entendimento de Simonton e também da Igreja Presbiteriana na América, nos seguintes termos: “SC-90-150 – Igreja Católica Romana – Quanto ao Doc. 32, do Presbitério de Florianópolis, sobre proposta versando “rebatismo” de pessoas provenientes da Igreja Católica Romana. O SC resolve 1) Considerando que a IPB não tem a prática de rebatismo, mas sim o de batizar àquele que aceita o Senhor Jesus como seu único Salvador. (evidentemente esta decisão não leva em consideração o batismo dos filhos de pais crentes, pois trata exclusivamente de responder ao Presbitério de Florianópolis sobre a proposta que ele faz). 2) Considerando que a Igreja Católica Romana tem a sua posição doutrinária tridentina e crê no batismo como “meio de salvação”, que é antibíblico:

RESOLVE: 1) Estranhar a posição teológica do Presbitério proponente. 2) Recomendar a posição da IPB, de que a Igreja Católica Romana não é uma Igreja Evangélica. 3) Recomendar aos conselhos que ao receberem professados cumpram o que estabelece o Art. 12 do Princípio de Liturgia.”.

6) A posição de Calvino no Livro 4, Capítulo 15, parágrafo 16, afirma que a validade do batismo não depende daquele que administra, mas de Deus que instituiu o sacramento. Ele usa este argumento para combater o pensamento dos Donatistas e dos Catapatistas que eram anabatistas (ou rebatizadores). Contudo a principal tese de Calvino neste fato de que o sacramento não vem do ministro, mas de Deus.

7) **Nós não “rebatizamos”** católicos no sentido anabatista. **Nós batizamos** católicos. Nós não rebatizamos crentes. Batizamos católicos porque cremos “que o batismo administrado pela Igreja Romana não é válido. Não é, portanto, como fundamenta Calvino sua tese, uma questão simplesmente de quem administra o batismo, nem simplesmente as Palavras usadas no batismo, mas é uma questão da eclesiologia daquele que administra tal batismo. O ensino da Igreja Católica sobre o batismo contraria o ensino bíblico do batismo. Esta foi a falha na lógica de Calvino, segundo entendemos, suas palavras, neste caso, contradizem sua eclesiologia. Ele, efetivamente, não cria que a Igreja Católica Apostólica Romana era uma Igreja Cristã. Uma Igreja Cristã se destaca pela pregação e ensino de acordo com a *Sola Scriptura*, administra os dois sacramentos de acordo com o ensino das Escrituras, e disciplina seus membros de acordo com as Escrituras. A Igreja Católica Apostólica Romana não está sob a autoridade única das Escrituras, seus 7 sacramentos e administração do batismo e da ceia são contrários aos ensinamentos das Escrituras, e não disciplina seus membros de acordo com as Escrituras. O papa para os Reformadores e nossa Confissão de Fé, “é o anti-cristo”.

8) Foi nestas considerações que a Igreja Presbiteriana na América do Século XIX firmou-se corretamente, reconhecendo que a Igreja Católica Apostólica Romana apostatou essencialmente a religião de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e, por isso não é reconhecida como igreja cristã.

9) POR FIM, E NÃO MENOS IMPORTANTE, o Rev. José Manuel da Conceição, primeiro pastor brasileiro da Igreja Presbiteriana do Brasil, ex-padre romano, foi batizado ao fazer a sua Pública Profissão de Fé, conforme relata Boanerges Ribeiro em seu livro “O Padre Protestante” p. 116, que afirma: (...) “Realizou-se o culto de costume, com uma nota sensacional.” (destaca o Rev. Boanerges) “Nessa ocasião foi batizado por Blackford o ex-padre Conceição, diante de algumas dezenas de pessoas que se comprimiam na sala. Para o padre foi uma

cerimônia impressionante: “Era um belo dia (...) foi para mim um momento solene...” Após o batismo, Simonton, presente a tudo e testemunha dos fatos “pronunciou palavras e Conceição, com linguagem veemente e muito apropriada, explicou ao povo o passo que dera”. (O Padre Protestante, Boanerges Ribeiro, p. 116).

A CE/SC RESOLVE: Responder ao requerente: 1) Que a Igreja Presbiteriana do Brasil batiza conversos e menores sob sua guarda. 2) Que cremos, juntamente com os Reformadores e firmados nas conclusões históricas da igreja da outra América no Século XIX e em decisão solene de 1990, jamais contestada, que a Igreja Católica Apostólica Romana, não é uma Igreja Cristã. É uma igreja apóstata e sua eclesiologia contraria o ensino da Palavra de Deus. 3) Solenemente reafirmamos a decisão do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil (SC-90-150). (**CE-SC/IPB-2004 - DOC. XXXVIII**)”.⁵⁵

Por uma questão de legalidade, a decisão acima foi anulada. A Comissão Executiva não tinha poderes para legislar sobre doutrina. No Supremo Concílio posterior à decisão, o de 2006, a questão legal foi resolvida e foram reafirmadas as conclusões da decisão, conforme exposto abaixo:

“**SC-2006- Doc. 98** - Doc. XCVIII – Quanto ao Doc. 047 - CE/SC-2004 - DOC. XXXVIII - Quanto ao Doc. 003 - Proposta de anulação da decisão CE-SC/IPB-2004 - DOC. XXXVIII – Quanto ao Documento 047 procedente do Sínodo do Rio de Janeiro ao pedido de declaração de nulidade da decisão CE/SC/IPB 2004-doc. XXXVIII. O SUPREMO CONCÍLIO considerando: 1. que, à luz do art. 104 da CI/IPB, a CE/SC não dispunha de poderes para firmar ou reafirmar doutrina, uma vez que o teor da consulta não poderia representar assunto de urgência; 2. que compete ao Supremo Concílio formular padrões de doutrina e prática quanto à fé, nos termos do art. 97 da CI/IPB; **RESOLVE:** 1. declarar nula de pleno direito a decisão CE/SC/IPB 2004- doc. XXXVIII; 2. afirmar que a Igreja Presbiteriana não

⁵⁵ Atas da CE/IPB 2004. <http://www.executivaipb.com.br/site/index.php>. Acesso em 15/04/2014.

tem a prática de rebatismo, mas sim a de batizar aquele que recebe o Senhor Jesus como o seu único e suficiente Salvador, bem como os seus filhos e os menores sob sua guarda; 3. declarar que o batismo praticado pela Igreja Católica Apostólica Romana inclui elementos diversos a água o que a torna não aceitável à luz da doutrina reformada; 4. afirmar que a Igreja Católica Apostólica Romana não se alinha com os ensinamentos do Evangelho, conforme entendimento da Confissão de Fé que subscrevemos; 5. determinar que as Igrejas que, em caso de recebimento de membros oriundos da ICAR, sejam recebidos por profissão de fé e batismo e seus filhos e menores sob sua guarda por batismo”.⁵⁶

Na Igreja Presbiteriana Independente, também há resolução sobre a questão da validade do batismo da Igreja Católica Romana:⁵⁷

“Na última reunião da Assembléia Geral da IPI do Brasil, realizada em Maringá, PR, de 26 a 31 de janeiro de 2007, foram tomadas importantes decisões sobre três questões litúrgicas relevantes, a saber, rebatismo, ceia para crianças e culto de intercessão pela cura. Passaremos aqui um breve resumo do que foi decidido sobre as referidas matérias, mas é importante que toda a igreja tome conhecimento das questões que foram aprovadas, lendo o documento elaborado pela comissão de exame da IPIB para entender os fundamentos que levaram a Igreja a tomar cada decisão”.

Trataremos aqui somente a questão do rebatismo.

“1) Considerando as diferenças que separam a concepção, a liturgia e a intenção do batismo no catolicismo romano e na IPI do Brasil; 2) Considerando as fragilidades da educação cristã ministrada no âmbito do catolicismo romano; 3) Considerando a tradição presbiteriana independente de receber católicos romanos por meio do batismo e profissão de fé;

⁵⁶ Resoluções do SC/IPB 2006. <http://www.executivaipb.com.br/site/index.php>. Acesso em 15/04/2014.

⁵⁷ http://www.ipidocruzeiro.org.br/index.php?Itemid=36&id=183&option=com_content&task=view. Acesso em 14/04/2014.

A Assembléia Geral da IPI do Brasil reunida em Maringá nos dias 26 a 31 de janeiro de 2007 resolve reafirmar que o recebimento de pessoas provenientes da Igreja Católica Apostólica Romana seja feito por meio do batismo.

Contudo⁵⁸,

1) Considerando que os elementos essenciais do batismo cristão estão presentes no batismo católico romano consistindo seu erro no excesso (elementos litúrgicos) e na intenção com que se batiza; 2) Considerando que a eclesiologia protestante ensina que mesmo "as igrejas mais puras debaixo do céu estão sujeitas à mistura e ao erro" (CFW, Cap. XXV, V); 3) Considerando que o batismo, segundo nossa teologia, não é essencial para a salvação (Mc 16.16); 4) Considerando que os reformadores (Lutero e Calvino) consideravam válido o batismo católico romano; 5) Considerando que o Espírito de Deus sopra onde quer (Jo 3.8), não ficando circunscrito aos muros denominacionais; 6) Considerando que o respeito à consciência pessoal é uma das maiores riquezas que o protestantismo legou ao mundo moderno;

A Assembléia Geral da IPI do Brasil reunida em Maringá nos dias 26 a 31 de janeiro de 2007 resolve receber extraordinariamente pessoas batizadas na Igreja Católica Apostólica Romana apenas por profissão de fé.

Para a configuração de extraordinariedade os seguintes itens deverão ser observados: 1. Que a iniciativa do pedido de dispensa de batismo seja da própria pessoa podendo o Conselho aprovar ou não a dispensa levando em conta os seguintes itens: 1.1. Que a pessoa renuncie à intercessão de santos católicos romanos junto a Deus e qualquer outro elemento extra-bíblico presente no batismo ministrado por oficiante da Igreja Católica e confesse a validade do batismo feito em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; 1.2. Que, preferencialmente, o pedido seja acompanhado da certidão de batismo emitida

⁵⁸ Grifo meu.

pela Igreja Católica Apostólica Romana; 1.3. Os demais critérios de exame da experiência de fé e maturidade espiritual aplicados aos candidatos batizados na infância na própria IPI do Brasil aplicam-se ao caso em questão.

2. Caso o (a) solicitante seja acompanhado de filhos (as) menores ou tutelados batizados na Igreja Católica Apostólica Romana, os mesmos deverão ser arrolados como membros da igreja na mesma condição do solicitante.

Com relação a estas duas diferentes decisões das igrejas coirmãs, Klein (2010, p. 103) argumenta o seguinte:

A História do presbiterianismo, principalmente a partir de meados do século XIX, apresenta, talvez mais do que qualquer outra tradição confessional, um grande leque de discussões teológicas e de práticas pastorais sobre o problema da validade do batismo e da prática rebatismal.

Com relação ainda a este tema, Klein (2010, p.104) dá um resumo das resoluções das denominações Presbiterianas no Brasil com relação à prática rebatismal:

A prática do rebatismo foi confirmada em algumas Assembleias Gerais da Igreja Presbiteriana do Brasil (1916, 1990) e da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (1991, 1997), bem como adotada em novas denominações presbiterianas, como a Igreja Presbiteriana Conservadora e a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil. No ano de 2007, enfim, dois fatos auspiciosos aconteceram em duas igrejas do Brasil. Em 29 de janeiro a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana Independente deixou facultativo o rebatismo de conversos vindos do catolicismo. E a Igreja Presbiteriana Unida, juntamente com as demais igrejas do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs no Brasil, do qual participam a Igreja Católica e uma Ortodoxa, assinou em 15 de novembro um Acordo de Reconhecimento Recíproco do Batismo.

Klein, talvez um dos escritores que mais se preocuparam com o tema, tem as suas considerações finais com o seguinte pensamento:

Tendo em vista que para todos os cristãos o batismo, instituído por Cristo, é meio pelo qual uma pessoa é incorporada ao Corpo

de Cristo, isto é, à Igreja, é contraditório o fato de muitas denominações considerarem cristãos de outras igrejas como irmãos em Cristo, mas não reconhecerem seu batismo. Com relação às denominações protestantes pedobatistas, uma redescoberta e valorização da teologia do batismo dos reformadores poderia ensejar o fim de práticas rebatismais generalizadas. No caso das denominações derivadas da Reforma Radical, as bases para uma compreensão comum e reconhecimento do batismo podem ser buscadas numa meditação na tradição bíblica, nos escritos patrísticos, bem como nos encontros de oração com outros cristãos, sob a iluminação do Espírito Santo (Artigo: Considerações históricas e teológicas sobre a validade do Batismo Cristão, a partir de Optato de Mileve, de Agostinho e dos reformadores protestantes. Autor: Carlos Jeremias Klein. Publicado pela Revista Teológica da Unifil. <http://www.unifil.br/portal/servicos/publicacoes>).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição dos pontos de vista católico-romano e reformado presbiteriano mostra alguns pontos em comum sobre o batismo. Todas elas reconhecem que o batismo são sinais que simbolizam a morte e a ressurreição de Cristo; que o batismo é o rito pelo qual os fiéis são admitidos na Igreja; que é uma ordenança de Jesus; que a fé é, de algum modo, essencial ao batismo; e que o Espírito Santo possui algum papel a desempenhar, antes, durante ou depois do batismo. Apesar de tantas semelhanças, também é possível anotar várias diferenças.

O católico romano o vê como um ato eficaz por si mesmo, *ex opere operato* e o reformado enxerga benefícios espirituais no sacramento, desde que a fé se manifeste no momento do batismo, através dos pais, ou mesmo posteriormente. Entretanto, é nítido nas duas igrejas o relacionamento entre batismo e circuncisão. Embora a Nova Aliança tenha aspectos distintos em relação à antiga, a tal ponto de Paulo afirmar que o fim da lei é Cristo (Rm 10:4), o próprio Jesus disse que não veio revogar a Lei ou os Profetas (o Antigo Testamento), mas para cumprir, e que era mais fácil o céu e a terra passarem do que cair alguma coisa da Lei (Mt 7:17-19).

Os argumentos levantados pelos teólogos das duas igrejas com relação ao pacto em prol da unidade das alianças divinas são mais fortes e convincentes do que os usados pelos dispensacionalistas. A unidade das alianças pode ser considerada um fato a ser estudado.

A investigação científica baseia-se na aplicação da observação humana e do raciocínio humano aos eventos do mundo observável. Como tal, pode parecer que oferece uma ameaça primordial às tradições de fé baseadas em afirmações de verdade não vistas e não passíveis de prova (PETERS e BENNETT. 2003, p.268).

Esta unidade é que é a base sobre a qual se assenta a doutrina do pedobatismo. O relacionamento entre batismo e circuncisão é explícito na Bíblia, encontrado em Colossenses 2:11-12. Além disso, os dois rituais são ritos de

admissão. Ambos possuem simbolismos ligados à purificação de pecados. Se o batismo simboliza a morte, a circuncisão implica em derramamento de sangue. Por outro lado, a circuncisão, se não for acompanhada da fé e de uma vida transformada, não possui valor algum.

Esta analogia ajuda a explicar muitas coisas na Igreja Presbiteriana: Em primeiro lugar, ela explica por que os reformados batizam crianças. O batismo vem para substituir a circuncisão como sinal da aliança, e assim como a circuncisão, deve ser administrado às crianças. Esta posição foi assumida por todos os principais reformadores: Martinho Lutero, João Calvino e Útrico Zuínglio. Para os reformados, o pedobatismo se justifica pela teologia da aliança.

É necessário considerar, também, que nós não levantamos a questão da minoria que, mesmo fazendo parte da Igreja Presbiteriana, não admite o pedobatismo. Muitos crentes que creem na Bíblia estão certos de que a Bíblia não ensina o pedobatismo, ao contrário, eles acham que somente aqueles que verbal e convictamente professam fé em Jesus devem ser batizados. O fato é que estes pensam que o pedobatismo é antibíblico. Eles estão convencidos de que os únicos que podem receber validamente o batismo são aqueles que fizeram uma confiável profissão de fé em termos que só é possível quando a pessoa chegou a certa idade.

É possível que a Igreja Presbiteriana esteja muito voltada para si mesma, fechada com sua doutrina, sem dialogar com a sociedade e deixando de levar benefícios palpáveis onde seus membros façam jus à sua história. Cabe aqui o comentário de um dos teólogos mais conhecedores do protestantismo brasileiro:

Mas, o fato é que o protestantismo não impregnou a sociedade brasileira com sua doutrina e, principalmente com sua ética religiosa, mas confinou-se em comunidades fraternais com vetores invertidos, isto é, não se voltou para fora de si mesmo, mas para o seu próprio interior. Um dos poucos fatores positivos do protestantismo foi seu sistema educacional moderno que influenciou bastante o brasileiro (MENDONÇA, 2008, p. 212).

Cabe, ainda, um comentário de um católico que entendeu a importância que a igreja deve dar no diálogo com a sociedade, influenciando-a:

A autoridade da Igreja não é mais do que uma primeira consequência da presença d'Aquele que não quer simplesmente estar com ela todos os dias, até o fim do mundo, mas comunicar-se por ela, atualmente, imediatamente, a todos os homens, de todos os tempos e por toda parte, para reconciliá-los todos no seu corpo, entre si e com o Pai (BOUYER, 1962, p.87).

Para o presbiteriano, o pedobatismo, assim como a circuncisão, mostra o poder da fé dos pais e dá um lugar às crianças no povo de Deus. Para eles, a Bíblia mostra que é possível os pais fazerem até mesmo votos em favor de seus filhos. A santidade dos filhos é garantida pela fé dos pais (ou de apenas um deles), como ensina 1 Coríntios 7:14. O texto efetivamente ensina que até mesmo o cônjuge incrédulo é santificado. Mostra também uma diferença real entre o filho de um cristão (santo) e o de pagãos (impuro). Por fim, o cônjuge, ao contrário do filho, já é adulto e pode manifestar a sua vontade. Ele não é igual a criança. Embora o cônjuge colha algum benefício espiritual de seu casamento, ele, espontaneamente, rejeita a graça oferecida, ao contrário dos filhos, que ainda não podem exercer a sua fé, e, como em tudo no início da vida, são dependentes de seus pais.

Na visão católico-romana, os sacramentos são essenciais à salvação e purificam *ex opere operato* a pessoa do pecado original (desde que não haja nenhum obstáculo que impeça esta ação). Portanto, trata-se de bases diferentes.

Quando a Igreja Católica tornou-se uma Igreja oficial, ela teve a sua teologia baseada nas interpretações e sistematizações doutrinárias dos sacerdotes que ficaram conhecidos como pais da igreja. Um grande expoente desse período foi Agostinho de Hipona (354-430). Uma das ideias defendidas por ele era a existência do pecado original. Isto é, havia uma corrupção inata no ser humano que o degradava e, por isso, Agostinho sugeriu que as crianças já nasciam corrompidas e por isso, também necessitavam de serem batizadas para alcançar a salvação, a saber, uma vida além-túmulo no paraíso em não no lugar de castigo.

Portanto, é em Agostinho que surge a ideia de salvação através do batismo para a Igreja Católica e por isso, esta passa a batizar as crianças recém-nascidas.

Segundo Goedert (1998, p. 23) em Agostinho, o batismo vira um sacramento⁵⁹, pois liberta a pessoa do pecado original e a une à Igreja, que responde conscientemente como mediadora pelas crianças.

Uma coisa é certa: É um sacramento para as duas igrejas, e sendo um sacramento, tem uma grande importância dentro delas. A forma como deve ser tratado deve ser de constante acompanhamento e esclarecimento aos fiéis.

O então bispo auxiliar de Cracóvia, Karol Wojtyła, assim se expressava por considerar a iniciação não somente como recepção sacramental, mas como uma nova forma de vida:

“A iniciação é feita não somente pelo batismo, como também pelo catecumenato, durante o qual o ser humano é preparado para levar o estilo de vida cristã durante toda a sua vida [...] A iniciação parece algo mais amplo do que só a recepção do batismo, também depois da confirmação. Tal amplitude da noção de “iniciação” cristã deve ser da máxima importância. Sobretudo em nossos tempos, quando até os seres humanos batizados não estão suficientemente iniciados em toda a verdade da vida cristã (*Acta Synodalia Concilii Oecumenici Vaticani II, v.I, periodus prima*, p. 315).

É preciso, portanto, recuperar o ensino pedobatista nas duas igrejas. O pedobatismo mostra a importância dos pais na influência espiritual de seus filhos, o que deveria estimulá-los a se esmerarem na educação religiosa em seus lares. Também mostra que as crianças são parte do Reino de Deus, e não devem ser impedidas em seu caminho para Cristo. Mais do que isso, as igrejas precisam reaprender a considerar as crianças como sendo parte da Igreja. É preciso entender que Jesus não veio salvar indivíduos, mas sim um povo, um corpo. O pedobatismo ajuda as igrejas a compreenderem a dimensão comunitária do Evangelho, e esta compreensão pode revolucionar, não apenas a educação das crianças, mas toda a prática eclesial. E, em uma sociedade cada vez mais marcada pelo individualismo, tal ensino pode fazer da Igreja uma fortaleza de

⁵⁹ “Sacramento” significa “uma coisa separada como santa”. Neste caso específico, trata-se da crença na Igreja em um rito instituído por Jesus, transmitido por um texto, mas que não deveria ser apenas lido ou recitado, mas também, encenado.

unidade, em meio a um mundo cada vez mais fragmentado. É verdade que parece haver uma inconciliável diferença doutrinária nas duas igrejas com relação aos sacramentos. É o que afirma Bouyer (1962, p.87): “Parece-me não haver terreno onde a indisposição inerente ao protestantismo seja mais notável do que no que se refere aos sacramentos”.

Mas ele mesmo propõe uma união, algo que é primordial no cristianismo e ensinado nas igrejas cristãs:

Oxalá, possamos nós, nestes anos que vão ter, sem dúvida, tão grande importância para todo o futuro da unidade cristã, mostrarmos-nos conscientes dela, não só em tudo o que pensarmos, mas ainda em tudo o que fizermos!(p.13).

“Quando os seus filhos lhes perguntarem: ‘O que significa esta cerimônia?’, respondam-lhes: É o sacrifício da Páscoa ao SENHOR, que passou sobre as casas dos israelitas no Egito e poupou nossas casas quando matou os egípcios” (Êx 12.26-27).

“No futuro, quando os seus filhos lhes perguntarem: ‘O que significam estes preceitos, decretos e ordenanças que o SENHOR, o nosso Deus, ordenou a vocês?’ Vocês lhes responderão: Fomos escravos do faraó no Egito, mas o SENHOR nos tirou de lá com mão poderosa. O SENHOR realizou, diante dos nossos olhos, sinais e maravilhas grandiosas e terríveis contra o Egito e contra o faraó e toda a sua família. Mas ele nos tirou do Egito para nos trazer para cá e nos dar a terra que, sob juramento, prometeu a nossos antepassados. O SENHOR ordenou que obedecêssemos a todos estes decretos e que temêssemos o SENHOR, o nosso Deus, para que sempre fôssemos bem-sucedidos e que fôssemos preservados em vida, como hoje se pode ver” (Dt 6.20-24).

Quando alguns pais apresentam os filhos para o batismo, correspondem com amorosa confiança e com agradecida obediência. Deus dá, e essa parece ser a confiança das duas igrejas, uma motivação para batizar os filhos, similar à que dera no Antigo Testamento por intermédio de Moisés: Jesus nos ama, Jesus

nos salvou. Por isso a motivação de muitos de ser leais a ele. Jesus deu-se por sua esposa, a igreja (Ef 5.25).

O que não pode faltar, e parece que há esta preocupação por parte das duas igrejas cristãs, é o acompanhamento na criação dos filhos depois de batizados, ensinando-lhes e disciplinando-os nos caminhos da igreja. Esse parece ser o trabalho da Igreja Católica através da catequese, e também quando é reforçada esta intenção no apadrinhamento; assim como na Igreja Presbiteriana através da Escola Bíblica Dominical, e através também de outros meios.

E levando em consideração que o padrinho intervém pelo menos nos últimos ritos do catecumenado e na própria celebração do Batismo, quer para testemunhar a fé do batizando adulto, quer para professar, juntamente com os pais, a fé da Igreja na qual a criança é batizada, mas que deve ser ensinada e orientada pelo resto da vida.

A resposta mais espontânea e frequente à pergunta: “Como alguém se torna cristão?”, é: pelo batismo. E por batismo se entende geralmente o batismo de crianças. Ora, a criança batizada é um cristão ou uma cristã? Em germe, sim. Mas, chamaríamos um embrião de gente? Para tanto, deverá crescer, se desenvolver: No seio da mãe, na família, na comunidade eclesial, particularmente na catequese. (LELO, 2005. p.7).

Assim também não é diferente na Igreja Presbiteriana. É comum nos dias de hoje, por causa da situação social pós-moderna, avós, tios, ou mesmo padrastos ou madrastas, levarem crianças para as igrejas para serem educadas e orientadas segundo os preceitos bíblicos. Afinal de contas, não é ensinamento na Igreja Presbiteriana obedecer aos guias? O povo de Deus, isto é a Igreja, representada pela comunidade local, tem um papel importante no Batismo e depois dele.

Para concluir, cito uma ilustração que mostra bem o imaginário popular e os possíveis aspectos contraditórios nas duas igrejas: “Uma localidade na roça”⁶⁰:

⁶⁰ Fonte: Autor: **Jaime Francisco de Moura**. www.respostascaticas.webnode.com.br. Acesso em 14/04/2014.

“Um padre batizando 40 crianças em frente a sua Igreja. Um pastor estava olhando do lado oposto, com a Bíblia, e disse a um jovem: Depois do batismo, “Fala ao padre: se encontrar na Bíblia onde está escrito de batizar as crianças, vou lhe dar um milhão.” O padre mandou de volta o jovem: “Se o pastor me encontrar na Bíblia onde está escrito que só se deve batizar adultos, dou-lhe 10 milhões”.

BIBLIOGRAFIA

AMBRÓSIO DE MILÃO, Santo. **Os sacramentos e os mistérios**. Petrópolis: Vozes, 1972.

ANDRADE, Antonia de Castro. **Diante da pia batismal**: Laços de compadrio e escravidão no Maranhão oitocentista. 2003.

ANGLADA, Paulo R. B. **O Batismo Infantil**. São Paulo, Editora Os Puritanos, 2000.

BARTH, Karl e CULLMANN, Oscar. **Batismo em diferentes visões**. São Paulo: Novo Século, 2004.

Batismo, eucaristia e ministério. 3ª. ed. São Paulo: ASTE, 2001.

BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**, Cultura Cristã, 2012.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.

_____. **A História das Doutrinas Cristãs**. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1992.

BRIDGE, Donald e PHYPER, David. **Águas que dividem: uma reflexão sobre a doutrina do batismo**. São Paulo: Editora Vida, 2005.

BOUYER, Louis. **Palavra, Igreja e Sacramentos**. Ed. Flamboyant. 1962.

CALVINO, João. **As Institutas**. Vol. III. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

_____ - **Institución de la Religión Cristiana**. IV.II.12. Grand Rapids: Subcomision de Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada, 1979.

CIRILO DE JERUSALÉM, Santo. **Catequeses mistagógicas**. Petrópolis: Vozes, 1877.

COENEN, Lothar e BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Volume I. 2ª. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000.

CRESPO, S. (Coord.). **Rio: cidade das águas**. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião (ISER). 2002.

Confissão de Fé de Westminster, A. 17ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

DOCKERY, David S. **Manual Bíblico Vida Nova**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.

DOUGLAS, J.D. e TANNEY, M.C. **Dicionário Bíblico Mundo Espano** El Passo: Mundo Hispano y Casa Bautista de Publicaciones, 2003.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**, Ed. Debates. 2012.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1997.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Initiation, rites, sociétés secrètes**. Paris: Gallimard, 1976.

_____. **Iniciaciones Místicas**, Ed Taurus, Espanha, 1958.

_____. **Mito e realidade**. Ed. 4°. São Paulo: Perspectiva, 1994.

FERRAZ, Salomão. **Princípios e Métodos**, 1915.

FERREIRA, Júlio Andrade. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil**. Vol. I. 2ª. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.

FERREIRA, A. B. H.. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1ª ed. 1975.

FERENCZI, S., **Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FIORENZA, Francis S. e GALVIN, John P. (orgs.) **Teologia Sistemática: perspectivas católico-romanas**. Vol. II. São Paulo: Paulus, 1997.

FRIEDRICH. **The Theological Dictionary of the New Testament**. Michigan: WM.B Eerdmans Publishing Company. Vol.V. 1967.

GAARDER, Jostein. **O livro das Religiões** - Companhia das Letras, 2001.

GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1994.

GOEDERT, Valter M. **Teologia do Batismo**. São Paulo, Paulinas, 1988.

GRAVES, R.. **Los mitos griegos**. Buenos Aires: Editorial Losada. 1967.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HATZFELD, Henri. **As Raízes da Religião**. Editora Crença e Razão, 1993.

HODGE, A. A. **Esboços de Teologia**. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2001.

HODGE, Charles. **O batismo cristão: imersão ou aspersão?** São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1988.

JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário**. 4ª. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

KELLY, J.N.D. **Doutrinas centrais da fé cristã: origem e desenvolvimento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1994.

KLEIN, Carlos J. **Os sacramentos na tradição reformada**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

_____. **Presbiterianismo Brasileiro e Rebatismo**. São Paulo, Edições Simpósio, 2000.

LANDES, Philippe. **Estudos bíblicos sobre o batismo de crianças**. 3ª. Ed., São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979.

_____. **Estudos Bíblicos sobre o Batismo**. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964.

LETERRE, A., **Jesus e sua Doutrina: a distinção entre cristianismo e catolicismo: um estudo que remonta há mais de 8.600 anos**. São Paulo: Madras, 2004.

LERAY, G., **Planète eau**. Paris: La Villette Presses Pocket. 1982.

LELO, Antonio Francisco. **A Iniciação Cristã**. Paulinas, 2005.

MARTIN, Ralph P. **Adoração na igreja primitiva**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982.

MATTOSO, Kátia. M. de Queirós. **Escravidão**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 8, n. 16, 1988.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; **Protestantes, pentecostais & Ecumênicos. O campo religioso e seus personagens**. Organização de Leonildo Silveira Campos. 2. Ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

McKIM, Donald K. **Grandes temas da tradição reformada**. São Paulo: Pendão Real, 1998.

Pierson, Paul E. A. **Yonger Church in search of maturity**: Presbyterianism in Brazil from 1910 to 1959, 1974.

PETERS, Ted e BENNETT, Gaymon. **Construindo Pontes Entre a Ciência e a Religião**. Edições Loyola, Ed.UNESP. 2003.

RIBEIRO, Boanerges. **A Igreja Presbiteriana do Brasil: da autonomia ao cisma**. São Paulo: O Semeador, 1987.

RIBEIRO, Lidice M.P. **Ciências da Religião - História e Sociedade**. Vol. 10, nº2, 2012.

ROBERTS, Alexander D.D. ***The Writing of the Father - Tertulian Part Third***, Massachusetts, Hendrickson Publishers, 1995.

ROBERTSON, O. Palmer. **O Cristo dos Pactos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

ROSS, Ivan G. Graham- **Pública Profissão de Fé**. Casa Editora Presbiteriana, 1989.

SARTELLE, John; ANGLADA, Paulo; EVANS, John; PIPA, Joseph. **O batismo infantil: o que os pais deveriam saber acerca deste sacramento**. São Paulo: Os Puritanos, 2000.

SCHAFF, P. ***The Creeds of Christendom***. Michigan: Baker Book House, vol.II. 1977.

_____. ***History of the Christian Church***. Oak Harbor, WA. Logos Research Systems, Inc. 1997.

_____. ***The Evangelical Protestant Creeds***. Michigan: Baker Books, vol.II, 1931.

SCHUTEL C., **O Batismo**, Matão, SP: O Clarim, 1986.

SHEDD, Russell. **A solidariedade da raça: o homem em Adão e em Cristo**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

SPROUL, R.C. **Sola Scriptura: Crucial ao Evangelismo**: In: Boice. J.M. Ed. O Alicerce da Autoridade Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 1982.

SCHALKWIJK, Frans, **O Brasil Holandês**, Edições Vida Nova, 1989.

TABORDA, Francisco. **Nas fontes da vida cristã: uma teologia do batismo-crisma**. São Paulo: Loyola, 2001.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**, Petrópolis: Vozes, 1978.

VINE, W.E. **Dicionário Expositivo de Palavras Del Antigo Testamento Exhaustivo**. Editora Caribe, 1999.

VIEIRA, P.F.; WEBER, J., **Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento**: novos desafios para a pesquisa ambiental. São Paulo: Cortez, 1997

WACHHOLZ, Wilhelm, **Batismo: Teologia e Prática**. São Leopoldo, EST, 2006.

WATSON, Thomas E. **Bebês devem ser batizados?** São José dos Campos: Fiel, 1999.

ZILLES, Urbano. **O sacramento do batismo segundo Tertuliano**. Petrópolis: Vozes, 1981.

Catecismo Maior de Westminster.

http://www.monergismo.com/textos/catecismos/catecismomaior_westminster.htm.

Acesso em 20 de abril de 2012.

Compêndio do Catecismo da Igreja Católica.

http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html. Acesso em 10 de maio de 2012.

Concílio de Trento.

<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=concilios&artigo=trento&lang=bra#sessao24>. Acesso em 3 de maio de 2012.

Confissão de Fé Batista de Londres de 1689.

<http://www.monergismo.com/textos/credos/1689.htm>. Acesso em 9 de maio de 2012.

Livro das Confissões, 1966, 1967 - The General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of American. Part I.

Manual Presbiteriano. 15^a. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

Novo Catecismo, O. São Paulo: Herder, 1969.

RITUAL ROMANO reformado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade de S.S. o Papa Paulo VI.